



## ***FUTEBOL E HISTÓRIA: Uma Jogada da Modernidade***

***Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)***

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autor:  
Ricardo Pinto dos Santos

Orientador  
Professor Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva

Co-orientador  
Professor Dr. Victor Andrade de Melo

*Rio de Janeiro*

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# **FICHA DE APROVAÇÃO**

## ***FUTEBOL E HISTÓRIA: Uma Jogada da Modernidade***

***Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)***

***Ricardo Pinto dos Santos.***

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre.

## **APROVADA POR**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva - Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dr. Victor Andrade de Melo

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Luis Manuel Rebelo Fernandes

## FICHA CATALOGRÁFICA

**SANTOS, Ricardo Pinto.**

***FUTEBOL E HISTÓRIA: Uma jogada da Modernidade***

*Uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924): UFRJ/IFCS. 2007.*

**Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.**

**1. Futebol. 2. Rio de Janeiro 3. Buenos Aires 4. Modernidade 5. Raça**

*Dedico este trabalho ao meu Pai que apesar do pouco tempo de convívio físico, continua presente em minha vida. Grande apaixonado por futebol, ele foi responsável pelo meu envolvimento com a Bola.*

## AGRADECIMENTOS

Inúmeras vezes, durante todo o trabalho, eu e meus amigos discutíamos quanto a quem incluiríamos em nossos agradecimentos de nossas dissertações. Certas vezes, discutíamos como se o agradecimento fosse muito difícil, algumas vezes, até mais que o próprio trabalho.

Uma coisa é certa, existe muita gente a agradecer. É claro que, no afã da escrita, poderei esquecer alguém. Afinal. De qualquer forma, por isto, usando uma boa tática de fuga, já começo agradecendo a todos que me acompanharam, de longe ou de perto, torcendo contra ou a favor, ao longo destes dois anos de mestrado.

Enfim, é hora de agradecer em particular. É hora de lembrar das pessoas que me ajudaram nesta caminhada e, mais do que isso, das pessoas que fizeram com que eu acreditasse no verdadeiro significado da amizade, do companheirismo, da dedicação e, sobretudo, do saber.

Agradeço primeiramente, a minha querida mãe Valquiria e a minha querida irmã Samara por todos os incentivos e preocupações que ao longo de minha vida me dispensaram. Ademais, não poderia esquecer das inúmeras vezes que se abstiveram de seus programas preferidos para que eu pudesse estudar em silêncio absoluto. Muito obrigado.

Agradeço aos meus dois irmãos Otávio Sidnei e Alexandre Alves que, de maneiras diferenciadas, contribuíram significativamente para o meu crescimento como homem e pesquisador.

À minha querida companheira Aline um agradecimento muito mais que especial. Foi ela quem me ajudou, quem me aturou, quem me aconselhou e, fundamentalmente, quem me amou nos momentos mais difíceis. Obrigado, meu amor, pela sua compreensão e carinho.

Aos inesquecíveis amigos do mestrado, meus agradecimentos. Foram eles que, inúmeras vezes, nas angústias e cansaços do dia-a-dia me incentivaram e não me deixaram parar. Para mim, é fundamental citar cada um deles: Cleber Augusto, André Schetino,

Maurício Drumond e Álvaro Vicente. Estes caras foram decisivos na produção deste trabalho. Meus sinceros agradecimentos.

Duas amigas em especial foram centrais para minha mudança dentro e fora da universidade. Às amigas Sabrina Medeiros e Verônica Pires um beijo no coração de vocês. Obrigado por tudo. Vocês foram e continuarão sendo fundamentais em minha história.

Aos amigos do “Laboratório de Estudos do Tempo Presente”, o famoso TEMPO, meu muito obrigado. Saibam que é com grande admiração e respeito que me orgulho de fazer parte deste grupo.

Aos amigos do trabalho, meu muito obrigado. Paiva, Matos, Olavo, Júlio César, Luis Alves e a todos os que trabalham comigo. Tenham certeza de que grande parte de minha vida acadêmica só aconteceu porque pude contar com ajuda de vocês.

Agradeço imensamente à professora e amiga Francilene Matos por, com muita paciência e qualidade, ter feito a revisão manuscrita de todo este trabalho. O aperfeiçoamento deste escrito se deve muito ao empenho e à dedicação desta amiga.

Enfim, a todos vocês, o meu muito obrigado.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Dedico este espaço para agradecer a duas pessoas que se tornaram fundamentais em minha trajetória. Francisco Carlos e Victor Melo. Eles foram os responsáveis por me fazer acreditar que dentro da academia, lugar por excelência de disputas de egos e brilhantismos, existem pessoas especiais que se colocam acima destas questões e priorizam o aluno e a construção do saber.

Seria preciso muito mais que esta simples lauda para agradecer a estes amigos. Sem a atenção, compreensão, generosidade e contribuição de cada um deles, esta dissertação não se teria findado. Talvez, nem sequer começado.

Os inúmeros gestos de amizade que recebi, diante das minhas fragilidades acadêmicas e da vida, fazem com que eu me sinta honrado em tê-los como amigos e orientadores. Por isso, descontados os deméritos deste trabalho, resultado de possíveis teimosias e incompreensões de minha parte, sinto ter cumprido a missão que a mim foi confiada e, mais uma vez, agradeço.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, a partir de uma perspectiva comparada, apresentar um novo debate entre as experiências vivenciadas a partir do futebol, nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires, entre os anos de 1897-1924. Neste estudo, a história dos primórdios do futebol será contada, fundamentalmente, a partir das vivências das camadas populares e suas interlocuções com outros grupos sociais.

Durante muito tempo, a história do futebol esteve atrelada às elites sociais. Fosse pela superioridade econômica ou pelo poder político, as diversas esferas da sociedade pareciam ser definidas somente por este determinado grupo. Neste sentido, tentar-se-á demonstrar, utilizando o futebol como ferramenta, que a sociedade que emergia no momento a ser estudado, como em qualquer outro recorte histórico, gerava diálogos e interferências entre todos os grupos sociais. E que, de forma decisiva, apesar da violência e dos desafios impostos pelos novos tempos, as camadas populares estiveram plenamente conectados à sociedade.

A violência, o racismo e o movimento de aproximação entre o futebol e as camadas populares serão os principais guias deste trabalho. Com estes, pretende-se provar a dinâmica e a complexidade social que eram vividas no período em questão e, de alguma forma, contribuir para uma melhor reflexão sobre tão significativo momento para as cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO E RELEVÂNCIA DO TEMA.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO</b>	
<b>A CHEGADA DO FUTEBOL NO BRASIL E NA ARGENTINA.....</b>	<b>41</b>
<b>SEGUNDO CAPÍTULO</b>	
<b>RIO DE JANEIRO E BUENOS AIRES: VIOLÊNCIA, IMPRENSA E AS CAMADAS POPULARES NOS PRIMÓDIOS DO FUTEBOL.....</b>	<b>82</b>
<b>FUTEBOL E RACISMO.....</b>	<b>108</b>
<b>TERCEIRO CAPÍTULO</b>	
<b>A APROXIMAÇÃO ENTRE AS CAMADAS POPULARES E O FUTEBOL.....</b>	<b>132</b>
<b>A MODERNIDADE E AS CAMADAS POPULARES .....</b>	<b>135</b>
<b>CAMADAS POPULARES, FUTEBOL, CORPO E MODERNIDADE .....</b>	<b>141</b>
<b>GRUPOS SOCIAIS: IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E CLUBES.....</b>	<b>146</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>163</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>165</b>

*“A função do Esporte não é somente a de tornar os indivíduos ágeis e destemidos, mas também de prepará-los para suportarem todas as reações”*

*Adolf Hitler (Mein Kampf - 1924)*

*“...Com efeito, o futebol é um desporto mundial, e hoje isto é mais evidente do que nunca, se considera o elevadíssimo nível de interesse popular e dos meios de comunicação que este desporto suscita. A vossa responsabilidade é global pois a vossa Associação conta com mais de duzentos países e cento e vinte milhões de jogadores. Tendes um poder imenso, que deve ser utilizado para o bem da família humana...*

*É verdade que o bom êxito financeiro do futebol pode ajudar a promover iniciativas novas e dignas de apreço...Mas pode contribuir também para uma cultura de egoísmo e de avidez...*

*Como desporto compartilhado por pessoas de diferentes tradições étnicas, raciais, econômicas e sociais, o futebol constitui um excelente instrumento de promoção da solidariedade, tão necessária num mundo profundamente caracterizado por tensões étnicas e raciais...”*

***João Paulo II***

(Discurso do Santo Padre aos membros da Fédération Internationale de Football Association FIFA em 11 de dezembro de 2000)

## **Apresentação e Relevância do Tema**

Ao fazermos uma leitura dos estudos sobre futebol, no Brasil e na Argentina, notamos que eles se diferem muito pouco. No caso específico dos estudos históricos há um outro agravante: foi verificada uma pequena quantidade de trabalhos que, apesar de contribuir de maneira significativa para os avanços dos estudos sobre o tema, não conseguiram se consolidar na área acadêmica.

Desta forma, o primeiro problema a ser apontado e superado com este trabalho será o de contribuir, com maior ênfase, para o desenvolvimento de um estudo relacionado ao esporte e ao lazer, a fim de que seja este, efetivamente, um trabalho histórico e acadêmico e possa ser consolidado neste âmbito.

Ainda que este quadro seja problemático e difícil de ser superado, o desafio está sendo encarado por um grupo de jovens pesquisadores, do Laboratório de Estudos do Tempo Presente, com intuito de, definitivamente, superar as barreiras do academicismo tradicional.

É lugar-comum dizermos que o futebol brasileiro é o melhor do mundo, da mesma forma que é consenso que o futebol é o principal esporte da modernidade, porém, malgrado este quadro geral de grande relevância, a história demorou muito tempo para assumir a importância do assunto como objeto de estudo. Desta forma, nosso esforço estará em demonstrar que temáticas como esportes nunca estiveram descoladas das outras esferas da sociedade e que, acima de tudo, contribuem para um olhar mais amplo do universo social.

Neste estudo, as escolhas feitas visam extrapolar as fronteiras regionais para que seja possível uma reflexão mais apurada e abrangente sobre o tema abordado. Na verdade, o futebol, não somente no Brasil e na maioria das vezes, foi tratado como uma questão interna, sem maiores interlocuções com outras discussões sociais e econômicas, nem mesmo em diálogo com outras regiões.

Como a intenção deste trabalho será desenvolver um novo debate sobre o tema futebol, pretendemos avaliar, a partir de uma análise comparada, os seus primórdios em duas grandes capitais que tenham atualmente neste esporte uma marca emblemática da sua nacionalidade: Rio de Janeiro e Buenos Aires. No período escolhido para análise, 1897-1924, estas cidades eram sedes dos seus respectivos governos federais e apresentavam um considerável cenário esportivo. Eram também as principais portas de entrada do país, fosse de capitais, pessoas ou culturas. As duas cidades apresentavam um cenário complexo e dinâmico, adequado às transformações do esporte e do país.

Na busca de uma análise mais aperfeiçoada, optamos por transcender nossas fronteiras regionais e trabalhar com uma capital federal que possuísse as mesmas condições gerais que o Rio de Janeiro. Desta maneira, Buenos Aires foi a cidade escolhida, não só pela concomitância de alguns fatos relacionados às mudanças da cidade, mas também por sua importância no cenário futebolístico.

A escolha do período também seguiu este mesmo entendimento. Os anos de 1897 a 1924 foram definidos a partir da compreensão de que a virada do século e juntamente com os primeiros anos subsequentes compreendeu-se em um período de grandes transformações tanto para Argentina quanto para o Brasil. Além disso, as duas cidades, Rio de Janeiro e

Buenos Aires, já apresentavam, algumas vezes explicitamente, uma íntima relação entre os aspectos políticos, sociais e o cenário esportivo.

As dinâmicas e as experiências vivenciadas nas duas capitais foram decisivas para a estruturação, consolidação e, sobretudo, para a reconfiguração do futebol, do cenário esportivo e de toda a sociedade, tanto no Brasil quanto na Argentina. Produzir um estudo a partir deste ponto de vista é, sem dúvida, tentar apresentar um novo e significativo debate sobre o tema.

## Disciplina e Método

O processo do método comparativo é justamente o que permite o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo *habitus* e reproduzido pelo senso comum.

THELM e BUSTAMANTE

Inicialmente, vale ressaltar a idéia de que apenas profissionais da Educação Física, jornalistas, sociólogos e antropólogos produziam estudos sobre o campo esportivo. Isso faz-se marcante não somente no Brasil, mas também, desde os anos 60, nos Estados Unidos, no Canadá, na Alemanha, e em outros países da América Latina, como Argentina e Uruguai.

Na Europa, o esporte passou a ser tema de estudos sociológicos ainda nos anos 60, com Anthony Giddens, na London School of Economics. Porém, assim como aconteceu em outros lugares, o trabalho não teve prosseguimento por acreditar-se que o tema não era digno de uma discussão sistemática.

Ainda assim, existiam outros e importantes autores debruçados sobre este assunto. Pierre Bourdieu<sup>1</sup>, por exemplo, produzia trabalhos importantes sobre a sociologia do esporte na década de 70. Entretanto, mesmo enquanto figura significativa da universidade, a importância destes trabalhos, em sua trajetória acadêmica, era de certa forma reduzida ou mesmo esquecida dentro do conjunto total das obras destes autores. Enfim, por todo o mundo a produção sobre o esporte foi deficitária e pouco valorizada. Assim sendo, a realidade brasileira, bem como a da Argentina, não fugiram à regra.

---

<sup>1</sup> O trabalho deste autor é significativo para a produção acerca do esporte. Ver em: Programa para uma sociologia do esporte, conferência introdutória ao VIII Simpósio do ICSS “Sport, classes sociales et sub-culture”. PIERRE BOURDIER. Paris, julho de 1983.

O esforço deste trabalho compreenderá em ultrapassar alguns aspectos teóricos e práticos formais, comuns à compreensão do período e do tema estudados. Nossa Intenção será escrever uma história que contemple a cidade e o esporte, em especial o futebol, e que ao fim apresente um valor notadamente histórico.

Longe de um discurso que venha reproduzir uma força alheia e dominadora vinda da Europa, que aja sobre a América Latina e que defina sua história, este trabalho tem como intuito - e podemos dizer como método - colocar frente a frente a história do futebol e das sociedades. Isto tem como finalidade mostrar que apesar das interferências externas, estes dois elementos tinham autonomia significativa na produção de seus próprios valores e símbolos.

Durante muito tempo, a determinação dos países europeus serviu para a construção de histórias locais nos países do chamado “novo mundo”. Tanto a história brasileira quanto a argentina – e de alguma forma a história dos diversos países que passaram por um processo de colonização - foram escritas e descritas a partir de uma compreensão voltada, quase que exclusivamente, à importância e à dominação de seus colonizadores.

O futebol, praticado com enorme devoção no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, serve como base para que possamos compreender que, para além da prática esportiva, o esporte serve como ponto de interseção de várias questões sociais, econômicas e políticas. Talvez por isso, a história do futebol também tenha passado por questões colonizadoras.

Neste sentido, podemos dizer que há um interesse que extrapola o esporte. Existe, desse modo, um outro problema que irá também fazer parte de nossos esforços. Há uma, não somente no Brasil, necessidade ainda muito grande de se compreender regiões

articuladas a outras. Na verdade, o que notamos é que os estudos locais quase sempre são feitos a partir ou de uma supervalorização da interferência externa ou da supervalorização do interno, como já dissemos. Mas para isso ser comprovado e superado, necessitamos de estudos comparados e articulados.

Metodologicamente, desenvolveremos uma análise comparada que apresente, para além dos pontos convergentes e divergentes, a consolidação do processo de desenvolvimento do futebol, que se tornou um dos maiores representantes do imaginário de nação em ambos os países. Além disso, apresentaremos “novos” agentes sociais que também contribuíram para a dinâmica das cidades.

Estudar os primórdios do futebol no Brasil e na Argentina tem como uma das finalidades contribuir para uma melhor compreensão da formação social de suas capitais. E, para isso, Apresentaremos uma nova possibilidade de reflexão sobre os espaços urbanos e os grupos sociais articulados ao cenário esportivo, valores reais e simbólicos, que terá como objetivo promover esta melhor compreensão.

Desta forma, propomos, a partir de uma perspectiva da história comparada que, apesar de recente no Brasil, vem apresentado novas propostas, formas, métodos e desafios para construção do conhecimento, uma nova forma de pensar o futebol. Uma forma que transcenda as fronteiras do regionalismo ufanista.

No Brasil, os métodos e as técnicas da história comparada são utilizados por um número reduzido de pesquisadores, ainda que num pressuposto mais amplo todo o exercício histórico seja conduzido através de perspectivas comparadas.

Na Europa, também foram poucos aqueles que aceitaram o desafio da história comparada, como afirma Hartmut Kaelble: *era com muita freqüência praticada na Europa e nos EUA desde os anos 70, porém, sempre e somente por uma escassa minoria de historiadores.*<sup>2</sup> Neste sentido, ainda que seja reduzido o número de pesquisadores que utilizaram este método, podemos dizer que ele servirá como ponto de apoio na construção de uma história onde os conhecimentos estarão, no mínimo, mais problematizados e relacionados.

O caráter multifacetado e global do futebol são características fundamentais deste esporte e, principalmente por isto, muito pertinente e estimulante para a utilização do método comparado. Podemos dizer que, na medida em que o futebol consegue, a partir destas características básicas, se tornar um fenômeno sem fronteiras ele se torna um objeto pleno da história comparativista.

Um exemplo marcante destas questões se evidencia na produção da historiografia francesa. Onde, romper as barreiras para a possibilidade de um novo saber foi extremamente difícil. A rubrica da história comparada no caso francês foi, de certa forma, velada pela tradição da historiografia do país.

É através da comparação que tentaremos identificar situações, questões e mesmo casos e respostas singulares. Assim, para um melhor esclarecimento sobre o futebol brasileiro e todas as suas possibilidades temáticas, a história comparada se tornou uma potencial possibilidade.

---

<sup>2</sup> KAELBLE, Hartmut. *Die Debatte über vergleich und transfer und was jetzt*. Trad. Álvaro Brangança Júnior, 2005. p. 11.

## Referências Teóricas

Hoje em dia, a partir da notabilidade incontestável do futebol, a academia vem transformando o esporte numa grande fonte de reflexão. Novos e inúmeros estudos estão fazendo emergir pesquisas que transcendem o caráter esportivo e possibilitam outras perspectivas. Sobre esta mesma motivação, estudos acadêmicos sobre outras modalidades esportivas também começaram a ser produzidos. Com isso, a variedade de títulos aumentou de forma considerável, essas, apesar de quantitativamente numeroso, o tema não está esgotado. Ao contrário, ele parece cada vez mais promissor, proveitoso e, sobretudo, revelador.

Será decisivo neste trabalho, dentro do rigor da história comparada, o completo afastamento de qualquer tipo de hierarquização cultural ou social. Para isto, partiremos da premissa da existência de uma sociedade complexa e composta de infinitos elementos que pertencem à dinâmica das relações e das práticas sociais, e, não são lineares, causais nem evolutivas.

Autores como Nobert Elias, Eric Dunning, Peter Gay, Pierre Bourdieu e Edward P. Thompson são debatidos constantemente nas produções acerca da temática esportiva e do lazer. Óbvio que a qualidade destes autores faz com que seu uso constante seja válido e necessário, porém, novas fontes teóricas devem ser pensadas e apresentadas ao tema, na tentativa de, cada vez mais, ampliar o debate e a produção acerca do tema.

Como já foi dito, a produção de historiadores sobre esta questão é extremamente pontual. Por isso, foi necessário buscar nas obras de referência da Sociologia e de áreas

afins o suporte teórico necessário para dar conta deste projeto. Será na articulação de alguns dos conceitos destes autores que este trabalho se construirá.

Como esforço inovador, tentaremos apresentar, logo no primeiro capítulo, novas contribuições teóricas que, efetivamente, farão parte de um conjunto de reflexões que, associadas à temática, servirão para dinamizar, estruturar e fundamentar melhor este estudo.

Começando pela escolha do tema e pela sua importância no cenário acadêmico, Eric Dunning, no prefácio do seu livro, demonstra como era difícil tratar dos chamados temas menores, como o caso emblemático do futebol, nas ciências sociais na Inglaterra e no mundo. Escreve o autor:

De modo que, como a raça, o esporte não era o centro de problemas sociais sérios na época em que estavam definindo os perfis básicos da sociologia moderna. Além disso, muitos alegariam que tampouco constitui uma propriedade básica nem universal dos sistemas sociais.<sup>3</sup>

O processo de desenvolvimento e mesmo a formação da sociologia moderna contribuíram em muito para a ausência de temáticas voltadas para o esporte e lazer. Como conforma a citação acima, questões de raça e de esporte não eram consideradas problemas sociológicos de grande importância.

Com o enriquecimento das correntes sociológicas, o perfil moderno da sociologia como disciplina se transforma. Isto fica marcante no período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mais propriamente na segunda metade do século XX, onde a re-estruturação social e, sobretudo, a evidência de uma sociedade de consumo reforçam, ou melhor, apresentam novas temáticas, como lazer e o esporte, como promissoras nas ciências sociais.

---

<sup>3</sup> ELIAS, Nibert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio em le processo de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.12. Tradução nossa.

Os paradigmas dominantes da sociologia, até então, eram marcados pelos temas “sérios” e “racionais” da vida do indivíduo. Assim, neste período, os estudos sociológicos produzidos eram restritos a uma margem comparativa estreita das atividades sociais. Estudos voltados para o lazer, esporte, jogos, ou mesmo que trabalhassem com sensações e emoções não racionais recebiam pouca atenção dos estudiosos. Eram considerados estudos “não sérios”.

Verificou-se, no decorrer da segunda metade do século, a necessidade de uma ampliação não somente das temáticas, mas, sobretudo, da concepção de todo o paradigma das ciências sociais. Mais do que isso, houve uma necessidade imensa de ampliar o caráter comparativo dos temas, gerando novas possibilidades de reflexões e compreensões.

Elias e Dunning contribuem para o avanço dos estudos acerca do esporte e do lazer por atribuírem a estes objetos de estudos, considerados a partir da concepção do não-trabalho, uma importância significativa e necessária para o entendimento mais apurado de uma sociedade. O trabalho dos autores resulta em uma transformação decisiva no quadro dicotômico estabelecido pela sociologia tradicional na definição dos seus temas. Ou seja, a dicotomia entre trabalho e ócio, mente e corpo, seriedade e prazer, fundamentos econômicos e não-econômicos assumiram uma configuração muito mais esclarecedora, na medida em que se atribuiu a cada uma dessas categorias a mesma importância.

Outro ponto de contribuição para o desenvolvimento deste trabalho se dá pela compreensão de que os temas que estavam definidos como “não sérios”, como o esporte, foram decisivos. Tanto este, quanto outros já consolidados na literatura, para a formação da sociedade moderna e de seus valores simbólicos e reais, materiais e imateriais e,

fundamentalmente, para a formação de identidades, sejam elas micro (regionais) ou macro (nacionais) são importantes para este estudo.

... assim, o esporte e a guerra implicam tipos de conflito que se entrelaçam sutilmente com formas de interdependência, cooperação e formação de grupos – nós – eles.<sup>4</sup>

No Brasil e na Argentina, a formação destes grupos é ponto chave para o entendimento da construção do futebol como esporte mais popular. Assim, uma comparação ampla e, sobretudo, relacionada nos seus vários pontos se faz necessária e pode ser tornar reveladora para o tema.

Nobert Elias descreve o caráter pioneiro e visionário da Inglaterra no que se refere às modalidades esportivas, no sentido de estruturá-las formalmente e, principalmente, expandi-las para além de suas fronteiras. A própria definição de *sport*, indicada pelo autor, inicialmente inglesa, foi internacionalizada com um significado muito amplo, mas diretamente relacionada a passatempos. Desta forma, voltamos à discussão anteriormente apresentada, em que a oposição entre seriedade e lazer, bem como entre trabalho e ócio, acabam definindo um sistema de valores e, de certa forma, determinando escolhas.

O ponto significativo deste debate não está circunscrito somente na definição das temáticas das ciências sociais, mas sim pela compreensão de que os eventos inerentes ao período do “não-trabalho” (esporte, lazer e ócio) são partes integrantes e essenciais da

---

<sup>4</sup> Idem. p. 13. Tradução nossa.

construção da própria sociedade. Com isso, deve ficar mais fácil demonstrar o quanto o quadro social, político, cultural e econômico são relacionados, interdependentes e híbridos.

Decididamente, o desporto, até meados do século XIX, foi dominado pelos passatempos aristocráticos. E, desta maneira, foram as elites locais, os primeiros grupos a terem acesso a práticas esportivas durante o período de expansão. Este acesso acabava por estar diretamente ligado a outros eventos e a condição social e econômica. Em países que experimentavam grandes transformações, como Brasil e Argentina, estas mudanças proporcionavam ao conjunto da sociedade um modo de viver inteiramente novo e repleto de novos valores.

De qualquer forma é bom esclarecer que, ainda que os esportes tenham sido, nos mais diversos países, importados em grande parte da Inglaterra, seus valores e ideais passaram por uma reconfiguração e uma releitura dos seus significados, reais e simbólicos, muito específica em cada um destes locais que acolheram o esporte.

Cada um dos grupos sociais (elites e camadas populares) que vivenciou, como espectador ou praticante, as dinâmicas esportivas, construiu ou reafirmou, de forma bem específica, as suas representações e valores no esporte. Ou seja, o futebol foi, naquele momento, uma nova moldura na qual os valores sociais, dos grupos que pretendiam dominar o esporte, deveriam ser colocados e mais uma vez firmados como condição básica de acesso.

Como escreve Elias, o futebol tornou-se *merecedor de um valor muito mais alto. Instituição que para muitos parece ter importância religiosa ou quase religiosa, no sentido de que se transformou em uma das principais, senão a principal, fonte de identificação,*

*significado e gratificação em suas vidas.*<sup>5</sup> Assim sendo, o autor reflete o cenário no qual o futebol se enquadrou nestes dois países e, nos faz avaliar sistematicamente, todos os valores, idéias e ideais com os quais o futebol dialogava durante o período estudado.

A fonte de identificação, significado e gratificação apresentada por Nobert Elias, associada à construção do conceito de *álbis sociais* de Peter Gay, representam grande parte deste trabalho.

Dentro desta perspectiva, de certa forma uma luta de classes, elite<sup>6</sup> e camadas populares de um lado, brancos, negros e *criollos*<sup>7</sup> de outro, construíram e reconstruíram seus valores e foram acomodando-os no futebol. Como escreve Peter Gay, *toda cultura, toda classe, todo século constrói seus próprios álbis para a agressão. E cada um desses estratagemas defensivos tem sua história.*<sup>8</sup>

A contribuição de Peter Gay é valiosa para este estudo por esclarecer que, malgrado a dinâmica de sociabilidade experimentada apareçam de forma diferenciada em cada sociedade, todas as sociedades criam álbis de agressão. Ou seja, alguns grupos, sobretudo aqueles que visam manter a hegemonia, estavam e estarão sempre, formulando idéias e

---

<sup>5</sup> Idem. p.27. Tradução nossa.

<sup>6</sup> Definimos como elite o grupo social que pertencia, em ambas as cidades, a chamada *high life* da sociedade. Grupos marcados pela boa condição econômica e por um estilo de vida caro e seletivo.

<sup>7</sup> *Criollos* são os filhos de estrangeiros não ingleses nascidos na América. Quase sempre a condição de ser um Criollo viria agregada a um sentido pejorativo e agressivo. Notadamente, foram os filhos de espanhóis e italianos quem mais sofreram com esta condição. Tal grafia é encontrada em todos os escritos do período nos jornais e revistas Argentinas. Assim sendo, será utilizada na sua forma original em todo o trabalho.

<sup>8</sup> GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.42.

construindo a figura do “outro” inferior e menos importante, para que a sua imagem continue sendo encarada como modelo para a sociedade.

Mais do que isso, o autor demonstra que, na maioria das vezes, estes álibis são racionalizações consagradas do passado que servem para a configuração e construção do presente. Sendo Assim, tomando como parâmetros Brasil e Argentina, valores que até então eram bases para a formação de identidades locais e, fundamentalmente, de grupos sociais muito bem definidos, serviram, após uma reconfiguração, como álibis para excluir os grupos que não compartilhassem destas mesmas idéias.

A tentativa de agregar os iguais pressupunha, essencialmente, a exclusão dos demais. Isto fica mais evidente quando o autor escreve que

ao reunir comunidades de pessoas “de dentro” elas revelavam – muitas vezes inventavam – um mundo de estranhos para além das paliçadas, indivíduos e classes, raças e nações, que era perfeitamente adequado contradizerem, tratar com superioridade, ridicularizar, explorar ou exterminar.<sup>9</sup>

No futebol, isto é marcante com a formação dos clubes das elites, seus estatutos e ligas desportivas e, sobremaneira, com o discurso da imprensa na qualificação das camadas populares. Tanto a gerência dos clubes e ligas como as produções jornalísticas representavam um grupo específico da sociedade que visava excluir - ou, pelo menos, tentar excluir - todos os outros demais grupos. O álibi da agressividade é sempre depreendido com maior intensidade ao *Outro*, ao diferente.

A situação da agressividade estará presente em grande parte deste trabalho. Neste sentido, compreendemos que, em grande escala, os conflitos sociais e a própria

---

<sup>9</sup> Idem. p.43.

agressividade vivenciados em momentos históricos anteriores acabaram por reproduzir e reconstruir novas formas de agressividade que transcenderam a agressão propriamente dita das senzalas no Brasil e o extermínio de negros e índios na Argentina.

O álibi da agressividade se mostra de várias formas diferenciadas. Nosso estudo estará voltado para compreensão de como esta agressividade foi demonstrada nos dois países, articulada ao processo de formação das identidades dos grupos sociais, locais e nacionais. Como trabalharemos com categorias, como *elites* e *camadas populares*, um estudo sobre a obra de Edward Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, se fez proeminente e, sobretudo, esclarecedor para o desenvolvimento do tema em questão.

Partindo da premissa de que as cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires são lugares de grande dinâmica, observar-se-iam construções e reconstruções simbólicas que formulariam e configurariam estruturas perceptíveis de grupos sociais bem definidos. Estas marcas estariam constantemente passando por um processo de significação contínua dos seus símbolos e marcas. Neste sentido, o álibi da agressividade seria parte central na construção do projeto dos grupos que se pretendiam ser dominantes.

No entanto, em acordo com Thompson, apresentaremos críticas ao determinismo e ao reducionismo destas relações sociais, bem como à própria compreensão do conceito de “camadas populares”. No caso brasileiro, devemos levar em conta que a classe operária esteve intimamente ligada à população negra e pobre do país. E por isso, tal fato emerge com especificidades próprias na definição do conceito.

Entretanto, as camadas populares não devem ser entendidas isoladamente. Elas devem ser compreendidas a partir do acesso dos indivíduos a determinados valores, e das

suas próprias experiências sociais. Desse modo, a experiência se torna capital para o desenvolvimento, incorporação e definição deste grupo. Assim sendo, consideramos como “camadas populares” pessoas de baixo poder aquisitivo e social, que fundamentalmente, a partir das suas experiências e hábitos subalternos, são considerados, de uma forma inadequada, como sendo inferiores frente às elites.

Era comum, até bem pouco tempo no Brasil e na Argentina, fazermos leituras em que a história social era definida pelas elites ou que pelo menos priorizasse o seu papel como definidor do quadro social apresentado. Desta forma, tornaram-se indispensáveis estudos que demonstrassem o papel relevante das classes operárias e das minorias sociais no processo de formação de suas cidades.

A partir das obras de Thompson, podemos compreender esta nova forma de fazer história. As camadas populares passam a assumir papéis de protagonistas da história e, por isto, passam a apontar para uma nova compreensão da mesma. Desta forma, Passamos a entender que as camadas populares dialogam constantemente com as elites e, a partir deste contato e desta dinâmica, o cenário social é construído. Assim, outras possibilidades históricas são apresentadas e ocorre uma significativa mudança de paradigma na produção histórica.

Diante da proposta de valorizar a experiência como central na configuração da sociedade, Pierre Bourdieu também se torna fundamental para a nossa reflexão sobre a cidade e o futebol. Isto ocorre devido o autor considerar o capital cultural uma fonte geradora de posições definidas no espaço social. Assim como o capital econômico e social,

o aspecto cultural também é parte fundamental na constituição de uma cidade e de seus grupos sociais.

O conceito de *habitus* descrito por Bourdieu nos serve para demonstrar que as ações dos indivíduos não são resultados simplesmente de pressões externas, do mesmo modo que não são somente resultados de questões internas. São, afinal, resultados da comunhão destas duas esferas, e acabam por obedecerem às especificidades do lugar social dos próprios agentes.

A formação de identidades, um dos pontos centrais deste trabalho, passa, decisivamente, pela definição do *habitus* social. Para Bourdier, as pessoas não existem, pelo menos para o mundo social, se não possuem algum tipo de *habitus*, uma vez que é por meio deste que percebem a si e aos demais e, portanto, que podem agir e distinguir-se em seu grupo. É, na compreensão deste sentido que acabamos pertencendo a um grupo e não a outro.

Outro conceito utilizado neste trabalho será o de *sociedade do espetáculo*, desenvolvido por Guy Debord<sup>10</sup>. Na verdade, apesar deste ter sido desenvolvido pelo autor para tratar das sociedades pós anos 50, compreendemos que muito de suas análises podem retornar no tempo de forma a contribuir para a compreensão de algumas estruturas da modernidade.

Ainda que pareça um anacronismo a utilização deste conceito, consideramos a modernidade, desde o seu início, um cenário por excelência espetacularizado. Vale dizer

---

<sup>10</sup> DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook, 2003.

que a definição de *espetáculo* que será utilizada não se encerra na exibição de um conjunto de imagens, mas sim faz parte, da construção de um conjunto de relações pessoais mediatizadas pelas imagens.

Apesar da relação midiática definida por Debord está inscrita nas imagens televisivas da contemporaneidade, podemos dizer que os jornais e revistas do período estudado já tentavam consolidar e forjar imagens que, ao fim e ao cabo, foram significativas na construção de relações sociais.

Em menores proporções, mas tão decisivas quanto, o material jornalístico da virada do século apresentava as elites e as camadas populares conjugando textos repletos de valores qualitativos e hierarquizados, e imagens que objetivavam definir a forma ideal do modo de vida moderno. Assim sendo, compreendemos que tais imagens contribuíram de forma decisiva para a definição do imaginário da modernidade das capitais em questão.

Enfim, faz-se justo afirmar que todos estes autores serviram como referências teóricas para este trabalho.

## Objetivo

O objetivo central deste trabalho será construir sobre um dos aspectos da história cultural da sociedade brasileira e argentina, mais especificamente do Rio de Janeiro e Buenos Aires, no período de 1897 a 1924, uma história destas cidades que, tendo como centro da discussão o futebol e as camadas populares, possa emergir com uma nova contribuição para estudos futuros sobre o tema.

Iremos considerar, neste sentido, o futebol como um grande laboratório das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade. Com ele será possível explorar vários componentes das relações sociais, bem como das relações pessoais, marcadas na modernidade por seu caráter híbrido e multifacetado, para compreendermos melhor o conjunto da sociedade.

Competição e cooperação, conflito e harmonia, que a priori são apresentados como valores bem definidos e opostos na sociedade em geral, no campo esportivo, e não somente nele, revelam-se em vários contextos como interdependentes. O grande esforço estará voltado para a construção de um saber que esteja para além da dicotomia e do dualismo simplista destes conceitos.

Por fim, torna-se também objetivo deste trabalho dar uma pequena contribuição para a história do futebol e das cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires.

## Hipótese

A principal hipótese deste trabalho está inscrita no esforço de demonstrar que, apesar de sofrer com a violência (simbólica e real), as camadas populares foram fundamentais para o processo de desenvolvimento e transformação do futebol e das cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires. Descrever sua importância será como revelar suas dificuldades, interesses e opções diante da nova cidade que emergia no período a que se destina este estudo.

Tentaremos demonstrar que este processo se configurou diante de grande turbulência, na medida em que estes valores não eram impostos, mas sim assumidos como parte de um processo de criação, subjetivação e, sobretudo, de invenção de novos significados.

Por um grande período da história, as camadas populares estiveram à margem da maior parte das discussões historiográficas. Quando não eram excluídas, eram representadas como um bloco monolítico, passivo ou rebelde, e em algumas questões as camadas populares pareciam não ser agentes sociais efetivos da sociedade, mas sim, como diria o professor José Murilo, um grupo de “bestializados”.

Consideramos que as experiências vivenciadas nas duas primeiras décadas do século XX, através da chamada modernidade, foram decisivas para a emergência de novos sentidos de liberdade e autonomia. Assim, o fundamental deixava de ser quem era o protagonista destes sentidos e passava a ser quais os significados que os grupos sociais poderiam tirar deles.

Foi dentro de um cenário de tomada de consciência, por parte das camadas populares, e do aparecimento de uma prática esportiva (futebol) que se possibilitou a inserção social deste grupo, fosse ela simbólica ou real, que no Rio de Janeiro e em Buenos Aires se assistiu uma grande transformação do cenário esportivo.

Diante de novas possibilidades, as elites tentaram conter, ou mesmo controlar, as camadas populares. Da mesma forma, houve através dos discursos da imprensa produzidos em larga escala também pela elite, um processo de descaracterização das práticas populares e, em último caso, das próprias camadas populares. Neste contexto, o futebol se tornou uma fonte de resistência e subversão fundamental para as camadas populares.

Enfim, as experiências sociais vividas no início do século contemplavam, de uma forma ou de outra todas as esferas da sociedade (lazer/trabalho), bem como todos os grupos sociais (elites/camadas populares). O reconhecimento desse cenário nos permitirá compreender melhor o conjunto da sociedade.

## Fontes e Estrutura

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados vários tipos de fontes. Não obstante, fontes primárias foram a base central de todo o trabalho e foram elas: os jornais *La Nación* e *The Standard* e a revista *Caras e Caretas*, na Argentina, no período de 1896 a 1924, no Brasil, foram analisados, como é comum nos trabalhos sobre o tema, os jornais *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil* (todos no período de 1897-1924), as Revistas: *O Malho*, *Kosmos* e a *Cigarra Esportiva*, no mesmo período. Da mesma forma, foi utilizado para análise de períodos menores a *Revista Moderna* (1898-1899), *Revista Careta* (1908), *Fon Fon* (1907/08/09/10) e *Esporte Ilustrado* (1920/21)

Todavia, visando ir além das fontes já muito exploradas por outros pesquisadores, tentaremos dialogar com outras fontes pouco aproveitadas na produção dos textos acerca do tema. utilizamos como fonte: a Série Justiça do Arquivo Nacional, os processos criminais das pretorias do centro da cidade do Rio de Janeiro, bem como jornais direcionados à comunidade negra e operária da cidade, tais como: *Getulino* (1924), *A voz do Trabalhador* (1909) e a *Gazeta Operária* (1903/04).

A análise destas novas fontes primárias foi fundamental para ampliação e fundamentação deste trabalho. Através delas, várias questões apontadas no texto puderam ser contrastadas com as fontes da época que confirmavam ou refutavam as indicações que comumente nos deparamos nos textos sobre o tema. Vale ressaltar que houve uma diferença quantitativa de fontes primárias brasileiras em detrimento das fontes argentinas. Porém, foi feito um esforço para que esta diferença não comprometesse a argumentação apresentada.

Para além das fontes primárias, também foram utilizadas fontes secundárias dos dois países que debruçam sobre o tema e que efetivamente puderam contribuir para as nossas reflexões.

Enfim, o presente estudo tentará levantar novos enfrentamentos sobre um período importante do futebol. Na verdade, a proposta será demonstrar que, entre as igualdades e diferenças visíveis nos dois países, existe uma relação muito intensa, complexa e dinâmica, que contribui para a compreensão mais ampla dos dois cenários sociais envolvidos.

Reiteramos, pois, a possibilidade da construção de um saber mais articulado e mais amplo sobre o futebol. Evidenciamos nosso interesse precípuo na história das sociedades que atrelada a esta modalidade esportiva assume um caráter inovador e importante. Neste caso, também foi necessário um debate acerca de outras modalidades esportivas que apresentaram relações e significados destacados na sociedade.

Este trabalho será apresentado em três capítulos. No primeiro será descrita a chegada do futebol na Argentina e no Brasil, na verdade em suas duas capitais (Rio de Janeiro e Buenos Aires), tentando articulá-lo ao processo de desenvolvimento da modernidade vivenciado nas duas cidades.

Tanto no Brasil quanto na Argentina, a popularidade alcançada pelo futebol foi em grande parte gerada dentro de um panorama de grande complexidade social. Aqui, torna-se central considerar esta dinâmica social, apontando alguns aspectos decisivos para compreensão deste esporte. Sem dúvida, questões de raça, etnia, nível social e condicionamento moral foram os pontos de maiores tensões e mais marcantes no cenário social daquela virada de século. E ao falar de complexidade social, referimo-nos a relação

entre os vários temas (social-político-econômico-cultural- pessoal) vivenciados na, e pela cidade.

O amálgama social e racial que atualmente é ponto fundamental no processo de construção da imagem do futebol brasileiro e argentino foi pouco debatida nos estudos históricos. Pouco se debateu também sobre a trajetória, marcada por grandes tensões, percorrida pelos grupos sociais inseridos neste processo, mas é o discurso de superação e de valorização deste amálgama que mais dá significado e importância ao futebol destes dois países.

No segundo capítulo demonstraremos como, antes da consolidação do futebol como esporte mais popular, a violência e o racismo foram constantes nos discursos da grande imprensa nas duas capitais, fazendo referência direta às camadas populares. E, como tais discursos, tinham a intenção de deter, ou pelo menos conter a aproximação dos populares ao futebol e aos grupos sociais mais elevados.

No terceiro capítulo, levantaremos alguns pontos que visam contribuir para o entendimento da escolha do futebol como o grande esporte das camadas populares. Serão apontados alguns possíveis caminhos percorridos por este grupo nos dois países, ressaltando os seus papéis, suas semelhanças e diferenças, apontando a importância de cada uma delas no percurso de desenvolvimento, transformação e consolidação do futebol como o seu principal esporte.

No Brasil e na Argentina, os espaços das práticas esportivas, restritos inicialmente às escolas e aos clubes e seus estádios das elites urbanas, foram rapidamente estendidos às várzeas das baixadas e aos bairros mais afastados, permitindo envolver um número cada

vez maior de praticantes. Na verdade, este sentido não foi experimentado desta forma tão linear, mas de uma forma dinâmica e conectada. É importante ressaltar neste debate que tal fato passa pela popularização do futebol, e não pela sua democratização, pois os lugares sociais da prática esportiva eram, e continuam sendo, bem definidos e distintos no cenário esportivo.<sup>11</sup>

Enfim, devemos, a partir dos métodos da história comparada, discutir de que forma os espaços urbanos, as identidades, a modernidade e a transformação do corpo contribuíram para a popularização do futebol e para a construção das identidades sociais. Devemos, ao final, conhecer novos pontos de apoio para pensarmos o futebol.

---

<sup>11</sup> Claro que esta separação, desde os primórdios do futebol até os nossos dias, apresentam brechas e, ao fim e ao cabo, a separação não era completa nem totalmente eficaz.

## Introdução

As escolhas das cidades e do período passam fundamentalmente por duas questões-chaves. A primeira delas é que Rio de Janeiro e Buenos Aires, no período da virada do século XIX para o XX, eram as capitais nacionais dos seus países, e a partir desta condição geravam um quadro favorável a grande diversidade social experimentada nestas cidades.

Fundamentalmente, a partir desta nova configuração, notamos que novas estruturas, novos modos de vida, novos valores reais e simbólicos e principalmente novos questionamentos e respostas emergiam para a sociedade. Notamos ainda que estas características são peculiares aos centros de hibridismo. Estes lugares, definidos neste conceito, são espaços urbanos que pela presença maciça de estrangeiros e diferentes culturas fomentaram uma grande mistura e a emergência da chamada cultura híbrida.

Para tornar mais claro esta transformação é imprescindível apresentar alguns dados estatísticos sobre as duas cidades. O primeiro dado importante é o salto populacional ocorrido nas duas capitais. Em Buenos Aires, em 1895, o número de habitante era de cerca de 670 mil e já na primeira década do novo século já passava de um milhão e meio. No Rio de Janeiro, o salto também foi grande, em 1890 este número girava em torno de 1.3 milhões de habitantes para aproximadamente 2 milhões na década seguinte.<sup>12</sup>

A Indústria de alimentação em Buenos Aires sai de um patamar tecnológico muito baixo em 1900 para na década seguinte já abastecer 91% da demanda local. A economia

---

<sup>12</sup> Todos os dados estatísticos deste trabalho foram retirados, no caso Brasileiro, da Série Estatísticas Históricas do Brasil, volume 3, Série Econômicas, demográficas e sociais 1550 a 1985. IBGE. No caso argentino, foram retirados dos Estudos Ibero-Americanos, encontrados no site [www.cpdoc.fgv.br/revista/arg](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg)

passa de uma estrutura rural e tradicional para uma industrial e urbana nos primeiros anos do novo século.

O número de clubes de futebol também sofreu avanços significativos na passagem do século. Em Buenos Aires, como na segunda metade do século XIX, o futebol estava diretamente ligado aos colégios. O número de clubes de futebol não passava de uma dezena. É na virada do século que, da mesma forma como aconteceu no Rio de Janeiro, ocorre a primeira grande explosão de clubes de futebol. Passa de uma centena nas duas cidades.

A questão é estabelecida a partir da importância do futebol nas duas cidades. Como capitais e, fundamentalmente, como porta de entrada de pessoas e idéias, valores e modos de vida, estas cidades foram palco de grandes movimentos relacionados ao tempo do não trabalho. O futebol inserido neste tempo é peça importante na construção simbólica do imaginário do cidadão que moravam nestes locais.

A segunda questão definidora deste trabalho corresponde ao período escolhido. Na verdade a escolha foi feita através de datas já conhecidas. 1897 é o ponto inicial da pesquisa. Este ano é um marco histórico que registra a data da chegada do futebol ao Rio de Janeiro, ainda que isto já esteja muito mais discutido e este não é o nosso intuito, pelo menos neste momento. A escolha visa pontuar uma data para início das pesquisas<sup>13</sup>. Em

---

<sup>13</sup> Não levamos em consideração nesta escolha as fontes que apresentam as escolas de Petrópolis e portos do Rio como porta de entrada do futebol no Estado, pois ficaria difícil pontuar uma data. Por isto, a escolha foi feita através da data mais utilizada pela bibliografia em geral. Chegada de Oscar Cox ao Rio de Janeiro.

Buenos Aires, também neste período, é iniciada a primeira mudança significativa no futebol.<sup>14</sup>

Basicamente, as primeiras grandes transformações no Futebol, tanto no Brasil como na Argentina, deram-se no mesmo período, ocorrendo na passagem do século XIX para o XX, e mais especificamente nos primeiros anos do novo século. Na verdade, as mudanças não se deram somente no futebol. Este período é fundamental para todas as esferas socioeconômicas nos dois países. A modernidade, urbanização, controle do tempo do não-trabalho, o racismo, tudo isto e muito mais compõe o quadro dinâmico e complexo das sociedades estudadas.

O conceito de modernidade é central, pois é este a base de todas as transformações da passagem do século XIX para o XX. Tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires, este período foi decisivo e tornou-se o momento chave das grandes transformações. Entre elas podemos citar o urbanismo acelerado, o aumento considerável da imigração, uma possível gênese do processo de industrialização, um re-estabelecimento das práticas do lazer, uma definição da cultura higienista e do racismo, e, principalmente, a necessidade de se construir novas práticas de identificação coletivas.

É no conjunto destas práticas que a modernidade se constitui. Ou seja, a modernidade é a associação das novas práticas sociais, econômicas e culturais emergentes, que na virada do século passam a constituir as novas formas de vida daquele período, daquelas cidades e de toda a população. Ademais, é importante ressaltar que o conceito de

---

<sup>14</sup> Até o final do século XIX existiu uma relativa estabilidade na estrutura do futebol em Buenos Aires. Foi somente na virada do século que mudanças significativas foram presenciadas no cenário futebolístico.

modernidade ora apresentado não se constitui apenas através do novo, mas também na ratificação de alguns valores tradicionais que também acabam servindo para a instalação do novo cenário social.

Anthony Giddens<sup>15</sup> apresenta a modernidade como um total desvencilhar dos tipos tradicionais. No entanto, notamos na América Latina, e sobretudo, nas cidades estudadas, que alguns valores tradicionais, como por exemplo as distinções de classes, em larga escala, foram mantidas. Neste sentido, a contribuição de Nestor Canclini é fundamental, pois, descreve o autor *que a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e moderno se misturam.*<sup>16</sup>

Outro ponto de apoio deste trabalho se desenvolverá a partir das novas necessidades de se construir fontes de identificação coletivas que sirvam de apoio para a construção de barreiras e distinções sociais. Referimo-nos ao processo de construção das micro-identidades que são re-estabelecidas, re-significadas e, fundamentalmente, re-construídas no novo cenário social da modernidade. Este processo foi marcado pelas elites que acabavam demonstrando a intenção de se construir identidades plenamente unificadas, completas e seguras.

Neste aspecto, podemos dizer que o interesse das elites não passou de uma grande ilusão, ou seja, um esforço fadado à derrota. O indivíduo da modernidade possuía uma identidade fragmentada, composta não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Esta foi uma marca do período.

---

<sup>15</sup> GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991. p.13.

<sup>16</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. 4 ed.* São Paulo: Edusp, 2006. p 18.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, a condição de camadas populares está intimamente ligada à condição do negro, recém-liberto, que luta para se inserir plenamente na sociedade. É importante ressaltar que os pobres brancos trabalhadores também sofriam com a distinção social, no entanto, os negros carregavam para além da herança escravocrata e da carência econômica, as marcas da cor como fonte primária na estruturação do processo de exclusão.

No caso argentino, o grupo social que mais sofreu para a sua inserção foi o *criollo*. O conjunto das práticas modernas excluía por excelência a condição do mestiço. Isso acontece porque esta condição colocava em questão as formas de vida e estilo dos ingleses imigrantes daquele momento.

Na Argentina, não diferente, a condição de *criollo* também agregava valores pejorativos. Com isto, a imagem do esporte era construída, naquela virada de século, majoritariamente, sobre a imagem importada dos europeus, assim como no Brasil. O periódico “The Standard” publica o seguinte sobre a presença de *criollos* em partida de futebol no início do século: *que desgraciadamente el público es en su mayoría, criollo, y su comportamiento no es el adecuado para el fair play.*<sup>17</sup>

Enfim, estes dois grupos sociais serão partes centrais de todo este trabalho. Pois, ao fim e ao cabo, foram eles que provocaram num curto espaço de tempo um processo de re-estruturação e re-significação decisivo para a sociedade, para o cenário esportivo e, acima de tudo, para a construção do imaginário de nação atrelado ao futebol.

---

<sup>17</sup> Trecho publicado no periódico “The Standard” sobre a partida de futebol disputada entre um clube inglês e um argentino, em 1913.

## Primeiro Capítulo

### A chegada do Futebol no Brasil e na Argentina

Antes mesmo de nos determos ao período de interesse, temos que apresentar um pouco mais da história da Argentina, haja vista que sua relação com o futebol se iniciou algumas décadas anteriores ao Brasil. Foi por volta dos anos de 1860 que o futebol chega aos arredores de Buenos Aires e, de acordo com alguns estudos<sup>18</sup>, seu início também apresenta duas versões originárias.

A primeira delas conta a história do futebol através de uma origem popular, apresentando alguns traços do jogo e associando-os diretamente aos portos de Buenos Aires. Por outro lado, uma outra versão conta a história a partir dos colégios universitários, nos quais a regulamentação e a organização seriam suas bases explicativas principais. Independente da versão, o que nos interessa agora é que estes dois eixos explicativos são desenvolvidos de forma bem próxima ao caso do Brasil, ou seja, uma vertente ligada aos centros de ensino e às elites e outra aos portos e às camadas populares.

De qualquer forma, ainda que em recortes temporais distintos, o panorama argentino apresenta similaridades às experiências brasileiras. A história do futebol brasileiro também está longe de poder se apresentar de maneira simples e linear. Também possuímos versões que passam pelos portos da capital e outra que se desenvolve nos colégios Jesuítas.

---

<sup>18</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*. CIHF, 1992. e GIL, Gastón Julián. *Fútbol e identidades locales*. Miño y dávila editores, 1998.

Na verdade, compreendemos que para além de versões que aparentemente se opõem, isto demonstra que o processo, tanto na Argentina quanto no Brasil, ocorreu desde o início de uma maneira múltipla, não-linear e, sobretudo, complementar. Pois, ao mesmo tempo em que as elites tinham seus primeiros contatos através dos colégios, com a prática da bola e já iniciava um processo de relação com ela, as camadas populares também as recebiam, nos portos, e por sua vez construía também os seus laços com este esporte.

O que inicialmente parecia, aos olhos de brasileiros e argentinos, um jogo de loucos, pouco a pouco foi “contaminando” a todos nas capitais. Em Buenos Aires, os marinheiros dos portos quando jogavam eram chamados de “los ingleses locos”, no Rio de Janeiro a estranheza também era muito forte, pois o conceito de esporte com o qual a sociedade se identificava era outro.

Devemos lembrar que, naquele período, as duas capitais já se apresentavam como cidades esportivas, devido a sua grande e diversa grade de esportes praticados nos centros urbanos. No momento em que o futebol chega as duas cidades, já se destacavam como preferência a esgrima para a aristocracia argentina e o turfe para o mesmo grupo no Brasil.

As camadas populares se aproximavam de “esportes” como a rinhas de galos, na Argentina e no Brasil, e a capoeira, fundamentalmente, no Brasil. Mas um ponto é fundamental nesta discussão, estas práticas, das rinhas e da capoeira, não eram aceitas e nem consideradas esportes, ao contrário, carregavam valores depreciativos e sofriam constantemente perseguições policiais.

Vale ressaltar que ainda que as camadas populares estivessem envolvidas com estas práticas questionadas de esporte, elas também estavam inseridas nas práticas esportivas que

notadamente eram dominadas pelas elites, como o remo e o turfe. Deve-se esclarecer que as camadas populares estavam presentes em todas as práticas esportivas do período em questão e, o que efetivamente mudava era a forma como ela se relacionava com tais práticas. Fosse como atleta ou exclusivamente como espectador esta posição definia, em larga escala, um entendimento da sua posição social e vice-versa.

Verificamos o quanto foi complexo, naquele início de século, a relação entre camadas sociais e esporte. Apesar das elites tentarem se fechar em grupos e em modalidades esportivas bem específicas para definirem seu *status quo*, as barreiras de contenção aos “invasores”, construídas para alcançar este objetivo, apresentavam brechas e possibilitavam o amálgama. Notadamente o futebol foi à exacerbação deste quadro.

Afinal, o mesmo homem que pela manhã poderia freqüentar uma corrida de cavalos no Rio de Janeiro, poderia à tarde ir a uma rinha de galos. Na verdade, desde os primórdios, as trocas eram constantes no cenário esportivo. Com isto não queremos dizer que estas trocas se davam da mesma maneira e tampouco que os lugares ocupados eram os mesmo.

A dinâmica social e principalmente a produção intelectual e jornalística apresentada nas duas cidades, na virada do século XX, expressavam em larga escala o *modus vivendi* das camadas dominantes, que se proclamavam melhores que as outras.

Neste sentido, este grupo, buscando seus interesses, ainda que dada as suas circunstância específicas vivenciadas em cada uma das cidades, estavam operando da mesma forma para a construção de um consenso cultural. Porém, esta condição hegemônica não conseguiu dar conta de definir o cenário esportivo brasileiro e argentino.

Assim, apresentamos uma outra forma de estabelecer e entendermos esta relação. Para além de uma tentativa de consenso cultural, em que, devido à multiplicidade sociocultural vivenciada nas duas capitais seria quase que uma impossibilidade prática, a relação entre as camadas sociais se tornou fonte geradora de um processo de interlocução plena e nos dois sentidos.

É muito significativo quando são apresentados processos e estratégias em que não somente setores hegemônicos, mas também populares se apropriam e criam benefícios de um mesmo evento. Neste caso, a modernidade é o exemplo significativo desta análise, pois malgrado as elites locais terem tentado de todas as formas excluírem as camadas populares das suas novidades, várias brechas foram criadas gerando, ao mesmo tempo, possibilidades reais para a inserção dos excluídos neste processo de modernização geral das cidades.

Em Buenos Aires os imigrantes ingleses foram fundamentais para desenvolvimento do futebol. Notadamente, este grupo desenvolveu, articulado ao seu trabalho, práticas esportivas que reforçassem os seus laços com a terra natal. Neste sentido, o futebol serviu para promover aos imigrantes uma consciência coletiva que ao fim atendesse as necessidades de gerar pontos comuns de identidades.

É assim que a iniciativa da formação dos clubes se inicia na Argentina. Jorge Iwanczuk, especialista em história do futebol na Argentina, escreve que *no es extraño que ne estas tierras la colectividad británica, formada en su mayoría por funcionarios de los ferrocarriles, trajera el gusto por los deportes y por la fundación de clubes.*<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*. CIHF, 1992. p. 31.

No Rio de Janeiro, diferentemente do caso de Buenos Aires, apesar de grande influência dos imigrantes, foram os próprios brasileiros que iniciaram este processo. Primeiramente com o turfe, em seguida com o remo e somente depois com o futebol. Um ponto comum nesta gestação clubística é o aparecimento do conceito de *sportman*, ou seja, o tipo ideal do praticante de esporte. Ainda que os *sportmens* sejam, pelo menos para a elite, o símbolo do bom atleta, daquele que consegue materializar no esporte os valores simbólicos e reais de sua classe, nada impedia às camadas populares de re-significarem estes valores e também recriarem seu próprio ideal de *sportmens*.

Supomos que característica como a ginga, a habilidade para os dribles e a resistência física poderia fazer parte do perfil do atleta a ser admirado pelas camadas populares, pois, notadamente, tais características não eram centrais para as elites e, sem dúvida, estavam inseridas em suas experiências do cotidiano. Vejamos: *O Jornal do Brasil* publica, em 1906, uma matéria intitulada *A Vida Esportiva* que diz: *É necessário que todos os jogadores que desejarem se salientar em um team tenha uma preparação physica suficiente e que a melhor preparação physica é incontestavelmente o próprio jogo.*<sup>20</sup>

Tiramos desta citação algumas informações valiosas. Por exemplo: É considerado treino para os times da época o próprio jogo. Ou seja, efetivamente nada contribuía para a manutenção ou mesmo aprimoramento da condição física do atleta amador, a não ser as próprias partidas. Mais do que isso, como os trabalhos que exploravam o corpo não eram ocupados pelas elites, nenhuma outra possibilidade era tida como fonte de preparação física.

---

<sup>20</sup> *Jornal do Brasil*, 10 de junho de 1906, Coluna A Vida Esportiva. Matéria não assinada.

Por outro lado, como as camadas populares estavam intimamente ligadas aos eventos em que o corpo era explorado mais explicitamente, como a capoeira e os trabalhos braçais, é compreensível dizer que, sobre este aspecto, a preparação física deste grupo se encontrava mais apurada.

A condição de um atleta amador não proporcionava às elites grande possibilidade de mudança. Sua condição amadora e a sua relação rigorosa com o modelo importado da Inglaterra (extremamente técnico e pouco criativo) não os possibilitavam, por exemplo, extrapolar as normas técnicas, bem como aumentar o aspecto criativo do jogo. Na verdade, o futebol para as elites passava muito mais pelo valor coletivo social do que pela qualidade esportiva.

Tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires, as elites estavam mais preocupadas em encontrar seus amigos nas nobres arquibancadas dos clubes do que especificamente com a vitória da partida. As festas após as partidas eram comuns e retratadas pela imprensa como encontro do que havia de mais “fino na sociedade”.

O primeiro clube fundado na Argentina foi o Buenos Aires Football Club, no dia 9 de maio de 1867, por Thomas y James Hogg e Willian Heald, enquanto que no Rio de Janeiro isto se deu apenas com Sr. Makintosh quando fundou o Rio Foot-ball Club em 18 de julho de 1902. Para além das datas, notamos que a marca inglesa nos nomes aparecem como pontos emblemáticos daqueles que formavam os clubes futebolísticos. Oscar Cox<sup>21</sup>,

---

<sup>21</sup> No Brasil, jornalisticamente, é considerado como o Pai do Futebol Charles Muller, aquele que desembarcou em São Paulo, em 1894, trazendo em sua bagagem bolas e as regras do jogo. historiadores consideram que a prática do futebol não tem um pai institucional e que isto seria uma construção jornalística sem fundamento histórico, haja vista que o futebol comprovadamente já teria chegado ao Brasil há mais tempo, através das escolas e portos.

ilustríssimo “pai” do futebol no Rio de Janeiro, cria seu próprio clube dias depois de Makintosh. No dia 21 de julho de 1902, ele funda o Fluminense Football Club.

A marca emblemática de Charles Muller e Oscar Cox no Brasil, por terem sido nomeados os pais do futebol, em São Paulo e no Rio de Janeiro respectivamente, foi assumida na Argentina por Thommas Hogg, considerado o grande precursor desta modalidade em solo argentino.

Mas, independente de quem efetivamente foi responsável pela chegada do esporte ao Brasil e à Argentina o mais importante foi que estes homens, ao criarem os primeiros clubes, criaram com eles algumas marcas de distinção significativas para o esporte daquela sociedade. Em ambos os casos, eles estavam trazendo experiência de fora para compor um quadro de modernidade nas cidades e nos grupos aos quais pertenciam.

As associações esportivas, além de proporcionarem uma maior importância aos eventos esportivos, tornando-os grandes espetáculos, serviram para demarcar a separação entre grupos sociais. Um campeonato organizado pela AAFL (Argentine Association Football League) ou pela AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos) teria maior importância e, principalmente, maior visibilidade que os outros vários campeonatos disputados entre clubes de outras ligas esportivas.

Com a intenção de fechar ainda mais o grupo de clubes que pertenciam às grandes associações, estas apoiavam em larga escala a criação de outras ligas para, que se tornasse efetiva e menos agressiva a separação entre os clubes, das elites e das camadas populares, e conseqüentemente entre os grupos sociais, conforme a citação a seguir: *Formará esta a*

---

*Terceira Liga de centro de “foot-ballers” dos que disputarão os matches do campeonato de 1912. Nesta agrupar-se-ão somente os clubes suburbanos para criar o campeonato local.*<sup>22</sup>

As instituições esportivas passam a compor um quadro complexo e extenso de instituições no qual as cidades estão se construindo. Como a modernidade, vivenciadas nestas cidades, passa essencialmente pelo controle do tempo do não-trabalho, o futebol e suas instituições, clubes e ligas, passavam a está intimamente envolvidos ao cenário de controle das camadas populares.

No Brasil e na Argentina, todo o processo de desenvolvimento do esporte, sobretudo na sua concepção moderna, estiveram atrelados a várias outras questões que transcendiam o campo esportivo e da diversão daquelas sociedades. De certa forma, podemos dizer que estas práticas contribuíram de maneira significativa para que aquelas sociedades, da passagem do século, pensassem e, sobretudo, criassem novas configurações sociais e espaciais das suas cidades.

Ademais, podemos dizer que muitas destas questões serviram como base para o desenvolvimento de valores simbólicos e mesmo reais, durante a formação e a consolidação da sociedade republicana e moderna nos dois países. Ainda hoje, há algumas permanências deste período que continuam contribuindo para a manutenção dos imaginários de identidades nacionais. O futebol é uma dessas permanências.

A virada do século é marcada e deixa marcas para um novo tempo, tanto em Buenos Aires quanto no Rio de Janeiro. Um tempo chamado de modernidade, capaz de transformar

---

<sup>22</sup>

Jornal do Brasil, 26 de Marco de 1912, *A Liga Suburbana de Sports Athleticos*. Sem autor.

uma sociedade inteira nas suas mais diversas esferas. Novas formas de viver, novos valores, novos símbolos, novos mitos estavam sendo criados naquele momento com o intuito de dar suporte à nova sociedade que emergia de maneira veloz e irremediável.

À modernidade apresenta, desde o seu início, características definidoras para a sociedade. Entre elas, a que mais chama atenção e colabora para este trabalho é a construção de um conjunto de práticas voltadas ao controle do tempo livre do indivíduo das camadas populares.

Os textos sobre o futebol corroboram, em larga escala, com a idéia de que diante da modernidade, que se pretendia inclusiva pelo menos em discurso, as forças subalternas foram manipuladas e racionalizadas de acordo com as novas metas e interesses das elites.<sup>23</sup> Ainda que esta questão pareça responder quanto à relação estabelecida entre as camadas sociais da época, ela despreza um fator determinante para uma melhor compreensão do momento: A ingerência das camadas populares sobre sua própria escolha é rotineiramente desprezada pelos textos sobre a história do futebol.

Podemos dizer que muito do cenário da época não foi apenas resultado de resistência das camadas populares, mas também de novas significações e necessidades da própria elite. Desta forma, este processo acaba por revelar que as resistências e a presença de novos interesses construíram caminhos de trocas para ambos os lados.

Como exemplo, podemos descrever que no momento em que houve um aumento da competitividade dos clubes, esta discussão se tornou central. Ao mesmo tempo em que o

---

<sup>23</sup> Esta racionalidade e linearidade ficam bem evidentes no trabalho de Mario Filho, "o Negro no Futebol Brasileiro", em que já no sumário notamos um sentido bem definido no caminho percorrido pelo negro no futebol (raízes do Saudosismo, a revolta do preto, ascensão, provação e por fim a vez do Preto.)

*amadorismo marron*<sup>24</sup> se torna fundamental para os clubes das elites, na medida em que possibilita a entrada de bons jogadores das camadas populares, favorece, por outro lado, os jogadores das camadas populares que melhoraram suas condições de vida e têm a conquista do trabalho facilitada.

O debate sobre o amadorismo é intenso nas duas capitais. Tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires, compartilhar do *ethos* do amadorismo resultaria aos interessados uma série de preocupações. Em 1906, o Jornal do Brasil publica uma matéria sobre o assunto: *Não são considerados amadores os que exercem profissões ou emprego que não esteja de acordo com o nível moral e social em que deve ser mantido o sport e bem assim os que não sejam amadores em outros esportes.*<sup>25</sup>

Em Buenos Aires, neste mesmo período, o tema também chama a atenção. Sobre o mais popular clube da época, o Alumni, Iwanczuk escreve : *El primer mérito a destacar em Alumni es su identificación TOTAL com el fútbol amateur; jugaba para defender los colores del colégio y por el amor a la actividad física.*<sup>26</sup>

Um fato muito importante para a discussão sobre o futebol deve ser ressaltado nesta citação. O que se coloca em jogo no amadorismo pouco tem a ver com rendimento financeiro. A questão fundamental passa decisivamente pelo conjunto de valores que as classes superiores elegiam como válidos à prática esportiva.

---

<sup>24</sup> O “amadorismo marrom” foi uma prática comum nos primórdios do futebol que consistia em pagar veladamente uma quantia em dinheiro para alguns atletas, oriundos das camadas populares, para que jogassem como amadores. Tal prática era velada pois comprometia a essência do amadorismo, que era definida por não obter ganho através da prática esportiva.

<sup>25</sup> Jornal do Brasil, 24 de Abril de 1906, Coluna Sports, título: sobre amadorismo, sem autoria.

<sup>26</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*: CIHF, 1992. p 55.

Tal fato sofre as primeiras alterações quando as elites, pensando nas vitórias, se aproveitam dos atletas melhor preparados fisicamente para consegui-las. Neste caso, os valores simbólicos e reais pertencentes às camadas populares deixam de ter tanta importância.

Esta medida, da mesma forma, gera transformações para as camadas populares. Os trabalhadores que iam jogar por estes clubes conseguiam algumas mordomias e, neste sentido, aumentavam seu padrão de vida. Isto deixa claro que, sem conflito, ambos os lados se apropriavam de um mesmo momento estrutural pelo qual passava o futebol, e de formas diferentes se beneficiavam do mesmo evento.

A revista Sport Ilustrado, em 1921, faz uma grande matéria sobre o tema. Vejamos:

Antigamente a condição indispensável, primordial, necessária para obtenção de um emprego era a habilitação, era o preparo intelectual; exigia-se que o candidato conhecesse aritmética, português e tivesse boa caligrafia; pedia-se que soubesse datilografia e outras coisas. Os pistolões recomendavam aos seus protegidos que fossem se aperfeiçoando no manejo da pena e na máquina de escrever. Hoje tudo isso constitui coisas de menor importância e pouca valia.

Exige-se, sim, como condição indispensável sem a qual não é possível conseguir emprego - A qualidade de bom jogador de Football. E não dizer que isso seja somente nesse ou naquele ramo de atividade, não, em todos eles.

No comércio, na indústria, na lavoura e nas repartições públicas, é o ser hábil jogador o meio fácil de admissão, o mérito para os acessos e promoções. A preferência, então, é escandalosa, sendo um jogador e outro não.

É, assim estão explicados as razões porque há no Rio hoje em dia, somente sem colocação, sem emprego, os rapazes pacas fundos, e leigos em matéria de football.

Ao campo, pois, e a bola, moços sem emprego.

Clovidor<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Revista Sport Ilustrado, 15 de Janeiro de 1921, título: O Football e os Empregos. Assinada por Clovidor (colunista da revista).

Diante disso, podemos confirmar uma hipótese deste trabalho: O período em que eram priorizados os aspectos intelectuais e a habilitação técnica, as camadas populares, marcadas pelo analfabetismo e pela falta de habilitação técnica de porte médio e superior, ficavam marginalizados dentro do universo do amadorismo. Tal fato ocorria, não por não terem emprego ou renda para entrarem nos clubes, mas sim por suas atividades não apresentarem o *ethos (nível moral)* eleito pelas elites como adequado ao esporte.

Quando este mesmo *ethos* perde espaço para a necessidade das vitórias, os aspectos e os valores que comprometiam a ascensão das camadas populares dentro do cenário esportivo deixam de ter valor e o que passa a ser importante são as vitórias. Porém, características como a pele negra (Rio de Janeiro) e a condição de *criollos* (Buenos Aires) continuavam sendo decisivas para o ingresso tanto no campo esportivo como no trabalho em geral nestas cidades.

O Jornal Getulino, em 1924, escrito em Campinas mas distribuído em todo Brasil, nos mostra um panorama da capital federal que corrobora com esta hipótese.

As linhas escritas pela A Gazeta foram provocadas por uma carta do nosso patricio Sr. Bernardo Vianna, recentemente chegado ao Rio e que por ser negro não encontra emprego em parte alguma.

Ocorre pressuroso aonde precisam de empregado e embora chegue primeiro do que outro qualquer candidato por ser de cor é posto a margem e recusado

Protestando contra essa perseguição e lembrando a conveniência de se ajudar, a exemplo do Rio, uma associação de homens de cor, em São Paulo.

O motivo dessa anomalia é um problema dos mais complexos merecedor de apurado estudo, mormente nesta hora histórica de tantas transformações políticas sociais

Em dias de tão fraca evolução social, num século de tantas transformações políticas, tão cheias de apreensões para os povos civilizados e para as nações amante da democracia é lamentável e muito vergonhosa a revelação de que vim tratando

Que os homens pretos da cidade de São Paulo estão sofrendo de uma guerra muda e odiosa. A mesma afirmação podem os críticos fazer com referência aos outros Estado<sup>28</sup>

Apesar de ser um jornal paulista , esta matéria, não assinada, faz um panorama da situação dos “homens de cor” no Brasil. Fica evidente que a cor continua sendo um fator marcante na construção da cidadania. Contudo, a matéria do *Getulino* demonstra que já existia, no Rio de Janeiro, uma organização dos “homens de cor”, com autonomia frente às questões relevante para o grupo e evidentes no período.

Desta maneira, percebemos que a construção de identidades vinculadas à modernidade foi, talvez, o estopim de grande parte dos conflitos entre as classes sociais durante o período estudado. Para a elite, a manutenção de seus vínculos sociais era uma condição natural, necessária e nitidamente reforçada pela imprensa. Em contrapartida, os valores dos demais grupos sociais eram vistos e marcados pela imprensa de forma pejorativa, o que proporcionava uma exclusão natural do processo da modernidade.

Mas uma vez as explicações de Canclini colaboram para um melhor entendimento deste processo. A idéia de identidade, pensada através de um processo de hibridação tão amplo, visível nas duas capitais, dificilmente conseguiria se enclausurar em identidades puras e autênticas. Porém, não perdendo o foco da pesquisa, não podemos deixar de apontar que as elites tinham notadamente a intenção de efetuar tais clausuras.

O autor aponta que quando as identidades são forjadas a partir de um processo de abstração de traços como língua, tradições e condutas estereotipadas, os grupos tendem a desvincular suas trajetórias do processo mais amplo em que se formaram. Basicamente, as

---

<sup>28</sup> Getulino, 21 de setembro de 1924, Título: Os pretos em São Paulo. Matéria não assinada.

elites pensavam em reproduzir seus valores e práticas desprezando suas trajetórias híbridas e com isto excluir aqueles que não partilhavam destes valores e práticas.

As camadas sociais através de todo o entorno, ou seja, da modernidade, das experiências nas cidades, do esporte e de muito outros eventos, formavam e reformulavam constantemente as suas identidades, seus valores e suas práticas. Com isto, apesar das tentativas, e sobretudo a partir deste processo claro de hibridação, se torna difícil falar em construção de identidades rígidas e intransponíveis. Assim foi a trajetória do futebol nas capitais.

Canclini nos ajuda a definir o cenário que podemos descrever como visíveis nas duas capitais estudadas. Em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjunto interétnicos, transclassistas e transnacionais.

O momento sócio-cultural e econômico visto em Buenos Aires e no Rio de Janeiro são muitos parecidos. O mesmo ocorre com a situação das camadas populares, principalmente no que diz respeito à construção de obstáculos para que estas não se inserissem efetivamente na sociedade moderna.

Na Argentina, por exemplo, o presidente Nicolas Avellaneda declara que *a questão fronteiriça e a mais importante de todas ... é o principio e o fim ... para que nos livrarmos dos índios, e a fronteira significa povoar o deserto.*<sup>29</sup> Ou seja, além dos *criollos* que vão sofrer com a questão de inserção simbólica na sociedade, os índios também passam por

---

<sup>29</sup> AVELLANEDA, Nicolas, em um prefácio escrito para Álvaro ramos, *Índios, Fronteiras y Seguridad Interior* (1 ed 1872-1876), Buenos Aires: Fronteira, 1975. p.137.

problemas como estes. Se levarmos em consideração a situação econômica dos índios, esse fator se agrava.

No Brasil não é muito diferente. Os negros recém-saídos da escravidão passam por inúmeras dificuldades para se inserirem como cidadãos efetivos na sociedade brasileira. Embora alguns negros tenham conseguido ascender socialmente, e isso foi muito raro, a grande maioria dos “homens de cor”, como eram chamados, eram freqüentemente encontrados nas atividades menos remuneradas.

Todas estas mudanças geraram uma significativa alteração no percentual dos setores médios das capitais. Em Buenos Aires, por exemplo, o percentual que girava em torno de 12 a 15 por cento em 1869, passou a girar em torno de 35 a 40 por cento em 1914. Neste sentido, as práticas com as quais os setores médios passaram ocupar o seu tempo se transformaram e ganharam destaque, através da relevância que o grupo alcançava.

Vale ressaltar que a mudança na escolha da ocupação do tempo do não-trabalho não ocorreu de forma linear, tampouco sem concomitâncias. Ou seja, as classes médias, assim como todos os outros grupos sociais, escolhiam suas práticas de lazer visando conformar vários de seus interesses, fossem eles coletivos ou privados, premeditados ou inconscientes. Muitas vezes os vários grupos sociais estavam presentes em mais de uma modalidade esportiva e com isso as trocas, entre o grupo, eram potencializadas. Tal fato evidenciava a complexidade do período e demonstrava que cada um dos esportes poderia representar e conformar de forma diferente, porém legítimas, os interesses dos diferentes grupos.

As camadas sociais poderiam freqüentar as várias práticas esportivas sem ter que, necessariamente, fazer parte ou conseguirem se inserir naqueles grupos que, teoricamente,

representassem aqueles esportes. Um bom exemplo seria o grande fluxo das camadas populares nas competições de Remo e Turfe, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, respectivamente. Apesar da presença maciça, as camadas populares não conseguiam ascensão social ou mesmo praticar formalmente o esporte. Estas possibilidades continuavam presas aos grupos que representavam estes esportes, ou seja, à elite.

Enfim, em ambos os casos a representação social deste dois esportes era bem definida entre aristocracia e elites. Porém, estes esportes também serviam e contemplavam para as camadas populares fazerem apostas e se divertirem. Enfim, ambos os interesses eram saciados.

No ano de 1900, a Argentina já apresenta um quadro esportivo desenvolvido e bem extenso. Podemos citar como os mais visíveis o *box*, *polo*, *tenis*, *carrera de caballos*, *cricket* e, é claro, o futebol. No caso deste último, o seu desenvolvimento neste momento já apresenta um grande predomínio sobre os outros, apesar de jornais como *La Nación* ainda não se preocuparem em produzir reportagens sobre esta modalidade.

Apesar do distanciamento de um dos principais jornais de Buenos Aires, o futebol se amplia e, além dos campeonatos oficiais, somam-se às Copas da *Competencia*, *Honor* e *Estimulo*. As atividades físicas, em 18 de abril de 1898, através do Ministério da Justiça e Instrução Pública, passa a ser obrigatória em todos os colégios nacionais. Tal medida é um ponto fundamental para o desenvolvimento e a aproximação dos esportes às camadas sociais mais baixas. Neste caso o destaque do futebol é notório.

No Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, o cenário esportivo também era múltiplo, tínhamos as touradas, o remo, o turfe, o cricket, a capoeira, as rinhas de galo, corridas

atléticas (futuro atletismo), corrida de velocípedes (futuro ciclismo) e o futebol compondo um cardápio vasto de escolhas para o tempo livre.

Um ponto é marcante no Rio de Janeiro. Poucos anos depois da chegada do futebol todos os principais jornais e revistas da época traziam reportagens sobre este esporte. Ainda que, inicialmente, o turfe e o remo tenham principais destaques nas reportagens, em pouco tempo o futebol assume o destaque do cenário esportivo.

Outra diferença é quanto à regulamentação e à efetiva utilização da atividade física nos colégios nacionais. Os brasileiros chegaram atrasados nesta questão. Apesar de desde meados do século XIX a educação física já possuir leis, as atividades físicas somente se consagraram no século XX, no Brasil. Neste período, o futebol já está consolidado e o papel central de divulgação e expansão do esporte não passava pelos colégios, mais sim, pela espetacularização das partidas e dos clubes, notadamente visto na imprensa jornalística.

Não só o cenário esportivo mudou, mas também toda a cidade. Tudo que surgia na modernidade tardia da América Latina era apropriado e reconfigurado das mais diversas formas. Isso explica a multiplicidade de repertórios criados a partir destes valores que geravam nestes confrontos e associações novas configurações sociais.

Sem dúvida, o conjunto de intervenções pelas quais a cidade do Rio de Janeiro e Buenos Aires passou no início do século foi decisivo para a composição do seu quadro social e econômico. As cidades apresentavam novas experiências que demonstravam claramente o caráter multifacetado destas transformações. Havia um campo muito fértil estabelecido entre o controle e o estímulo que, neste sentido, submetiam as classes sociais

aos novos *modus vivendi*. A citação a seguir pode mostrar como os diferentes grupos buscavam, ao seu modo, conviver com estas transformações.

Os namorados também fazem bonito. Se o namorado é rico e vive à custa de ricos, a sua predileta é contemplada com uma penca de pedras preciosas. Mas os pobres também tem namorada. E como pobre vive prompto. Resolve com sacrifício um frasco de cozur de Jeannete (perfume) e o oferece a pequena<sup>30</sup>

Necessariamente, os grupos sociais tiveram que adequar a sua forma de vida a este novo modelo. Urbanização, industrialização, aumento do setor de serviços, novas práticas de lazer, tudo isto e muito mais passava a compor o novo *habitus* social. Um dos eventos de transformação que trouxe significativa mudança para o período foi o início do processo de industrialização iniciado nos dois países. Ainda que o processo neste momento ainda se mostrasse muito tímido, seus conceitos já estavam se desenvolvendo nas duas capitais.

A utilização de Gramsci sobre este aspecto é pontual e significativo. Em seus estudos sobre a Europa, o autor refere-se ao evento do fordismo dizendo que *a Europa quer fazer a omelete sem quebrar os ovos, ou seja, quer todos os benefícios que o fordismo produz no poder de concorrência, mas conservando seu exército de parasitas.*<sup>31</sup> De alguma forma, isto muito se assemelha ao caso brasileiro e Argentino.

Na virada do século, as duas capitais federais, mergulhadas ainda em valores oriundos de uma herança colonial e agrária, viveram uma plena e intensa transformação de caráter europeu, essencialmente europeu e moderno. Ou seja, as cidades viveram o dilema de uma modernidade visivelmente contraditória. Ao mesmo tempo em que os espaços

---

<sup>30</sup> Revista Careta, 14 de dezembro de 1908, Título: A Guignol. Coluna em quadrinhos.

<sup>31</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: v 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 243.

públicos urbanos iam se reconfigurando, dando origem a novas experiências sociais, o controle e a exclusão vinham a cabo destas iniciativas. Tal fato, é notado nas questões estabelecidas entre elites e camadas populares.

O campo esportivo descreve muito bem este panorama. Enquanto, no caso específico do Brasil, o remo, o turfe e, em seguida, o futebol, se popularizavam no cotidiano de todas as classes sociais, o controle ao seu acesso e mesmo a sua prática eram explícitas e decisivas para a manutenção da idéia de *status* das elites daquela sociedade. Ou seja, a tradição deveria ser mantida através destas medidas de controle ao acesso à prática esportiva, mantendo a distinção social e econômica e, desta forma, o *status quo*.

A própria condição do esporte em ser amador, nos remete a uma reflexão acerca da inclusão e exclusão dos agentes sociais nesta dinâmica. A prática comum, porém velada, do “amadorismo marrom” nos sugere brechas que serviram como fonte para uma nova reconfiguração do quadro esportivo.

A relação estabelecida entre o mundo do trabalho, o tempo do lazer e o *status* social compunham uma tríade definidora das sociedades brasileiras e argentinas. Neste sentido, ao esporte, e não somente a ele, mas na verdade ao tempo do não-trabalho, se agregava uma carga simbólica muito grande, que pretendia, naquele momento, compor, ou não, efetivamente aquela sociedade, ou mais especificamente um grupo social que simbolizava a manutenção de tradições sociais.

É sobre este aspecto da manutenção do *ethos* social que se estabelece a semelhança entre a sociedade brasileira, argentina e a italiana descrita por Gramsci. Fazer a “omelete sem quebrar os ovos” é uma boa metáfora para explicar a tentativa das elites em manter

seus vínculos sociais. Ao mesmo tempo em que não querem incluir os outros grupos sociais em suas prática cotidianas, divulgavam a emergência de um novo tempo que carrega como uma das características a inclusão social.

Ao mesmo tempo em que os laços e as imagens coloniais deveriam ser apagados com a chegada da modernidade e do progresso, algumas de suas experiências deixaram heranças visíveis e, sobretudo, marcantes neste novo modelo de vida. A situação dos negros, dos índios e *criollos* são importantes exemplos desta manutenção.

Vejamos o caso brasileiro: não obstante terem se tornado livres, os negros ainda não estavam inseridos ou mesmo experimentavam plenamente esta nova condição social. A condição de homem livre em nada contribuía para integrá-los, de forma efetiva, na sociedade. Há uma clara herança colonial que permanecia atribuindo ao “homem de cor” características indesejáveis ao novo modelo de vida, bem como a nova sociedade moderna que se estabelecia. Algumas vezes o discurso se tornava tão eficaz que os próprios grupos que sofriam com a discriminação passavam a legitimá-lo. Notem a próxima citação, em que um jornal feito pelas e para a população negra dá vida a tal argumento.

“Pretos, mulatos, meus irmãos em raça  
 abandone a orgia em que viveis  
 deixae o baile, a casa da desgraça  
 e repare depois o que sereis  
 o tempo aproveita – a vida passa  
 do livro utiliza as sabias leis  
 aproveitae ao menos esta graça  
 a de instruir vos e depois vereis  
 quão grande e pernicioso é o remelexo  
 das danças e do baile e o seu desfecho  
 sem triste, onde a moral jamais se expande  
 deixae o baile, a escola perniciososa  
 onde se murcham pétalas de rosa

ao barulhento som do jazz-band.”<sup>32</sup>

Augusto Marques

A elaboração das sociedades modernas, brasileira e argentina, ocorre de uma mesclagem de influências. Ambas as experiências, Européia e Americana, estão presentes colaborando para a construção de um projeto de *modus vivendi* inteiramente novo. É necessário ressaltar que apesar das influências, as autonomias destas cidades serão respeitadas e apresentadas.

Neste sentido, as vivências do esporte, e mais amplamente no aspecto do lazer, são significativas nesta nova configuração social. É bom ressaltar que este novo modo de viver, que aparentemente se mostra com liberdade espontânea e estimulante, é por excelência marcado pelo controle. O tempo livre agora é o centro da proposta de controle, pois o tempo do trabalho já estava controlado efetivamente.<sup>33</sup>

Na verdade este controle assume um papel estratégico na sociedade moderna. Gramsci escreve que até mesmo as questões referentes aos aspectos sexuais deveriam ser controlados e organizados. O autor escreve que

especialmente Ford se interessava pelas relações sexuais de seus empregados e, em geral, pela organização de suas famílias. A verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo homem exigido pela racionalização da produção e do trabalho enquanto o instinto sexual não for adequadamente regulamentado, não for também racionalizado.<sup>34</sup>

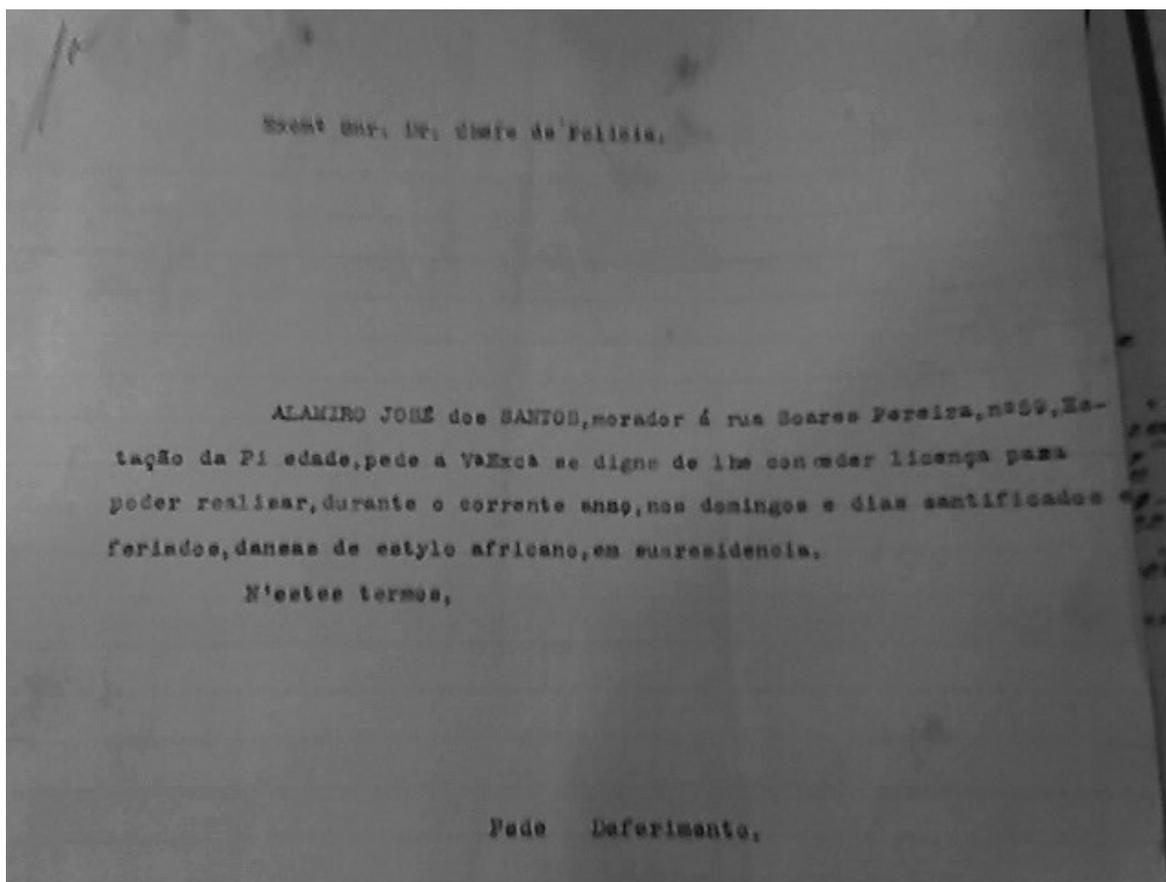
---

<sup>32</sup> Jornal Getulino, 12 de outubro de 1924, título A Escola do vício – Aos dançarinos modernos. Matéria assinada por Augusto Marques, colunista do jornal.

<sup>33</sup> Desde a Revolução Industrial, o tempo dispensado às atividades do trabalho é controlado pelas classes dirigentes. Ainda que esse controle apresente momentos de contestação, é notório o sucesso deste processo em favor dos grupos que controlavam os meios de produção.

<sup>34</sup> GRANMSCI, Antonio. *Caderno do Cárcere*. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.252.

Esta citação demonstra claramente como o público e o privado do indivíduo moderno estava inteiramente frágil neste período. Já na virada do século XX estas questões de foro íntimo, pessoal e intransferível eram centrais para a configuração de questões macro-sociais de caráter simbólico e real para toda a sociedade. O público e o privado perdem seus limites e fronteiras e, essencialmente, passam a fazer parte de um conjunto de regras e práticas de todo um grupo social, colaborando para a construção de identidades e de modos de vida.



**Transcrição:** Ex. Sr. Dr. Chefe de Polícia

ALMIRO JOSÉ DOS SANTOS, morador à rua Soares Pereira, nº59, Estação da Piedade, pede a Va.Exce. se digno de lhe conceder licença para poder realizar, durante o corrente ano, nos domingos e dias santificados e feriados, danças de estylo africano, em sua residência.

N'estes termos,

Pede Deferimento

(fonte:Arquivo Nacional. Série Justiça 564- 23 de Abril de 1915 – A concessão foi dada no dia 26 do mesmo mês e ano)

O documento reforça a idéia de controle do tempo privado, pela esfera pública, por se tratar de uma festa na residência. Mais ainda, demonstra que depois de quase trinta anos, os códigos da comunidade negra, principalmente daqueles que compartilhavam das mesmas práticas culturais (cultos, danças etc.) africanas, eram vigiados pela esfera pública. Entretanto, este debate não se encerra de forma tão simples.

Apesar do controle e do fordismo serem pontos fundamentais da sociedade moderna, suas explicativas não deram conta da plenitude dos fatos. Neste estudo, nos servem como ponto de partida para uma discussão mais ampla e fundamental para a compreensão das cidades.

Na verdade, as relações entre os grupos sociais não se estabeleciam através do domínio pleno, linear e fechado. Ao contrário, a relação era estabelecida a partir de resignificações e reincorporações constantes de ambos os lados.

Neste sentido, podemos dizer que o futebol também apresentava suas práticas de “controle” e “descontrole”. Inicialmente, destacamos que o tempo de “controle” das elites em impossibilitar as camadas populares em acessar seus clubes foi rompido em um curto espaço de tempo. Isto demonstra de forma emblemática que o controle não era efetivo e que, sobretudo, existiram brechas e anseios que possibilitaram esse acesso.

Esta condição gerou um grande paradoxo no Rio de Janeiro. Enquanto os clubes e seus estatutos eram peças fundamentais na tentativa de conter as camadas populares ao acesso a clubes da liga principal, a necessidade das vitórias e a estruturação de um mercado em torno do universo futebolístico, que emergia naquele período, tornavam-se frágeis a tais barreiras impostas pela elite.

Em Buenos Aires não foi tão diferente. As altas taxas de adesão e a obrigatoriedade de possuir um campo para as partidas dificultavam, ou mesmo impossibilitavam, o acesso das camadas populares aos grandes clubes e às principais ligas. Tal fato, visava contribuir para o afastamento dos *criollos* destes locais. Em contraponto, a grande quantidade de clubes de bairros e também a necessidade de fortalecer os times, com o intuito de conquistar vitórias e títulos, fizeram com que a fronteira entre colégio e clubes fossem rompidas.

Mas uma vez, comprovadamente, o futebol além de mostrar-se em plena conexão com questões sociais mais amplas, notoriamente se desenvolve num cenário de completa dinâmica. Uma via de mão de dupla que sem dúvida gerava resultados para ambos os lados.

Malgrado esta situação, os embates eram constantes. Em Buenos Aires, por exemplo, logo no primeiro ano do novo século, a Associação de Futebol Argentino cria a terceira divisão de futebol e com isto obriga aos clubes vinculados aos colégios a se filiarem somente a ela. A justificativa dada para este ocorrido foi, em primeiro lugar, que aquilo era necessário para não se fazer propaganda incompatível ao mundo do futebol e, em segundo, para que não houvesse entre os jogadores, figuras vinculadas às escolas.

De qualquer forma, como uma maneira de burlar a lei, os colégios trocaram os nomes de suas equipes de futebol para permanecerem na primeira divisão. A *English High School*, tradicional escola argentina e grande vitoriosa nos campos futebolísticos, trocou o nome para ALUMNI e se manteve na grande “elite” do futebol argentino.

A tradição e a popularidade desta escola eram tão grandes que o “Trofeo de la Popularidad” foi conquistado por ela, neste período, com o dobro de votos do segundo lugar<sup>35</sup>.

Nitidamente, com o passar dos anos, a disparidade entre os clubes oriundos de escolas e os clubes exclusivos de esporte começava a se evidenciar. Com isto, o domínio dos clubes sobre as “escolas” ia colocando, paulatinamente, frente aos times de futebol, outros atletas que transcendiam os muros escolares. Estes atletas quase sempre se tornavam peças chave para as vitórias de seus times.

O mesmo fato ocorreu no Rio de Janeiro. As elites tinham que superar suas diferenças sociais e se apropriarem de jogadores de pequenos clubes e também das várzeas, só assim chegariam às vitórias. Não queremos dizer com isso que estes clubes somente alcançariam as vitórias através destes atletas, no entanto, o perfil e a qualidade destes fortaleciam os times para as disputas das partidas e, de certa forma, aproximava os clubes das vitórias. E neste caso, as elites estavam dispostas a pagar o preço. Em 1915, o *Correio da Manhã* publica uma matéria sobre o tema que confirma nosso argumento.

Os ‘corretores’ de ‘títulos’ próprios como também se os chamou, são os já tão falados semi-profissionais, ou –como queiram – são nada mais nada menos, indivíduos que, jogando bem o football, especulam com seus méritos.

O sócio de um clube que lhe arranjar um meio de ganhar a vida, um emprego, ou quando alguns os arranjam, ou que as mais vantajosas

---

<sup>35</sup> Resultado da votação dos 3 primeiros colocados: English High Scholl 6.942 votos, Quilmes 3.467 votos, Belgrano Athletic 3.358. fonte: IWANCZUK, Jorge. *Historia Del Futbol Amateur en la Argentina*: CIHF, 1992, p. 54.

condições oferecer, terá como compensação vê-lo disputar o campeonato em defesa das cores do clube a que pertence.<sup>36</sup>

O trecho citado reforça a idéia de que os interesses eram múltiplos e a perspectiva de se alcançar o resultado esperado era algo factível. Talvez por isso o futebol tenha se tornado o esporte de maior amplitude nos dois países. Por apresentar espaços de interseção, ainda que repleto de conflitos, onde as mais diversas questões, fossem elas econômicas ou esportivas, alcançassem efetivas respostas.

Tudo está muito associado. No Rio de Janeiro e em Buenos Aires a urbanização, a industrialização, a eugenia, as formação das instituições republicanas, o desenvolvimento do esporte e do lazer e o fordismo fizeram parte de um projeto complexo, articulado e muito amplo.

Porém, é importante ressaltar que o resultado de toda esta mistura foi decisivamente a construção de uma configuração social intensamente híbrida, imprevisível e que, sobretudo, proporcionou às cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires uma intensa transformação.

Vale ressaltar novamente que todas estas transformações eram vivenciadas e apreendidas por grupos sociais autônomos e que, na maioria das vezes, eram descritos inadequadamente pela bibliografia destes grupos.

Quase sempre as histórias dos grupos sociais (elites / camadas populares) são feitas a partir de linhas paralelas de reflexão, ou seja, não dão conta das interferências em ambos os lados em que ocorreram o processo.

---

<sup>36</sup> Correio da Manhã, 26 de fevereiro de 1915, Coluna Sports – Título: O football no momento – “Os Negociadores”. Matéria não assinada.

Através das fontes já apresentadas e as que ainda estão por vir, esperamos haver uma compreensão mais aprofundada destas interferências e, sobretudo, das ações efetivas que definiram complicações, posições, escolhas e crises dentro das cidades estudadas.

Nas histórias sobre o futebol brasileiro e argentino, as elites são quase sempre as mais representadas. Ademais, podemos ressaltar que estas apresentam um sentido muito linear da história. Como efetivamente é a elite a detentora do poder político e econômico e, quase sempre, é ela que tenta definir todas as instâncias da vida social dos indivíduos, tomando decisões e tornando-as válidas para todos, parece que resta aos outros membros aguardar a redenção e o aprendizado.<sup>37</sup>

Na virada do século XIX para o XX esta elite tenta implacavelmente dirigir e regular de maneira mais ou menos arbitrária, com ou sem o aval, as outras camadas sociais. No futebol quando os estatutos eram feitos ou mesmo quando as ligas esportivas tomavam suas decisões, buscavam atender os interesses daqueles que estavam na sua direção. Estas representavam, sem dúvida, as elites.

Na outra ponta da sociedade estavam as camadas populares, que não aguardavam inertes pela redenção. Ao contrário, demonstravam certas autonomias e atitudes perspicazes que, ao fim, possibilitaram-nas um grande avanço nesta relação.

Quase sempre tratadas como uma parte passiva da sociedade, as camadas populares, parece que em pouco contribuíram para as transformações dos meios sociais. Na verdade, o

---

<sup>37</sup> Ver em FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. Notadamente a obra mais conhecida sobre o futebol brasileiro, demonstra que, apesar da ascensão do negro, os primeiros passos do futebol foram dados pelos brancos e que por isto, acabaram se tornando os responsáveis por ensinar o novo esporte. O autor chega a escrever que “o jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preço começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol” p.73.

seu papel social, malgrado a ausência de poder político e econômico, foi tão significativo para a sociedade quanto o das outras classes.

A organização das camadas populares fica visível durante esta pesquisa. Um bom exemplo desta organização se dá pelos inúmeros periódicos destinados a esses grupos. Jornais como *O Baluarte*, *A Pátria*, *Gazeta Operária*, *A Voz do Trabalhador* e *Getulino* são apenas alguns dos diversos periódicos que os representavam.

As sociedades de um modo geral são marcadas pela relação desigual entre os seus grupos internos e, neste contexto não foi diferente. Esta desigualdade é em grande parte construída pela forma, também desiguais, de distribuição dos poderes políticos e econômicos.

Canclini, quanto à resistência, sugere que o processo de colonização feito por portugueses e espanhóis no início, e em seguida por ingleses e franceses, tornou a mestiçagem um processo central na construção das sociedades latino-americanas. Porém, para as elites locais, tal fato sempre foi rejeitado como definidor de suas identidades, fossem elas locais ou nacionais.

Rio de Janeiro e Buenos Aires apresentaram visivelmente as condições para que o processo de hibridação ocorresse. Neste sentido, sendo nitidamente o centro político, social, cultural dos seus respectivos países, estas duas grandes capitais dialogaram no seu interior com muito mais intensidade que em outros Estados e por isto fomentaram maiores conflitos e maior criatividade cultural.

Iwanczuk, tratando de Buenos Aires, escreve que *la influencia inglesa dominante en aquella época ponía de moda la costumbre de formar clubes. De allí que cualquier grupo*

*de muchachos de barrio, de esquina o de baldio, decidia fundar uno*<sup>38</sup>. Fica claro nesta citação que, como capital, o acesso às novidades oriundas do velho mundo poderia ser vivenciada por todos, sobretudo por se apresentarem expostas de forma bem mais explícitas.

Desta forma, o conceito de Canclini contribui para a compreensão da América Latina. Quando se constrói a idéia de hibridação para designar lugares de mistura interculturais, passamos a pensar capitais como Rio de Janeiro, Buenos Aires, assim como Londres, Nova York, Hong Kong, como centros de igual valor no processo de intercâmbio constante e intenso.

A modernidade vivenciada nestas duas capitais é contraditória, pois ao mesmo tempo em que o discurso é inclusivo, a suas práticas segregam. O tradicional e o novo ainda continuam dialogando sob novas formas e gerando novas desigualdades, da mesma forma que também são experimentados novas reações e novos resultados.

O esporte neste período é um ótimo cenário explicativo para demonstrar estas contradições e trocas. Numa partida de futebol, assim como nas corridas de cavalos ou nas disputas do remo, apesar das camadas sociais ocuparem o mesmo espaço geográfico, tais espaços eram divididos e definiam as suas contradições. Porém, todos faziam parte de um mesmo espetáculo.

Enquanto as arquibancadas/tribunas eram ocupadas pelas elites econômicas e reproduziam a chamada *high life society*, os arredores do campo, as árvores e mesmo os muros dos estádios eram ocupados pelas camadas populares chamadas de “loucos” e que na

---

<sup>38</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia Del Futbol Amateur en la Argentina*, CIHF, 1992, p. 60.

Argentina era *desgraciadamente el público es en su mayoría, criollo, y su comportamiento no es el adecuado para el fair play*.<sup>39</sup>

Neste sentido, podemos dizer que a partir das experiências de um esporte popular, como o futebol, não foram construídas formas democráticas de vivências, mas sim reflexos das contradições sociais experimentadas e apresentadas dentro de uma sociedade. De qualquer forma, pela hibridação, notamos que valores potencializados pelas camadas populares passaram a figurar pelas elites. O profissionalismo é um destes valores.<sup>40</sup>

O autor aponta claramente para a forma na qual este processo ocorre. O conceito de *hibridação restrita* é eficaz na análise da modernidade latina. Canclini sugere que apesar da fluidez social e da facilidade de suas apropriações, nada obriga a estes agentes sociais que ajam de maneira indiscriminada. Ou seja, a idéia central está em *incorporo sua música, mas que não se case com minha filha*.<sup>41</sup>

Desta forma, a partir desta intensificação de interculturalidade, as duas capitais experimentaram na formação de seus estados modernos um diálogo mais intenso entre setores populares e elites que não podem ser somente vistos como antagônicos, mas sim como parte de intercâmbio pleno, em que as duas partes estão passíveis de sofrerem alterações.

---

<sup>39</sup> Trecho publicado no periódico "The Standard" sobre a partida de futebol disputada entre um clube inglês e um argentino, em 1913.

<sup>40</sup> O profissionalismo, a meu ver, surge e é potencializado com o aparecimento de um futebol híbrido. Notadamente, desde seu início, a presença das camadas populares é uma questão para as elites, com isso passa a existir a necessidade de uma constante remodelação do futebol amador, sobretudo suas ligas e estatutos.

<sup>41</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. 4ed. São Paulo: Edusp, 2006. p. XXXIII

As sociedades da virada do século e suas práticas socioculturais foram construídas a partir de que a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam. As camadas populares e as elites não eram definidas por uma essência, mas sim dentro de suas estratégias que estes próprios grupos construíram para definirem suas posições e, sobretudo suas escolhas.

Fica ainda mais interessante quando começamos a pensar modernidade a partir de outros meios que não aqueles apontados pelas metrópoles. De certa forma, as idéias canonizadas de que tudo que era oriundo da Europa, naquele momento, fosse indiscriminadamente copiado se torna falsa, na medida em que os diálogos são apresentados de uma maneira mais complexa. Nem imitação sem limites, nem originalidade genial, somos parte de um processo de diálogos e intercâmbios que vão para além destes “fundamentalismos”.

Por exemplo, a Seleção Argentina de Futebol, em 1902, já enfrentava a Seleção Uruguaia diminuindo a sua diferença de qualidade. Sem dúvida, o contato com equipes internacionais contribuía em muito para o avanço técnico da Seleção Argentina. O Uruguai na primeira partida disputada em 1902 vence o *match* por 6 a 0. Na segunda partida, disputada no ano seguinte, a vitória já é apertada, num placar de 3 a 2.

No Rio de Janeiro, neste mesmo momento, ainda tínhamos poucos clubes e se quer pensávamos numa seleção atuando no exterior. Ainda apresentávamos uma discussão que girava em torno das conseqüências esportivas. Os esportes eram vistos como sinais de

virilidade e força, porém havia uma grande desconfiança sobre as conseqüências para o corpo do atleta.

De qualquer forma, o número de clubes ia se multiplicando por todo o estado e a presença das camadas populares no cenário esportivo acabava gerando e potencializando trocas no panorama geral. Nos clubes pequenos e grandes, da zona sul aos campinhos da baixada, a prática esportiva já era uma febre entre a população.

Um ponto é comum em ambos os casos, tanto em Buenos Aires quanto no Rio de Janeiro, apesar de diferenças significativas na estrutura do futebol, os praticantes do esporte estavam de acordo com os mesmos princípios e valores do atleta daquele período. Os jovens do Rio deveriam ter sua conduta pautada por um cavalheirismo, dentro e fora do campo, que os colocariam como verdadeiros *sportmens* e efetivos membros do que existia de melhor na sociedade. Vejamos a seguir, uma citação sobre esta posição hierarquizada dos grupos sociais frente ao futebol.

Hoje os clubs de football contam-se às dezenas e não há recanto de bairro chic, de arrabalde modesto ou de subúrbio sossegado onde não se tenham agrupado, na fórmula elegante de um team, bando de rapazes que o entusiasmo liga e seduz, para o exercício habilitante do football. Diz que o Fluminense ensinou, a língua bárbara ainda do nosso povo, a tecnologia elegante desse delicioso sport.<sup>42</sup>

Em Buenos Aires, não foi diferente, o espírito do *fair play* também era importante para a construção do cenário futebolístico. Um dos mais tradicionais jornais de Buenos Aires traz uma matéria interessante sobre este aspecto, que contribui para nossa afirmação: *amistosos entre clubs de Buenos Aires y Montevideo habian iniciado entre los sportmen*

---

<sup>42</sup> Revista Fon Fon. Abril de 1907. Sem título. Assinada por Goal-Keeper.

*una corriente de simpatias mutuas llamada a influir benéfica y eficazmente en los destinos de aquel deporte.*<sup>43</sup>

A imprensa do Rio de Janeiro também se posicionava frente ao novo jogo que se destacava no cenário esportivo. A revista Kosmos publica:

O foot-ball está na ordem do dia, multiplicam-se os clubs, aqui, em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas, e o ponta pé inglez, traduzido para o brasileiro, tem neste momento as honras do sport atranhindo, dia a dia , novos e entusiasticos projetos e causando entre a mocidade sadia a nobre emulação da destreza e da força.<sup>44</sup>

A importância do futebol se reproduz nestas duas citações. No entanto, ela transcende este aspecto social. Em Buenos Aires quando os dirigentes dos clubes tiveram certeza da sua vocação futebolística, o que aconteceu nos primeiros anos do novo século, passaram a investir maciçamente no intercâmbio com clubes ingleses para que o esporte se difundisse mais e para que os *criollos* desenvolvessem seu estilo de jogo.

Iwanczuk, escreve que em 1904, *el tiempo del aprendizaje había comenzado e iba a ser próspero. Había que aprender para crecer aunque los primero pasos los diéramos perdiendo frente a los que sabían ... por algo eran los maestros.*<sup>45</sup>

Enquanto as disputas argentinas estavam no âmbito internacional, no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, o primeiro campeonato de futebol, organizado pela Liga Metropolitana de Foot-ball, seria realizado apenas em 1906. Esta disparidade não trouxe

---

<sup>43</sup> Jornal La Nación. 14 de setembro de 1903. Coluna Sports.

<sup>44</sup> "Sport-Foot-ball". Kosmos. ano 1. n. 8. Agosto de 1904.

<sup>45</sup> IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*. CIHF, 1992. p. 57.

diferenças significativas no resultado final, pois tanto no Brasil quanto na Argentina a explosão e as grandes transformações no futebol acabaram ocorrendo no mesmo período.

Nesta perspectiva, um ponto vale ressaltar: Enquanto a maioria dos jornais e revistas do Rio de Janeiro se posicionavam e traziam grandes reportagens sobre o futebol num espaço muito curto de tempo, em Buenos Aires o jornal *La Nación*, importante periódico Argentino, até o final da primeira década do século XX pouco informava sobre o esporte da bola.

De qualquer forma um outro jornal argentino, o *The Standard*, eminentemente inglês, dava destaque ao futebol e, de forma visível, esperava com isto reforçar seus laços com o país de origem. Neste caso, referimo-nos não somente ao futebol, mas também ao cricket. Faz-se neste periódico marcante a presença dos esportes de tradição inglesa.

A imprensa teve papel fundamental no processo de popularização do futebol, e isso em todo o período do século XX. Inicialmente os jornais e revistas faziam este papel de divulgadores, e em seguida, veio o rádio, consolidando e expandindo as fronteiras dos grandes clubes e do próprio esporte.<sup>46</sup>

A imprensa foi outro grande evento da modernidade. O material jornalístico da época, nas duas capitais, para além da divulgação, serviu para gerar simulacros de possíveis sociabilidades. Ou seja, as imagens e textos reproduzidos contribuíram para a construção de micro e macro identidades.

---

<sup>46</sup> Já na segunda metade do século, a televisão assume este papel e consegue levar ao ápice os símbolos, as marcas e o potencial do futebol.

Devemos apontar para uma reflexão notadamente mais complexa, acerca da formação de coletividades e do imaginário nacional que tanto foi importante para o desenvolvimento do futebol nos dois países.

As elites e as instituições por elas dirigidas, clubes e ligas esportivas, criavam espaços de convivência que efetivamente não representavam à cultura nacional, nem brasileira nem argentina, na sua essência. Pois, deixavam, ou tentavam deixar, de fora grande parte da população deste cenário. As categorias “homens de cor” e “*criollos*” foram potencializadas nesta proposta. O material jornalístico, publicado pelos jornais de grande circulação, sempre destacavam estas duas categorias através de adjetivos agressivos e pejorativos.

Porém, frente a estas simulações de ampla sociabilidade quase sempre discursivos, as partes excluídas criavam suas próprias brechas ou aproveitavam aquelas que já estavam prontas para eleger as suas próprias vontades. O futebol é uma marca categórica neste assunto. Foram nestas condições que o cenário futebolístico foi se alterando e conseguiu chegar à contemporaneidade como marca emblemática da nação.

Devemos conceber estas duas capitais como pólo central de uma articulação que, mais complexo e dinâmico entre tradições (antigo) e modernidades (novo), marcados principalmente pelas diversidades e desigualdades, serviu para formar as suas novas cidades.

A modernidade colabora com este contexto na medida em que apresenta novas formas de se constituir grupos sociais. A sociedade moderna não mais se constrói a partir

da superioridade de sangue nem ao menos na hereditariedade dos títulos de nobreza. Neste momento as práticas sociais se tornam as fontes geradoras das diferenças.

A consolidação de campos específicos como o lazer serve para construir e renovar distinções entre as elites e as camadas populares. Este novo campo assume valores simbólicos e, sobretudo, reais, que por serem valorizados ou pela escassez ou pelo alto valor de seu consumo constroem as novas distinções.

A sociedade moderna vive desta forma uma grande contradição. Enquanto fomenta a divulgação e a expansão para que se torne efetivamente moderna, cria a distinção para enfrentar os efeitos da massificação e manter os signos de diferenciação da classe dominante. Ao mesmo tempo, as camadas populares dialogam e geram novas possibilidades.

Em meio a esse diálogo e, sobretudo, a estas tensões, as sociedades latinas se construíam. De uma maneira nada esquemática entre as elites e as camadas populares, Rio de Janeiro e Buenos Aires apresentavam um processo de formação que implicava em segregar e incluir como condição básica diversos setores sociais e seus sistemas simbólicos, que passavam a reconfigurar-se a partir destas novas práticas.

A idéia de pertencimento é primordial neste debate, pois é através dela que a idéia de identidade germina. Sabemos que o campo cultural ser é um espaço de luta, onde o capital simbólico é apropriado, qualificado e hierarquizado, mas temos que ter cuidado para não condicionarmos as camadas populares às elites. Se assim fosse,, estaríamos desprezando o potencial da primeira em desenvolver seus próprios valores, símbolos e interesses de forma autônoma e não utilitária.

Durante muito tempo em Buenos Aires, os clubes de ingleses tinham grande hegemonia, isto sem dúvidas impedia que o imaginário de coletividade nacional alcançasse efetivamente toda a população. Isto ocorria sobretudo devido a estes clubes não terem inserido em seus quadros a maior parte da população que, efetivamente, era formada pelas camadas populares.

Tal fato também ocorria no Rio de Janeiro. Apesar de a quase totalidade dos principais clubes não serem formados por ingleses, como na capital argentina, a grande parte da população também foi excluída do que seria o grande “modelo” de futebol.

Num primeiro momento, até 1912 <sup>47</sup>, a fama dos clubes ingleses colaborou com a divulgação do esporte, porém não inseria em seus quadros a população que cooptava. Com isto, a idéia de coletividade nacional se via prejudicada. Já no decorrer da segunda década, com a presença maciça de *criollos* e populares, há uma reconfiguração do futebol em Buenos Aires e, conseqüentemente, a idéia de nação passa a se tornar efetiva e plausível.

Em comparação, podemos dizer que o processo no Rio de Janeiro também seguiu esse mesmo caminho. Haja vista que, somente quando houve uma efetiva participação das camadas populares, o futebol passou a assumir uma idéia de coletividade nacional. No Rio, isto ocorre de forma emblemática no Governo de Getúlio Vargas e na Argentina, com o governo de Perón. A presença do Estado é fundamental neste processo. Porém, tal fato não será abordado neste trabalho.

---

<sup>47</sup> Em 1913, o *Racing Club* consegue conquistar o campeonato da primeira divisão argentina sem nenhum jogador inglês. Tal fato faz com que o peso futebolístico dos clubes ingleses caísse e, em oposição, com que os times com *criollos* assumam lugar de destaque.

Em ambas as cidades, passa a existir uma oposição no campo futebolístico. O estilo de jogar dos grupos passa a ser uma característica definidora do próprio grupo e, principalmente, agrega uma proporção muito maior da população. Em oposição ao estilo inglês, marcado pela lentidão, disciplina, coletividade e força, surge o estilo *criollo* com marcas definidas por rapidez, individualidade, menos disciplina, agilidade e virtuosidade dos movimentos. Este último estilo é uma influência direta das camadas populares latinas. No Brasil temos similaridades e diferenças neste processo.

Como já mencionado, no Rio de Janeiro, tínhamos também os clubes de ingleses, porém, as nossas elites, efetivamente nacionais, assumiram rapidamente o controle das práticas esportivas. Vale ressaltar que o número de imigrantes no Rio de Janeiro também era enorme e sua contribuição para o esporte também foi fundamental. Porém, diferentemente de Buenos Aires não foram os filhos destes imigrantes que transformaram o estilo de jogar dos brasileiros.

O número de clubes criados no Brasil neste momento é enorme, da mesma forma que ocorre em Buenos Aires. Apesar disso, nesta época, no Rio de Janeiro, o futebol estava ligado ao modismo elegante da cidade, era associado às elites nativas e, por isso as minorias não eram lembradas nas matérias dos jornais e revistas que descreviam tais eventos. O discurso da imprensa estava sempre interessado em mostrar as práticas esportivas como sinais de uma elite mais moderna e mais desenvolvida. Assim sendo, mesmo que aumentando o número de clubes nas duas capitais, o esporte ainda estava voltado para as classes mais altas.

É o ponto predilecto e aclamado para todas as festas elegantes. Dentre estas sobressaem as velhas regatas e o moderníssimo curso, às quartas-feiras, onde as elite da sociedade tem ensejo de se encontrar exhibindo no brilho das equipagens e das toilettes o fausto da sua posição<sup>48</sup>

...as confortáveis e elegantes archibancadas do `ground' da rua guanabara encheram-se `do grand complet' do que há de mais fino na sociedade carioca.<sup>49</sup>

Na tentativa de se construir esta imagem moderna, não sobrava espaço para minorias sociais. Enquanto em Buenos Aires, já em 1912, um clube formado por *criollos*, consegue ganhar o campeonato da primeira divisão, no Rio de Janeiro, os campeonatos da principal liga eram dominados pelos grandes clubes que, efetivamente, ainda não contavam com uma presença significativa de populares nos seus times.

Somente na década de 20 o futebol do Rio de Janeiro vai presenciar um grande clube, formado por jogadores oriundos das classes mas baixas, chegar e ganhar a primeira divisão de um campeonato: O Clube de Regatas Vasco da Gama. Este cria sua equipe de futebol em 1915 e consegue com ela gerar um momento importantíssimo para o futebol brasileiro.

Vale ressaltar que, antes mesmo do Vasco da Gama outros clubes já tinham levado negros e trabalhadores aos campos de futebol da Zona Sul. Clubes como o Bangu e o Andaraí chegaram a primeira divisão com times formados por jogadores oriundos da classe operários. Porém, apesar de serem encarados com simpatia pelos adversários, nunca foram descritos como modelos a serem seguidos no cenário esportivo. Modelo mesmo era o clube da elite carioca: o fluminense

---

<sup>48</sup> "Regatas e Corso em Flamengo", O Malho. 26 de setembro de 1907.

<sup>49</sup> "Sport". Jornal do Brasil, 14 de maio de 1906.

Apesar da postura assumida por estes dois clubes quando pressionados pelas ligas oficiais quanto à sua formação, estes não obtiveram resultados significativos no universo futebolístico, e nem promoveram a inserção definitiva destes “novos” jogadores no cenário esportivo.

Desta forma, podemos dizer que o sentido real de coletividade e nacionalidade no futebol somente se materializa com a efetiva participação das camadas populares. Tanto em Buenos Aires quanto no Rio de Janeiro, ainda que a imprensa já falasse deste novo jogo como uma perspectiva nacional, sem a presença dos populares e trabalhadores, o futebol ainda não representava a realidade da sociedade. Tal fato colaborava para a impossibilidade de se gerar uma identidade nacional.

O futebol em Buenos Aires e no Rio de Janeiro não é resultado apenas de uma prática importada e copiada dos ingleses, mas sim um resultado de esforços de todas as camadas sociais em buscar, nesta prática, uma efetiva relação de sentimentos, interesses e técnicas que resultam numa nova forma de jogar, autenticamente brasileira e argentina.

Eduardo Archetti escreve que a *fundación criolla, con el estilo como um fator de integración, hay que agregar lo que llamaré “fundación emocional, basada em las lealtades de los hinchas de fútbol por alguno de los clubes grandes portemos. Una vez más lãs fronteras, esta vez provinciales, se rompien. El fútbol se convertia en deporte nacional.*<sup>50</sup>

---

50

□ ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*, Buenos Aires: CFE editora, 2001. p 25.

Enquanto sobre o mesmo assunto Mário filho escreve que *A vulgarização do futebol, todo mundo querendo dar um chute, jogar no time, não fizera nenhum mal. Nem mesmo aos clubes como o Fluminense e o Botafogo, da boa sociedade.*<sup>51</sup>

Enfim, notamos que a dinâmica relação entre os grupos sociais foi determinante em ambas as cidades para o desenvolvimento não só do esporte, mas de toda estrutura sociocultural vigente. Como grande painel de análise, o futebol foi adquirindo uma visibilidade incrível no cenário de cada uma das cidades e, notadamente, foi o único esporte, no período estudado, que possibilitou que as camadas populares tivessem papel relevante nas transformações.

---

<sup>51</sup> FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 54.

## **Segundo Capítulo**

### **Rio de Janeiro e Buenos Aires: violência, imprensa e as camadas populares nos Primórdios do Futebol**

Durante todo o século XX, a violência foi um tema recorrente em todo o mundo. Vivenciada de forma direta ou simbólica, o tema provocou debates e questionamentos que, ainda hoje, fazem emergir inúmeras propostas e ações que visam minimizar e, quando possível, exterminar a sua existência do cenário do mundo contemporâneo.

São inúmeras as temáticas que podem ser discutidas a partir do prisma da violência. Neste sentido, o esporte não é diferente. Ao contrário, nos últimos anos, notamos um grande alarde da mídia quanto à necessidade de se conter a violência dentro e fora do esporte. Assim, praticamente como uma resposta ao cenário que se tornava “hiper-visível”, inúmeros trabalhos acadêmicos foram realizados, ações governamentais foram implementadas e, sobretudo, mudanças nos hábitos do cotidiano dos cidadãos foram alteradas de forma significativa em consequência da violência. Ainda que estes momentos promovessem efetivamente poucas mudanças ao indivíduo causador, surge, a cabo destes calorosos debates, um discurso saudosista ao passado.

Num debate superficial sobre o tema, futebol e violência, pode parecer que a relação estabelecida entre estes dois objetos seja pontual e, de certa forma, recente. O esforço deste capítulo será o de demonstrar que desde os primeiros anos do futebol a violência foi uma

constante no cenário esportivo e que, de forma alguma, este é um evento exclusivo dos nossos dias.

Como já foi dito no capítulo anterior, o período pesquisado foi construído a partir de um cenário de grande complexidade e articulação. Assim sendo, partiremos do princípio de que a violência não foi somente resultado do enfretamento direto entre grupos sociais, mas, sobremaneira, foi uma ferramenta fundamental para a construção de um *ethos* social excludente, que era reconhecido e adotado pelas elites, bem como divulgado pela imprensa como modelo da sociedade que emergia.

Deste modo, apresentaremos uma investigação sobre a associação entre violência<sup>52</sup>, discurso e camadas populares no Brasil e na Argentina, especificamente no Rio de Janeiro e Buenos Aires. É fundamental, portanto, ter clareza que a associação entre estes três itens foi proeminente para a construção e sedimentação da história dos primórdios do futebol brasileiro e argentino.

O discurso analisado, através do material jornalístico, sobre o futebol na virada para o século XX e nos seus primeiros anos, momento de destaque das duas cidades, visava refletir e demarcar uma posição para as camadas populares de grande inferioridade. Notadamente, os grandes jornais e revistas da época, dominado em grande parte pelas elites, demonstravam que os populares estavam sempre em condições inadequadas ao

---

52

□ A violência neste trabalho não se resume às intervenções físicas registradas nos periódicos durante as partidas de futebol, mais, a toda prática que visava excluir ou agredir moral ou simbolicamente qualquer que fosse o agente social. Consideramos neste sentido o racismo uma forma evidente de violência, bem como, os discursos pejorativos referidos as camadas populares da época.

espaço do lazer e do esporte. As ações violentas, neste sentido, eram uma das principais marcas registradas pela imprensa da época.

Era comum naquela época um grande número de matérias que fizessem maciças críticas à violência, bem como matérias que simplesmente descreviam o cenário da violência no futebol. Fosse ela física ou de discurso à violência aplicada, quase sempre, eram as camadas populares (compostas fundamentalmente por negros, pobre, *criollos*, estrangeiros) que geravam, conforme hoje, momentos de grande indignação, reflexão e ação.

Críticos e debatedores agarram-se à idéia de que a violência pertence ao tempo presente e que no passado dos “homens gentis” ou “Sportmens” o esporte era praticado de forma menos violenta e, neste sentido, menos agressiva às camadas populares. Ainda que nos dias de hoje as práticas esportivas, em geral, estejam espetacularizada em sua plenitude, e por isto tornem os eventos mais visíveis e globais, os primórdios do esporte moderno já apresentavam tais características, ainda que numa proporção menor.

O sentido lúdico do esporte é fundamental e deve ser entendido de forma ampla. Apesar de parecer sempre relacionado ao jogo desprezioso, o lúdico também contempla a violência. Os embates esportivos de todas as modalidades demonstram a luta latente, e por vezes a violência propriamente dita, contudo, não perdem seu caráter lúdico.

De outra forma, porém não menos importante, se pensarmos por exemplo no escárnio (forma de violência simbólica) tão presente durante as partidas de futebol, antes e principalmente depois dos jogos, iremos verificar que a violência, neste caso é parte decisiva para a compreensão da plenitude do espetáculo e do seu sentido lúdico.

Quando se disputa uma partida, seja ela entre clubes regionais ou entre seleções, a característica mais marcante é a luta pela vitória. Mesmo quando as partidas são disputadas entre grupos não profissionais, essas buscas podem assumir, metaforicamente, o sentido de uma guerra. E, neste sentido, o aspecto lúdico continua sendo contemplado nos jogos.

O Sociólogo Mauricio Murad<sup>53</sup> se apropriando da obra de Carl Von Clausewitz<sup>54</sup> diz ser inadequada a utilização da metáfora da guerra para o estabelecimento de um debate sobre o esporte, mais especificamente o futebol. Apesar de compreender os aspectos levantados por Murad, compreendemos que uma outra leitura sobre a obra de Clausewitz pode apresentar um novo olhar e uma nova perspectiva sobre esta questão.

Clausewitz, buscando uma definição para guerra e fugindo de uma definição difícil e pedante como o próprio autor escreve, inicia o seu primeiro capítulo apresentando “o duelo” como sendo a essência deste conceito. O autor nos explica que se quisermos reunir num só conceito os inumeráveis duelos particulares de que a guerra se compõe, faríamos bem em pensar na imagem de dois lutadores.

Neste sentido, podemos dizer que o esporte possui, em larga escala, a mesma dinâmica, pois, afinal, o esporte é sempre marcado pelo duelo entre equipes ou esportistas e, assim sendo, a luta pela vitória passa, de forma análoga, pelo sentido de uma guerra.

---

<sup>53</sup> MURAD, Mauricio, *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

<sup>54</sup> Clausewitz (1870-1831) foi um importante General Prussiano que, entre 1832-1837. Teve sua obra publicada e acabou se tornando uma das mais famosas obras sobre a teoria da guerra. O clássico *DA GUERRA* é, até os nossos dias, utilizado como leitura obrigatória sobre o tema.

Mais do que pressupor a eliminação do “outro”, como afirma Murad<sup>55</sup>, a guerra é destinada a forçar o adversário a fazer sua vontade, e para isso, a sua eliminação não é necessária. Clausewitz chega a afirmar que, se referindo ao objetivo final da guerra, *o fim será impor a nossa vontade ao inimigo. Para se atingir com total segurança este fim, tem de se desarmar o inimigo, sendo este desarmamento, por definição, o objetivo propriamente dito das operações de guerra.*<sup>56</sup>

Apesar de o autor dizer *a violência moral não existe fora dos conceitos de Estado e Lei*, ele compreende que *a sensibilidade necessariamente fará parte dela. Ainda que a guerra não provenha desta, incide, todavia, mais ou menos sobre ela, e este mais ou menos não depende do grau de civilização, mas sim da importância e persistência dos interesses inimigos.*<sup>57</sup>

A partir destas novas citações de Clausewitz fica mais claro o sentido da guerra associado ao esporte. O duelo, a rendição e a luta pela vitória são válidos como metáforas de uma guerra esportiva. Da mesma forma que o clube, a seleção ou mesmo o time assumem a posição de um Estado na definição dos planos de ataque e defesa na busca da vitória.

---

<sup>55</sup> MURAD, Mauricio, *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p18.

<sup>56</sup> Idem. p 07.

<sup>57</sup> Idem. p 09.

Eric Dunning escreve que *o esporte e a guerra implicam tipos de conflitos que se entrelaçam sutilmente como formas de interdependência, cooperação y formação de grupos (nós e eles).*<sup>58</sup>

Ao reunir comunidades de pessoas “de dentro” elas revelavam – muitas vezes inventavam – um mundo de estranhos para além das paliçadas, indivíduos e classes, raças e nações, que era perfeitamente adequado contradizer, tratar com superioridade, ridicularizar, explorar ou exterminar.

Com isto, é possível afirmar que a violência faz parte do espetáculo esportivo. Ainda que a sua exacerbação física ou discursiva deva ser condenada, ela sem dúvida continuará existindo. O esporte, afinal, serve como uma fonte inesgotável de reflexão da sociedade, por isto contemplará todas as suas esferas. Murad afirma que *O futebol não é violento em si*, mas como não podemos pensar o futebol dissociado de outras esferas, como a social, a econômica, a cultural e principalmente das escolhas pessoais, devemos prever a violência como sendo uma de suas possibilidades.

Nobert Elias diz que *podemos usar o esporte como uma espécie de laboratório natural, onde explorar propriedades das relações sociais, tais como competição, cooperação, conflito e harmonia, que logicamente e em termos dos valores que imperam, parecem alternativas mutuamente excludentes, no entanto dentro da estrutura intrínseca do esporte se revelam, com toda clareza nesse contexto, como interdependentes.*<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> ELIAS, Nobert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio em le processo de la civilización*. México, Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 13.

<sup>59</sup> Idem. p. 15. Tradução Nossa.

A chamada modernidade tardia da América Latina vivenciadas no Rio de Janeiro e Buenos Aires inclui, para além das transformações urbanísticas, tecnológicas, populacional e de entretenimento, a subjetividade individual e coletiva. Ou seja, a adesão a identidades se torna uma grande fonte expressão da modernidade e, em consequência, fonte de conflitos.

Malgrado a identidade virar uma expressão ligada à nação (identidade nacional), ela pode e foi vivida em termos menores. Neste trabalho, estes serão simbolizados pelos grandes e pequenos clubes de futebol das cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires. Neste caso, definimos como micro-identidades este processo de formação de pequenos grupos que, dentro de um cenário mais amplo, ficariam retratadas como uma espécie de mosaico.

A identidade decorre de uma tensão ou de um par de significados e não de uma representação unívoca. A luta pela vitória de um time gerava, e ainda gera, adesão a um grupo e oposição a outro. Um dualismo que em muitos casos permanece durante grande parte da história de alguns clubes (Flamengo x Vasco – Boca Juniors x River Plate).

Uma discussão sobre modernidade se torna fundamental para entendermos o quanto na defesa das identidades a violência esteve presente. O discurso pejorativo e agressivo atribuído às camadas populares no Rio de Janeiro e em Buenos Aires é uma marca desta violência.

O racismo no Brasil e a condição de *criollo* na Argentina contribuíram, e na maioria das vezes foram decisivas, para as disputas que emergiam naquela sociedade. Na verdade, no grande número dos casos, estas condições serviram às elites para tentar definir um lugar para estes grupos no cenário esportivo.

Vejamos uma crônica da revista *Esporte Ilustrado*, de 1920.

A nossa crônica de hoje é um simples comentário aos tristes acontecimentos verificados nos campos de clubs filiados a Liga Metropolitana e muito justamente considerada como **pertencente a elite carioca**

Domingo Passado, infelizmente os que fazem do futebol o mesmo juízo que nós, tiveram que amargar decepção com o que presenciaram no campo do Botafogo

Assim é que o gesto incontido e brutal de um individuo de baixa esfera social agredindo um dos 22 jogadores que se digladiavam pela vitória. Não há dúvida que em todas as coletividades há elementos bons e maus, mas, estes são em minoria e facilmente sub-julgados por aqueles.

Há, entretanto, em todos os clubs, uma classe que sem fazer parte dos quadros sociais, **é causa**, quase que exclusiva, dos distúrbios verificados nos campos de futebol: **a classe de ‘torcedores’**

**Essa classe constituída em sua maior parte por indivíduos de baixa condição social, sem instrução e sem educação não podendo, portanto discernir com critério, a quem nada fica mal pois a sua própria condição assim o permite.**

O problema é difícil, mas pode e deve ter solução, do contrário a polícia encarregará de resolvê-lo.<sup>60</sup> (grifo nosso)

Esta crônica aponta para alguns dados fundamentais para este debate: o primeiro destaque fica na ligação direta entre a Liga Metropolitana e as elites cariocas. Através desta ligação tão explícita, podemos dizer que a Liga funcionava muito mais para reconhecer os valores e práticas da própria elite do que para efetivamente o desenvolvimento do esporte.

O segundo dado é de grande importância e pode-se dizer que é essencial para um debate sobre violência, pois define um grupo em detrimento de outro, ou seja, cria um “outro” conveniente que deve ser combatido dentro do esporte. É a chamada “classe dos torcedores”, organizada para representar o que há de pior nos campos de futebol, pois muito equivocadamente, a violência estaria relacionada diretamente a condição social do ser e,

---

<sup>60</sup> Revista *Esporte Ilustrado*, publicada em 9 de outubro de 1920 na Coluna: Crônica da Semana e Assinada por C.

principalmente, seria a responsável pela falta de compreensão do grupo, dos torcedores, em suas ações violentas.

A violência do discurso contra as camadas populares é visível na citação. Mais ainda, ela compromete e ofende toda a camada popular pela ação de um só torcedor. Notem que, inúmeras brigas ocorriam entre os próprios jogadores dos grandes clubes e nada era publicado com tanta agressividade.

A citação nos ajuda a compreender que as camadas populares apresentam um modo de vida marcado pela liberdade e, sobretudo, pela exacerbação do corpo. O *modus operandis* destas classes era outro fator frente ao esporte. A condição social libertava o homem das formalidades contidas, no que era chamado e reconhecido pelas elites como modelo conveniente. Vejamos outra citação que confirma nossa tese da violência e da construção do “outro conveniente”.

A ‘torcida’ famosa ‘torcida’ dos campos de football, cujo número se avoluma dia a dia esteve na última temporada verdadeiramente insuportável e a maior parte dos factos desagradáveis ocorridos em campo, deve-se exclusivamente ao seu modo de agir. Parece que quanto mais aumenta a classe dos ‘torcedores’ tanto maior é o número de mal educados. Os players por sua vez não se portaram de modo conveniente pois os conselhos divisionaes eram chamados quase sempre para atos de indisciplina por elles praticados em campo.<sup>61</sup>

Nesta citação, fica claro que a violência é praticada por ambos os grupos sociais. Porém, serve para reforçar o fato de que somente as camadas populares são violentadas com o discurso, e acabam se tornando as responsáveis por todos, ou pela maioria dos fatos

---

<sup>61</sup> Revista Sport Ilustrado, 22 de Janeiro de 1921. Coluna Sport. Sem título e sem autoria

desagradáveis ocorridos. O corpo e a utilização do mesmo continuam sendo centrais neste debate.

A modernidade apresenta um novo valor estético, marcado pela dinâmica, exposição, utilização e pela visibilidade do corpo. Da mesma forma, ela, foi marcada pelo paradoxismo nos seus sentidos de inclusão e exclusão. Ou seja, enquanto as elites, para se reconhecerem como modernas, criavam regras de comportamento como base para o seu desenvolvimento, identificação e proteção do seu lugar social, a modernidade emergia dinâmica, veloz, fragmentada e, principalmente apresentando um corpo como instrumento de excitação. Neste aspecto, a proximidade com as camadas populares foi fácil e decisiva.

A auto-imagem divulgada pelas elites criava, ou tentava criar e firmar, uma idéia de superioridade muito marcante em relação as outras camadas sociais. Seus valores simbólicos e reais eram descritos pela imprensa como normas ideais de conduta. Em oposição à imagem das camadas populares, era sempre divulgada com valores depreciativos.

Tanto na Imprensa do Rio de Janeiro quanto na de Buenos Aires, estes valores e diferenças ficavam evidentes a cada matéria esportiva. Na capital brasileira, as elites eram descritas como sendo o que há de melhor na sociedade carioca. O *Jornal do Brasil*, em reportagem, registra que "...as confortáveis e elegantes archibancadas do 'ground' da rua guanabara encheram-se 'do grand complet' do que há de mais fino na sociedade carioca"<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> "Sport", *Jornal do Brasil*, 14 de maio de 1906. Sobre as arquibancadas do estádio do Fluminense e aqueles que nelas construíam um lugar de grande sociabilidade e formação de micro identidades.

Em Buenos Aires, os periódicos também firmavam sua posição quanto à presença de suas elites e suas camadas populares. . O periódico “The Standard” publica o seguinte sobre a presença de *criollos* em partida de futebol no início do século: “*que desgraciadamente el público es en su mayoría, criollo, y su comportamiento no es el adecuado para el fair play*”<sup>63</sup>.

As camadas populares no Rio de Janeiro, como já mostrado, também carregavam valores pejorativos. Neste caso, ainda possuíam um grande agravante. A condição de negro ressaltava ainda mais sua posição de inferior e inadequada para as elites. O Jornal do Brasil, em 1911, na reportagem de uma partida disputada entre o Fluminense e o Rio Cricket, ressalta que a *affluencia ao field do club inglez foi grande e selecta... ..Graças às providências tomadas pela diretoria da associação ingleza proibindo a invasão de certos indivíduos, como era habitual, não temos a registrar nenhum senão desagradável*.<sup>64</sup>

Os certos indivíduos que deveriam ser proibidos, fazem parte das camadas populares, onde a presença dos negros é marcante. Neste sentido, o racismo corresponde a um principio de inferiorização do grupo segregado em relação às elites que “dominavam” os grandes estádios e partidas.

A partir destas informações, podemos dizer que em nenhum sentido houve democracia no cenário esportivo carioca, tampouco em Buenos Aires. Especificamente, no caso do futebol que, aparentemente pelo destaque atual de alguns personagens oriundos das

---

<sup>63</sup> Trecho publicado no periódico “The Standard” sobre a partida de futebol disputada entre um clube inglês e um argentino, em 1913.

<sup>64</sup> “Sport”, Jornal do Brasil, 12 de junho de 1911. O trecho trata da proibição de populares na partida, acusados de serem violentos e inadequados em sua conduta.

camadas populares, parece despontar como um esporte democrático, devemos analisá-lo mais atentamente.

Primeiro temos que definir democracia, para que possamos discutir o futebol dentro de um conceito claro, para que não haja incompreensões. Como há uma grande complexidade teórica neste debate, resolvemos adotar a definição mais simples da palavra. Democracia, neste caso será entendida como *a doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição eqüitativa do poder.*<sup>65</sup>

Pensando, sobretudo, a equidade como característica básica da democracia e relacionado-a ao futebol, podemos dizer que nos primórdios, e mesmo em algumas instâncias atuais, este esporte está longe de ser definido como um esporte democrático. Na verdade, verificamos o quanto a ausência desta possível democracia foi responsável pela violência velada e explícita sofrida pelas camadas populares. Vejamos alguns exemplos:

Começando por Buenos Aires. O periódico La Nación, um dos principais jornais da capital destaca, em matéria de primeira página, sobre uma partida Internacional, uma diferença marcante e nada democrática sobre a ocupação das arquibancadas (tribunas) :

En la tribuna popular habia un mundo de gente, aquello era un infierno todos gritaban estusiasmados, sin precisarse claro que decían, pero a juzgar por esto mas parecian locos escapados de un manicômio.

En la pelouse se formaran interesantes grupos de damas y caballeros que comentaban con animación las probabilidades que tenia tal o cual caballo detriunfar em lucha sensasional del año.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Abraham Lincoln sintetizou o sistema democrático com a máxima: “o governo do povo, pelo povo e para o povo”. Ambas as definições estão contidas no Dicionário Global da Língua Portuguesa, DCL, 1999, P 311.

<sup>66</sup> La Nación, 30 de outubro de 1902, reportagem de capa sobre uma partida de futebol internacional disputada na capital, Buenos Aires.

Dois pontos são destaques nesta matéria. O Primeiro deles é a divisão das arquibancadas. Uma postura nada democrática haja vista a condição, já anteriormente registrada, da equidade. O segundo se refere ao eixo central deste texto, a violência. Mais uma vez o discurso ofensivo e depreciativo das arquibancadas populares marca decisivamente o lugar daqueles que não compartilhavam dos mesmos valores simbólicos e reais das elites, registradas no discurso sobre as tribunas oficiais.

Na capital brasileira não era diferente. O exemplo das arquibancadas também é notório em nossos periódicos. As tribunas, exclusivamente, ocupadas pelas elites, sempre eram muito bem representadas pelo que havia “de mais fino” na sociedade. Pelo menos, era assim que a imprensa demarcava a presença das elites no cenário futebolístico.

O Jornal do Brasil, em 14 de maio de 1906, registra que ... *as confortáveis e elegantes archibancadas do ground da rua Guanabara encheram-se ‘du grand complet’ do que há de mais fino na sociedade carioca*. Em ambas as citações, tanto no jornal carioca quanto no periódico argentino, as elites recebem sempre as melhores qualificações.

O cenário que podemos descrever das cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires são muito próximos. Elites e camadas populares, frente à modernidade que emergia, viviam em um mundo fluidamente interconectado. As sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos, mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes), se reestruturavam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais.

Podemos dizer que, apesar das tentativas de sedimentar as barreiras sociais, as elites passavam a viver o paradoxo da modernidade. As experiências do lazer, a partir do futebol, fomentavam, ao mesmo tempo, medidas de inclusão e exclusão. Nesta disputa, a re-

configuração das identidades sociais passa a ser fundamental para elites, na medida em que a brecha de inclusão, sobretudo no futebol, passa a ser real às camadas populares<sup>67</sup>.

Nos últimos anos do século XIX a perseguição às minorias sociais, ou mesmo à construção de obstáculos para que estas não se inserissem efetivamente na sociedade eram bastante comuns. Neste sentido o discurso da imprensa era fundamental para criar uma auto-imagem que justificasse, ou pelo menos apresentasse a distinção entre os *estabelecidos* e os *outsiders*.<sup>68</sup>

Além dos *criollos* que sofreram com a questão de inserção simbólica na sociedade, os índios também passaram por problemas idênticos. Se levarmos em consideração a situação socioeconômica dos índios, podemos dizer que estes apresentavam, em geral, um quadro mais dramático na Argentina.

No Brasil não foi muito diferente. Os negros recém saídos da escravidão passaram por inúmeras dificuldades para se inserirem como cidadãos efetivos na sociedade brasileira. Embora alguns negros tenham conseguido ascender socialmente, e isso foi muito raro, a grande maioria dos “homens de cor”, como eram chamados os negros no período, eram freqüentemente encontrados nas atividades menos remuneradas. Essa discussão será retomada mais detalhadamente no próximo ponto deste capítulo.

Todas as mudanças que a modernidade promoveu, nas duas cidades, geraram uma significativa alteração no percentual dos setores médios das capitais. Em Buenos Aires, o percentual que girava em torno de 12 a 15 por cento em 1869, e para algo em torno de 35-

---

<sup>67</sup> Demonstramos em citações anteriores que através do potencial futebolístico jogadores da camadas populares melhoravam sua vida econômica.

<sup>68</sup> ELIAS, Nbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000.

40 por cento em 1914. Deste modo, as práticas dos setores médios na ocupação do seu tempo livre se transformaram e se tornaram centrais, levando as elites repensarem novas práticas para a exclusão.

As camadas populares poderiam freqüentar as várias práticas esportivas, porém quase sempre essa participação se limitava à torcida. Um bom exemplo seria o grande número de populares nas competições de Remo e Turfe, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, respectivamente, que não conseguiam com isto uma ascensão social ou mesmo a possibilidade de participar da prática esportiva.

Os atos de violência no Rio de Janeiro quase sempre possuíam o critério da cor e classe social como chave. Malgrado o fim da instituição da escravidão, estes critérios permaneceram presentes nas questões sociais e, sobretudo, demarcavam as impossibilidades de ascensão social, política e econômica das camadas populares.

Todos estes casos, repetidos várias vezes, como aconteciam no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, gerava aos indivíduos das camadas populares um sentimento de inferioridade que acabava por se legitimar nas páginas dos jornais. O discurso de valor relacionado à conduta e à apresentação nos lugares públicos definiam, de certa forma, a posição de “inferiores” e “superiores” na sociedade.

Nobert Elias e John L. Scotson definem que

o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos não mantido através de meios de convite social como fofoca

elogiosa no caso dos que o observavam; e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão.<sup>69</sup>

As matérias jornalísticas foram fundamentais para estas “fofocas” de valor. No jornal do Brasil, do dia 01 de julho de 1912, uma partida entre a Escola de Guerra e a Faculdade de Direito por um torneio acadêmico, define que:

conforme as deliberações da última assembléia do torneio acadêmico, serão disputadas ‘matches’ todas as quintas-feiras, sendo a entrada do campo gratuita para as pessoas que se apresentarem trajadas com decência.

A decência é neste caso o alto grau de valor que, possivelmente diante das dificuldades financeiras das camadas populares, não poderiam ser alcançadas. Mais um ato de violência que visava, fundamentalmente, afastar as camadas populares do cenário esportivo. A decência por um lado era um fator que excluía e estigmatizava os populares e, por outro preservava e afirmava a identidade das elites.

O jornal argentino, La Nacion, em 2 de setembro de 1913, confirma na sua capital esta mesma idéia. A reportagem sobre uma partida internacional, em que a presença de Ministros de Estado e o Vice-presidente foram ressaltadas, denota o valor da presença nestes eventos. Na matéria lia-se: “Fiesta brilhante del sport com todos los atractivos de las grandes fiestas de su gênero tuvo verdadera importância y constituy para la federacion Argentina uma nueva muestra de su arraigo y de sus progressos”

O progresso, a posição exemplar e o brilhantismo do evento como a reportagem mostram, ou melhor, definem o lugar das elites e, na sua oposição, o não-lugar das camadas

---

<sup>69</sup> ELIAS, Nobert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 20.

populares, neste caso os *criollos*. As qualidades visíveis registradas nestes eventos passam a pertencer a um grupo bem definido coletivamente e bem diferente daqueles que não compartilhavam dos seus mesmos valores simbólicos, reais e imagéticos.

O domínio dos meios de comunicação pelas elites, nas duas capitais, facilita a produção destes discursos. A construção do *outro*, que deveria ser excluído, fomenta uma das primeiras formas de violência vivenciada pelas camadas populares. Em oposição, a hibridiz das duas capitais facilitava o dinamismo e o intercâmbio entre os grupos.

O futebol apresentava em suas práticas o “controle” e o “descontrole” na mesma medida. Inicialmente, podemos destacar que o pouco tempo de “controle” das elites em impossibilitar as camadas populares em acessar os grandes clubes foi rompido em um curto espaço de tempo. Tal fato demonstra de forma emblemática que o controle não era efetivo, e que possuía brechas que geravam a possibilidade de acesso.

No duelo entre elites e camadas populares o desafio era sempre gerar, respectivamente, barreiras para a manutenção das micro-identidades e, no sentido oposto, aproveitar as brechas para gerar outras barreiras para a inclusão efetiva no espaço social. No Rio de Janeiro a transformação do escravo em cidadão não foi linear nem ao menos apresentou resultados práticos rapidamente. Em Buenos Aires a posição do filho de estrangeiro, dito *criollo*, gerou durante muito tempo uma situação diferenciada dentro da sociedade, pois, afinal, estes não eram estrangeiros nem nativos.

Podemos até ser contrário à representação da violência no esporte, porém os registros deixam claro que ela foi uma constante desde os primórdios do futebol. E, neste

caso, não somente a violência discursiva (moral, ética e étnica), mas também a violência física chamava atenção nos jornais da época.



Legenda: Não se esqueça, quando o Manduca marcar um foul, v. já sabe, dá logo um bofetão nelle, que eu te acompanho. Faça de conta que o jogo é da liga.<sup>70</sup>

Neste sentido, vale ressaltar que com intuito de criar uma boa imagem para o esporte, várias vezes o próprio discurso jornalístico criava uma imagem que não representava a verdade sobre os clubes e sobre o próprio ambiente do futebol. Na charge, fica claro que o ambiente de violência nos jogos da “grande liga” não era tão incomum e, que, possivelmente, foi a partir deles que o exemplo foi divulgado e tomou grandes proporções.

A constituição do que seria uma postura, uma conduta e uma imagem ideal da elite do futebol emergia em oposição às posturas e condutas inadequadas e aos maus tratos das

<sup>70</sup> Revista Ilustrada, 26 de Fevereiro de 1921. Título: “Um match entre gury”.

camadas populares. Estas formavam a oposição no cenário esportivo. Vejamos um bom exemplo de uma imagem criada a partir de interesses claros.

No dia 27 de Maio de 1906, no Jornal do Brasil, uma partida entre o Bangu e o Botafogo deixa claro esta situação. Dizia a matéria: *Tanto o Bangu quanto o Botafogo, que jogam pela primeira vez, na presente estação e fazem-se representar por dois ‘teams’ disciplinados, representam a high-life carioca.*<sup>71</sup> (grifo nosso)

No dia seguinte descrevendo outro jogo entre as duas equipes, no Jornal do Brasil lia-se:

a população carioca, cada dia se mostra mais interessada pelo desenvolvimento de tão útil quão atractive ramo da educação physical, fez-se mais uma vez representar, garrida e selectamente, por senhoritas e distinctas senhoras, trajando elegantes e custosos ‘toilettes’, e **cavalheiros e players de posição social.**<sup>72</sup>

Nas duas citações a condição e a imagem do clube de Bangu é associada ao que há de melhor na sociedade e no cenário esportivo. Porém, vejamos o que diz outro jornal sobre a situação daqueles que moravam e trabalhavam na fábrica sede do clube.

#### Escavidão em Bangu

Trata-se de uma visita do jornal para ratificar as boas condições da fábrica e de seus empregados.

Foi porém completa a nossa desilusão quando saltamos em Bangu. A bondade e o cavalheirismo dos operários, que nos foram receber alegres e risonhos ao desembarque, contrastava com o ar sombrio e sepulcral da fábrica.<sup>73</sup>

#### Pobre Povo

<sup>71</sup> Coluna Sports. Jornal do Brasil, 27 de maio de 1906. Sem título.

<sup>72</sup> Coluna Sports. Jornal do Brasil, 28 de maio de 1906. Sem título.

<sup>73</sup> Jornal A Voz do Trabalhador, 15 de novembro de 1906, título “Escavidão em Bangu”. Sem autoria.

A febre amarela está dizimando sem que os burgueses que vivem do teu trabalho se preocupem com isso. Sabemos que no último domingo faleceram 5 pessoas de febre amarela sem que ninguém tenha ainda procurado providenciar nada a respeito  
Foge povo, de Bangu, deixe esse matadouro.<sup>74</sup>

A partir destas fontes podemos, no mínimo, questionar a veracidade das informações dadas pelo Jornal do Brasil. Aprofundando um pouco mais o debate, podemos questionar o grande modelo defendido pelas elites e, sobretudo, reforçar a idéia de que a grande preocupação com a violência, apresentada diversas vezes no jornal, se encerrava na saída do jogo. Como a liderança do Bangu (fábrica / clube) era fundamentalmente formada por ingleses, fica fácil notar o porquê de tantos elogios nos grandes jornais.

Notadamente, o brilho descrito na reportagem é atribuído somente às chamadas “melhores famílias”. Desta forma, criava-se num discurso não aparente, o lado da escuridão e do esquecimento em oposição ao do brilho e da visibilidade das elites. Este lugar é sem dúvida ocupado pelas camadas populares que, na verdade, possuíam outros códigos de conduta e postura frente aos esportes.

O que ao fim e ao cabo não deveria ser hierarquizado, era violentamente apresentado pela imprensa em geral como blocos unívocos de valores que demarcavam os grupos sociais. Na verdade, o que nunca era dito era que as ações violentas pertenciam aos indivíduos e não a suas classes. Tanto os populares quanto as elites eram formados por indivíduos que eventualmente podem perder o controle e gerar confusões e mesmo serem agressivos. O que torna desigual e violento neste contexto eram os aspectos depreciativos sempre ligados aos valores que estivessem em oposição às elites.

---

<sup>74</sup>

Revista Gazeta Operária, 01 de Fevereiro de 1903, Título: Pobre Povo. Sem autoria.

Em 02 de julho de 1911, sobre uma partida entre o Botafogo e o América, a diretoria do primeiro publica uma carta que justifica a violência de seus jogadores diante da confusão ocorrida. Num trecho significativo, a diretoria escreve que indivíduos:

**declinavam das características de sportmen**, insultando no mais baixo escalão os nossos jogadores e respondendo às espontâneas reclamações das archibancadas, com o **emprego de gestos ofensivos à moral, somente próprios de indivíduos cuja classificação nos dispensamos de fazer....**

....diante de tais fatos, é bem de ver-se que, não seria possível aos jogadores do primeiro team do botafogo, por mais esforços que fizessem, **manter a compostura conveniente...**

....A diretoria do Botafogo viu realizadas as suspeitas que tinha por denuncia várias de que o **América pretendia lançar mão de todos os meios, lícito ou ilícitos próprios ou não do sportmen**, para conquistar a victoria do seu primeiro team..<sup>75</sup> (grifo nosso)

Os trechos destacados visam ressaltar o dualismo presente no discurso. A moral e a boa conduta estavam sempre ligadas às elites. E, quando estas cometiam qualquer tipo de infração os aspectos depreciativos eram logo associados às camadas populares, ou seja, não pertenceriam à sua classe.

É importante ressaltar que em todo material pesquisado somente eram chamados e considerados *sportmens* os que pertenciam às elites e aos seus grandes clubes. Nenhuma menção honrosa, neste sentido, foi delegada aos atletas das camadas populares e a seus clubes do subúrbio.

---

<sup>75</sup> Jornal do Brasil. 02 de Julho de 1911. Seção Sports. Sem título. Assinado pela diretoria do Botafogo.

Na Argentina, Archetti também ressalta estas questões sociais em seus estudos. O autor escreve que *La presencia de dimensiones sociales y de clase que están reflejadas en estas prácticas permitirán hacer reflexiones de tipo comparativo.*<sup>76</sup>

Definir uma postura conveniente, como destacado na citação, nos remete a seguinte conclusão. O Botafogo como clube da elite carioca e portador, como se intitula, das posturas e condutas ideais a um grupo de *sportmens*, delega ao “outro”, neste caso o América, a posição definidora do quadro de violência. Afinal, a violência não pertencia às elites nem aos verdadeiros *sportmens*.

Muitas vezes, sem a necessidade de ter que interpretar as matérias jornalísticas como agora foi feito, as reportagens eram diretas, excludentes e violentas com os que sofriam com o processo de exclusão. Ainda em 1907, bem antes dos fatos debatidos acima, uma reportagem da Gazeta de Notícias define quem deveria ficar de fora das quatro linhas da grande Liga Metropolitana e, por consequência, dos grandes clubes. Dizia a matéria:

Communico-vos que a diretoria da liga, em sessão de hoje, **resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amator nesta liga as pessoas de côr.**

Para os fins convenientes ficou deliberado a todos os clubs filiados ao officiasse nesse sentido, afim de que scientes dessa resolução de accordo com ella possam proceder.

Com alta estima e apreço. "<sup>77</sup>

Diferentemente da reportagem anterior, nesta não há espaço para dúvidas, tampouco para interpretações diferenciadas, sobre quem deveria ficar de fora da principal liga de

---

<sup>76</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*, Buenos Aires: CFE editora, 2001. p.57.

<sup>77</sup> "Gazeta dos Sports". Gazeta de Notícias. 18 de Maio de 1907.

futebol do Rio de Janeiro. As “pessoas de cor”, entenda-se negros, deveriam ser excluídos dos quadros dos jogadores dos clubes, pelo menos daqueles que quisessem permanecer na chamada “elite do futebol carioca”.

Não só através destas citações podemos ler a violência nos discursos jornalísticos. Os atos efetivamente violentos transcendiam, diversas vezes, o campo do discurso e marcavam decididamente as primeiras ocorrências violentas no futebol no Rio de Janeiro. Nas citações abaixo iremos notar que o próprio discurso utilizado nos ajuda compreender que os atos de violência eram mais constantes que pareciam. A coluna Sports, do Jornal do Brasil, informa:

**De novo** emittimos estas palavras, referindo-nos ás desagradáveis occurencias desse match em que até a força armada foi chamada para conter os ânimos dos exaltados... ...Somos dos que **sempre** têm prestado apoio aos referees, **porque mais uma vez** temos apontado quão árdua e ingrata é essa tarefa.<sup>78</sup>

Na próxima citação, fica ainda mais evidente que os atos de efetiva e explosiva violência são marcantes desde o início do século e não são tardias como apresenta Murad em seu livro<sup>79</sup>.

... muito má impressão causou nos **espíritos dos sportman** cariocas as cenas desenroladas ontem á tarde no ground da rua General Severiano, por ocasião da disputa do match acima. Além de várias brigas nas arquibancadas, em que a polícia teve que intervir, e de muitas outras dentro de campo, depois de terminado o match. grande parte da numerosa assistência achou-se com o direito de vaiar o referee, não só depois de terminado o jogo, como durante o seu desenrolar.

<sup>78</sup> Jornal do Brasil. 12 de setembro de 1912. Coluna sports. Sem título e sem autoria.

<sup>79</sup> MURAD, Mauricio, *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 22.

E para que a diretoria do Botafogo conseguisse que o Sr. Gilbert e os demais players do paysandú saíssem sem sofrer agressão alguma, foi preciso lançar mão da polícia e da guarda civil, que formaram uma fileira para garantir deste modo os jogadores ingleses e o referee.

E a principal causa que motivou a vaia no referee, que não foi dos piores que temos assistido, foi não ter ele dado no fim do match um penalty contra o Paysandú.<sup>80</sup>

A violência nesta matéria é descrita explicitamente. Não resta dúvida acerca da situação do futebol no Rio de Janeiro. A tentativa é a de firma um *ethos* que esteja acima dos próprios indivíduos. Então, surge um indivíduo coletivo que passa a definir os dois grupos que deveriam se opor na sociedade. O primeiro grupo é formado pelas elites que se autodenominam como o que há de melhor na sociedade, enquanto o segundo, também denominado pelas elites, é formado pelas camadas populares e definido como o seu contrário.

Aqueles que, pertencentes às elites, corrompessem o *ethos* do grupo seriam rapidamente criticados e, sobretudo, teriam suas atitudes diretamente associadas ao *ethos* popular. O grifo desta última citação serve como exemplo deste sentido que vai para além das individualidades e cria um espírito dos sportman, ou do chamado indivíduo coletivo.

Estes apontamentos relacionados às experiências e ao dualismo entre classes no Rio de Janeiro, são de certa forma também válidos para Buenos Aires. Pablo Alabarces, um dos maiores pesquisadores sobre o tema na Argentina, escreve sobre o futebol e seus praticantes que

si por un lado practican los residentes británicos... relacionados con las clases dominantes a las que inculcan sus aficiones

---

<sup>80</sup> Jornal do Brasil. 28 de Julho de 1913. Sobre os atos de violência que ocorreram durante e após uma partida disputada pelo Botafogo e o Paysandú.

por un lado, las costumbres miméticas de las clases altas argentinas, atentas a las propuestas europea, las llevan a intentar practicar el juego y a generar clubes

los actores populares obtienen una primera y decisiva victoria: se han adueñado del fútbol. Inversamente, los clubes representativos de las clases altas comienzan a abandonarlo.

.. sabemos a esta altura de los estudios culturales em América Latina que nuestras culturas populares insisten en reivindicar a cada paso, en la mayoría de las prácticas simbólicas que contribuyen a conformar su compleja, difícil y hasta contradictoria identidad, el amor y la pasión como motores de algunas de sus actitudes culturales.<sup>81</sup>

Outro ponto de grande aproximação se refere ao resultado efetivo dos embates apresentados até agora. Afinal, depois de sofrerem com tanta violência, fosse ela simbólica ou real, tanto negros como *criollos* se tornaram os personagens definidores do futebol e do estilo de jogar dos dois países. Ao fim e ao cabo, o jornalismo marca até os nossos dias a preponderância destes personagens no cenário futebolístico.

Archetti, mais uma vez, aponta para esta similaridade quando diz que *la fundación criolla, con el estilo como um fator de integración, hay que agregar lo que llamaré fundación emocional, basada em las lealtades de los hinchas de fútbol por alguno de los clubes grande portemos. Uma vez más las fronteras, esta vez provinciales se rompían. El fútbol se convertia em deporte nacional*.<sup>82</sup>

Com o passar do tempo, a realidade foi se transformando e a relação entre as elites e as camadas populares foi tomando um outro sentido. Apesar das marcas do passado, a rotina de violência foi se reduzindo, apesar de mais espetaculares, tanto para negros como

---

<sup>81</sup> ALABARCES, Pablo e RODRIGUEZ, Maria Graciela. *Cuestión de pelotas – fútbol, deporte, Sociedad, cultura*. Editora Atuel, 1996. pp. 18-24.

<sup>82</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*, Buenos Aires: CFE editora, 2001. p. 25.

para criollos. Porém, estas mudanças que se iniciaram nos anos 30, não conseguiram por completo exterminar a violência dos campos de futebol.

No hodierno, apesar das duras críticas que especialistas e amantes do bom futebol têm feito sobre a violência, nos campos e fora deles, ainda presenciamos atos de crueldade dirigidos aos que foram peças chave para a mudança do futebol nos dois países. Exemplo disso são os jogadores brasileiros, negros, que constantemente sofrem com o racismo na Europa.

Por fim, podemos dizer que o amálgama foi determinante em ambas as cidades, para o desenvolvimento não só do futebol como de todas as esferas relacionadas a ele. Logo, como o esporte foi adquirindo uma visibilidade incrível no cenário nacional dos dois países, a violência acabou seguindo o mesmo caminho e foi se tornando cada vez mais espetacular.

É neste sentido que tentamos demonstrar que as práticas da violência se deram das mais diversas formas e, que desde o início esteve presente nos campos de futebol como parte integrante do espetáculo. O importante, neste sentido, é lembrar que quase sempre ela esteve associada às camadas populares e que, acima de tudo, deve ser investigada em todas as suas formas.

## Futebol e racismo

Como havíamos dito anteriormente, o racismo merece uma discussão mais detalhada em fonte e teoria. Sobretudo por ele ser, no caso específico do Rio de Janeiro, fonte marcante para a definição do cenário futebolístico. Ainda que este seja destaque na história do Brasil, alguns autores não consideram que o futebol tenha um cenário propício para que seja observado este preconceito. No entanto, tais autores, não apresentam fontes suficientes para confirmarem suas teorias.

Antônio Jorge Soares, sobre este assunto, diz que *o futebol não parece ser o local mais propício para observar o preconceito, a discriminação e a segregação que desejam apresentar os ‘novos narradores’, na medida em que eles próprios afirmam ter sido este esporte um meio privilegiado de mobilidade social.*<sup>83</sup>.

De forma linear, o autor não prioriza os conflitos visíveis na sociedade e dirige sua discussão a partir do resultado final, ou seja, da predominância das camadas populares no futebol. O futebol deve ser tratado como fonte que privilegiou, ou melhor, possibilitou a mobilidade social. Em nenhum momento isto é questionado, porém deve ser ressaltado que este movimento nem foi fácil nem sem preconceito. Ou seja, a grande representação das camadas populares no futebol hoje, não deve anular a dificuldade pela qual estas tiveram para alcançar tal condição.

---

<sup>83</sup> HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do país do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

É importante ressaltar que não podemos pensar o futebol destacado da sociedade. Este esporte (times, clubes e ligas) é parte integrante do conjunto das instituições que formam todo o estado. E nestas, o racismo freqüentemente se tornava visível.

o que se passou no club denominado de *Tarrachas*, em vila Isabel é simplesmente vergonhoso uma das operárias que soube distinguir pela sua actividade durante a greve passada dirigiu-se a sede do club, onde um grupo constituído por moças dava um baile e foi surpreendido pela notícia de que **não era bastante clara** para poder-se misturar-se com as demais ali estavam.

**Porque esses clubs na sua totalidade assentam sobre bases retrogradadas**<sup>84</sup>(grifo nosso)

Neste viés, Antônio Jorge dialoga intensamente com a obra de Mario Filho e com os chamados “novos narradores” para construir um discurso voltado para a argumentação de que o racismo não foi a ferramenta central para a exclusão dentro do cenário esportivo. Porém, este autor não apresenta fontes que confirmem a sua tese e, apesar da crítica, não supera este debate estabelecido com Mario Filho.

Neste caso, o esforço deste nosso estudo será demonstrar que tanto no futebol quanto na cidade em geral o racismo continua sendo um dado marcante e, algumas vezes, definidor do cenário social. Antes, vale definir o racismo e demonstrar como este conceito será pensado.

Segundo Michel Wieviorka<sup>85</sup>, importante sociólogo francês, o racismo é um evento da modernidade. A partir disto, as várias questões que emergiram naquele momento e que carregavam o estigma da modernidade passavam a ser vivenciadas dentro de um cenário,

---

<sup>84</sup> Jornal A voz do Trabalhador, 30 de outubro de 1909. Título: Vergonhoso. Sem autoria.

<sup>85</sup> WIEVIORKA, Michel. *Racismo e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1995.

nitidamente, marcado por tensões. O Rio de Janeiro e também Buenos Aires confirmam este argumento.

Paradoxal por excelência, a modernidade incluía e excluía ao mesmo tempo. As referências ao progresso, à razão, às subjetividades individuais e coletivas e, neste caso, fundamentalmente, à adesão as identidades que compunham o panorama social moderno geravam um ilusório equilíbrio social. Entretanto, o que aparentemente foi definido de forma tão linear registrou em larga escala as marcas da dualidade e do conflito.

Neste sentido, o racismo como fonte de segregação serviu, ou tentou servir, como ferramenta para barrar a emergência social dos grupos que não compartilhavam destas transformações e do *ethos* social por ela formado. Todos os eventos que formavam a modernidade, tais como urbanização, modernização, industrialização, bem como as novas identidades foram vivenciados e, algumas vezes, emergiam no decorrer das tensões.

Como o racismo corresponde a um processo de inferiorização do grupo segregado, ele serviria aos grupos dominantes como barreira aos que deveriam ser rejeitados e compreendidos como seres inferiores. Neste caso, restaria aos grupos segregados um lugar social mais penoso, menos visível e à margem dos direitos comuns dos cidadãos. Algumas vezes, em algumas circunstâncias mais drásticas, o racismo não reconhece lugar algum a este grupo.

Vejamos algumas citações sobre o cenário mais amplo da sociedade.

Que coisa mais complicada que é a reunião dos homens que pavorosa coisa é a sociedade humana.

Afinal que lucro nos trazem os outros homens que não são as nossas pessoas. Não trazem nenhum, só o que dão são incômodos: o maior mal que aflige o homem é o outro homem.

O outro homem é uma massa activa que toma no bonde os melhores lugares, que nos cobra as contas, que nos pisa o calo e que nos atropela com automóveis.<sup>86</sup>

Notamos o quanto a sociedade era conflituosa e, sobretudo, percebemos quais eram os grupos que sofriam com tais violências: as camadas populares. Um ano antes desta citação, em maio de 1907, a revista *Fon Fon* lança em seus exemplares uma coluna, chamada *Fragmento do novo dicionário*, em que alguns dos verbetes publicados são relevantes para este debate.

Eleitor – Degrau da escala social que conduz ao poder

Branco – Rio que transborda no exterior

Sobre o futebol como ferramenta das relações internacionais, o *Jornal do Brasil* publicou e deixou claro que havia um modelo a ser alcançado:

Estas leis que serão a primeira mostra da nossa organização e das nossas idéias em matéria de sport apresentada ao exame atencioso do estrangeiro, devem encerrar a sumula, a essência das relações internacionais esportivas do Brasil e precisam, pois, de ser um trabalho criterioso e perfeito, que considere bem o sport como capítulo da diplomacia moderna.

Art 1 – Fica criado a classe de sportmen internacionais constituída de elementos selecionados com o fim de representar o Brasil e o sport que nele se pratica.<sup>87</sup>

O período estudado, virada do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, foi o momento da construção de uma nova imagem da cidade e, neste caso, nota-se que o

---

<sup>86</sup> Revista *Careta*, 17 de dezembro de 1908. Título: A sociedade. Assinado por Zé Careta.

<sup>87</sup> *Jornal do Brasil*. 21 de Dezembro de 1913. Sem autoria.

que deveria ser exportado seria o branco, considerados por eles o melhor. Dentro do mesmo propósito de dar importância a alguns agentes sociais, a condição de eleitor era reconhecida como fundamental para uma subida na escala social, porém como os negros neste período eram majoritariamente analfabetos, não poderiam utilizar desta possibilidade.

Numa análise mais apurada, podemos dizer que os grupos segregados acabavam por sofrer, e de certa forma ainda sofrem, com cinco métodos constantes no processo de segregação. Rejeição, colocação à distância, exclusão, expulsão e destruição são os principais métodos aplicados àqueles que deveriam ficar de fora do cenário social moderno.

Marcada por estes princípios, as classes hegemônicas tentavam se manter intactas na sociedade. Vale ressaltar, antes de continuarmos esta discussão, que tanto as elites como as camadas populares não formavam grupos monolíticos, apresentavam dissonâncias entre os seus próprios componentes. Porém, o debate ora apresentado era emblemático e definidor dos grupos que se formavam.

A República Brasileira foi festejada por todos, porém com formas extremamente desiguais. O cenário que emergia, a modernidade, pregava um mundo melhor para todos. O discurso inclusivo colaborava com a idéia de que a vida das pessoas “de cor” também mudaria. Na verdade, a mudança era falaciosa para os mais pobres, sobretudo para os negros. Eles continuavam renegados ao ostracismo social e a sua cidadania continuava circunscrita ao campo do desejo e do simbólico.

Desta forma, parece que os chamados “homens de cor” não eram organizados, nem sabiam o que estavam ocorrendo no momento em questão. Ao contrário, apesar do pouco debate sobre esta questão, desde o império havia tentativas de organizar associações que

visava à melhoria de vida em favor de seus membros e já no início da República, existiam inúmeros jornais que demonstravam a articulação e organização dos grupos negros no Brasil<sup>88</sup>.

Ainda que estivessem se articulando e se organizando, seus limites eram grandes e seus efeitos modestos. As barreiras econômicas e mesmo sociais resistiam bravamente a estas propostas. Mas, por outro lado, marcavam a disposição deste grupo social em tentar mudar suas vidas naquela sociedade. São Paulo e Rio de Janeiro, principais estados naquele período, registravam um grande número destas manifestações.

Com o fim da escravidão, houve uma grande desestruturação social. Novas questões emergiam com toda força na sociedade paulistana e fluminense. Os conceitos de liberdade e cidadania, até então impossibilitados pela condição de escravos, passavam a ser a ordem do dia da população negra. Porém, a condição de cidadão custava um preço e, neste caso, muito alto para os recém libertos.

As marcas eram visíveis na imprensa do que seria a associação entre o futebol e a cidade moderna. Porém, em momento algum, e por mais que houvesse uma evolução econômica dos negros, havia uma valorização dos negros e seus atributos.

---

<sup>88</sup> Para aprofundar sobre o assunto, leia: GOMES, Flávio. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.



Legenda: - Mas meu amigo centenário, o que pretende fazer?

- Ora, muito simples, um match de football. Neste, vê-se tudo: o nosso nível moral, o progresso, a educação e a nossa força. Que queres mais?<sup>89</sup>

A cidadania neste caso deve ser entendida como uma manifestação social de sentido amplo, ou seja, a participação efetiva de um agente social nas diversas instâncias da sociedade em questão. Contudo, isto não ocorreu com os negros brasileiros, que permaneceram à margem da sociedade, ocupando os trabalhos menos valorizados e desfrutando momentos de lazer muitas vezes criminalizados.

Os capoeiras, por exemplo, foram perseguidos durante grande parte deste período inicial da República. No que se refere ao universo do trabalho aos negros sobraram apenas

---

<sup>89</sup> Sport Ilustrado, 26 de fevereiro de 1921.

os piores empregos. Basicamente, a população de cor ocupava cargos como carregadores, carroceiros, cantoneiros, motorneiros de bonde, engraxates, lavadeiras, domésticas entre outros. Profissões que possuíam salários baixos e pouco ou nenhum prestígio social.

No campo do lazer não era muito diferente. As práticas comuns às camadas populares como rinhas de animais, rodas de capoeira e mesmo suas festas tradicionais eram vistas como práticas menores, frente ao universo moderno que emergia. Exemplo disto é que a “grande” imprensa da época pouco registrava tais eventos, ou quando fazia era repleto de valores pejorativos que serviam fundamentalmente para demarcar a imagem das camadas populares.

Com o advento da modernidade, as elites passaram a todo custo a reforçar o controle aos eventos sociais. Visavam com isto manter suas marcas sociais sólidas e intransponíveis. Porém, enquanto a ritualização da prática do lazer colaborava para a exclusão, ao mesmo tempo aproximava as camadas populares. Vale ressaltar que desde o início este esforço das elites foi colocado à prova, sobretudo, pelo caráter duplo da modernidade.

O que no império era mais facilmente controlado, o cenário republicano dinamiza e gera uma maior complexidade. Identidades passam a ser reconfiguradas devido à presença maciça dos negros e das camadas populares em geral. Cor, raça e classe ganham notoriedade e novas configurações. A adoção das novas práticas do lazer também estava inserida neste complexo mundo novo. Não bastava anunciar-se moderno, tinham que vivenciar práticas modernas.

O remo, antes do futebol, foi o esporte moderno anunciado e praticado pela elite da capital federal. O Remo conseguiu durante algum tempo manter salva a identidade das

elites que o praticavam e, principalmente, se adequar ao projeto de modernidade que estava sendo implementado. Neste caso, não foi necessário grande investimento para manter as camadas populares de fora desta identidade, pois a prática em si já as excluía, devido ao alto valor dos apetrechos utilizados pela modalidade.

Em todos os esportes a distinção racial, em conseqüência a social, era uma categoria muito utilizada para a separação dos grupos. Porém, com a chegada do futebol estes métodos assumem nova configuração, haja vista que o futebol, naquele período, correspondia tanto para elites como para as camadas populares novos e adequados valores à cidade que emergia.

O futebol vem na contramão do remo e, com isto, o racismo emerge como necessário para aquele cenário social. Por sua própria natureza, o remo é um esporte restrito a um local específico, o mar, e por possuir apetrechos mais sofisticados para a sua prática, o seu acesso torna-se mais restrito e, assim, mais seguro para as elites.

No caso do futebol esta situação se torna mais frágil. Sendo uma prática extremamente simples, devido à facilidade da prática, pois inúmeros materiais poderiam substituir a bola e as traves, e como não era necessário um campo oficial para o início de uma partida, as camadas populares tiveram melhores oportunidades para acessá-lo.

Sobremaneira, o futebol se tornou para os populares, acostumados a terem suas práticas do lazer perseguidas pelas instituições repressoras, um modo eficiente e aceitável de se inserirem na sociedade. Diferentemente do que ocorria nos outros esportes, no futebol as camadas populares poderiam efetivamente ocupar todos os espaços no espetáculo esportivo.

Com isto, preocupados com a decadência e a degenerescência trazida pelas misturas de raças e com a fragilidade das barreiras impostas neste esporte, ocorre um recrudescimento das práticas de distinção. O racismo neste sentido passa a se tornar mais agressivo e conseqüentemente mais visível.

O argumento central para o agravamento da situação dos negros no futebol se dá porque somente nesta modalidade a sua inserção é efetiva, possível e, sobretudo, ameaçadora para as elites. O lazer se tornou para as elites, na modernidade, fonte de *status*, negócios e principalmente centro estratégico para a manutenção dos seus vínculos sociais. No entanto, qualquer coisa ou pessoa que colocasse estes objetivos em perigo deveria ser barrada antes que comprometesse sua imagem.

A sociedade moderna que emergia, seja na prática ou no simbólico, tornou-se ambiente ideal para o aparecimento do racismo, fosse por não possuir relação hierárquica tão sólida como o império, ou pela subtração das distâncias sociais tradicionais que não asseguraram a integração de todos.

A república era projetada como igualitária, civilizada e moderna, porém, de forma concreta, tais valores passaram ao largo das camadas populares. Assim, o conceito de cidadania e igualdade era constantemente questionado. A transformação do escravo em cidadão estava para além do fim da escravidão. Livres, mulheres e homens negros conviviam com a indiferença e com a ausência de direitos políticos e de cidadania. A charge publicada em 20 de maio de 1904 pela revista *O Malho* reproduz esta condição.



Legenda: Não está completa a nossa abolição.<sup>90</sup>

O sentido da liberdade proposto pela abolição acabou gerando vários significados e, conseqüentemente, várias formas de inscrição social que tinham como critérios cor, raça e classe. Naquele contexto, tais critérios acabaram produzindo novas formas, simbólicas e formais, de acesso à cidadania. O futebol é neste caso um bom exemplo de fonte de acesso a esses valores.

---

<sup>90</sup> Revista O Malho, 20 de maio de 1904.

É importante dizer que a história do futebol, como grande parte da história do Brasil, foi escrita a partir da experiência das elites. Com isto, houve um silêncio sobre as experiências das camadas populares e em especial dos negros. É marcante na imprensa oficial do Rio de Janeiro, nas descrições sobre as partidas de futebol, bem como noutros esportes, o discurso elogioso às elites e ofensivo às camadas populares.

É o ponto predilecto e aclamado para todas as festas elegantes. Dentre estas sobressaem as velhas regatas e o moderníssimo curso, às quartas-feiras, onde as elite da sociedade tem ensejo de se encontrar exhibindo no brilho das equipagens e das toilettes o fausto da sua posição .<sup>91</sup>

...as confortáveis e elegantes archibancadas do `ground' da rua guanabara encheram-se `do grand complet' do que há de mais fino na sociedade carioca.<sup>92</sup>

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral.<sup>93</sup>

O grupo estabelecido se unia e começava a construir uma história que estigmatizava de maneira geral as camadas populares e, sobretudo os negros, como sendo categorias inferiores. E, em oposição, se declaravam superiores, aptos e únicos portadores dos valores ideais e simbólicos capazes de formar os grupos dos novos atletas.

Dotadas de uma estrutura sólida, as elites se consideravam capazes de firmar valores ideais para a sociedade. Com isto fica notório um esforço em deslegitimar as práticas e

---

<sup>91</sup> *Regatas e Corso em Flamengo*, O Malho, 26 de setembro de 1907.

<sup>92</sup> "Sport", Jornal do Brasil, 14 de maio de 1906.

<sup>93</sup> FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. p. 41.

posturas populares e, de certa forma, fazer com que os mesmo se sentissem carentes de virtudes que fossem capazes de se tornarem modernos.

Malgrado a estrutura e o esforço das elites em conter o avanço dos populares, o futebol proporcionava a este grupo uma grande brecha para a inserção social. Neste caminho, a marca elitista pretendida pelas elites foi rapidamente se transformando e assumindo um caráter mais múltiplo. O diálogo travado entre jornais, clubes e sociedade criava uma “moral” própria tanto para as elites como para as camadas populares.

Claro que os jornais mais populares, marcados por ter uma direção composta de agentes das elites, registravam fundamentalmente as festas deste grupo social. Porém, ao mesmo tempo, surgiam espaços de lazer exclusivamente negros que também eram registrados pelos jornais deste mesmo grupo. Os centros dançantes e os centros esportivos foram, em larga escala, utilizados nas matérias jornalísticas para valorizar ou depreciar lugares e valores.

Os negros também escreviam sobre este aspecto. O Baluarte, jornal produzido pelos “homens de cor”, já registrava em 1904 em suas colunas, espaço criados para o centro literário para os negros, festas, centros esportivos e questões sociais que tinham como foco a vida sócio-econômica da população negra. Tal fato demonstra que, não obstante os limites operacionais destes jornais, os negros estavam conectados com tudo o que ocorria de transformações na sociedade.

De ambos os lados a estigmatização do grupo em oposição era uma arma poderosa para manter, reforçar e, algumas vezes, renovar os laços de identidade. Por um lado, as elites tentavam reforçar sua superioridade e seu estilo, por outro, os negros tentavam

marcar que para além do discurso que a grande imprensa registrava sobre este grupo, tinham muitos mais para apresentar.

É fácil perceber, levando em consideração as primeiras histórias sobre o futebol, que as marcas e o discurso das elites foram muito mais eficientes na medida em que se tornaram os personagens centrais desta história inicial. Muitas vezes, o discurso desprezou de forma veemente a autonomia, a articulação e a organização das camadas populares e dos negros. A charge a seguir exprime a forma como o negro era tratado naquele período.



Legenda: E esta! Um preto montado num burro branco.  
Ué! Quem manda o branco ser burro.<sup>94</sup>

Até mesmo os clubes que desde o início apresentavam características mais populares, como o caso do Bangu, sofreram com o racismo. Era, fundamentalmente, através de

---

<sup>94</sup>

Revista Fon Fon. Abril de 1907. Assinada por D. Picolino.

instituições reguladoras como a Associação Metropolitana de Esportes Athléticos que usavam a grande imprensa como base para a consolidação do seu discurso, que os embates ocorriam.

Há, neste momento inicial, um recrudescimento em relação aos clubes que possuíam negros. Isto ocorre porque rapidamente estes personagens estavam emergindo e se destacando naquele cenário. A preocupação em manter o espetáculo livre destes agentes sociais se complicava ainda mais. Assim, instituições, clubes e membros das elites passavam a se enfrentar mais abertamente, buscando a manutenção e, sobretudo, a proteção de seus vínculos de identidade. Vejamos o caso do Bangu na citação abaixo:

Sabemos que o Bangu Athletico Club em data de 01 do corrente officiou à Liga Metropolitana dos Sports Athleticos, desligando-se em virtude de não convir ao mesmo glorioso club fazer parte da conceituada liga. Com igual data, mas em officio entregue ao correio no dia 04 do corrente, como verificamos do timbre do correio, foi expedido pelo SR. J. da Rocha Gomes secretário da liga o seguinte o officio. Communico-vos que a diretoria da liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amator nesta liga as pessoas de côr. Para os fins convenientes ficou deliberado a todos os clubs filiados ao officiasse nesse sentido, a fim de que scientes dessa resolução de accordo com ella possam proceder.

Com alta estima e apreço.<sup>95</sup>

Como o primeiro estatuto do futebol não faz nenhuma referência à cor de seus atletas, fosse porque supunham que os negros não iriam se interessar pelo esporte ou mesmo porque achavam que as barreiras sociais eram suficientes para contê-los, algumas vezes o racismo teve que emergir de maneira forte e clara como resposta à “invasão” popular e, especificamente, à do negro no esporte.

---

<sup>95</sup> "Gazeta dos Sports". Gazeta de Notícias, 18 de Maio de 1907.

Para além destes fatos ocorridos através da imprensa carioca, outras medidas foram sendo tomadas com o intuito de proteger as elites do contato direto com os populares. Dentre estas, uma delas talvez tenha sido a mais contraditória de todas e, de certa forma, a menos eficiente. Houve com a grande popularização do futebol uma rápida transformação imagética na produção do evento esportivo. Estádios com arquibancadas passaram a ser construídos pelos clubes, tornando as partidas de futebol um evento espetacularizado.

Notadamente, esta prática espetacularizada criava um novo nicho de separação, tornando mais difícil a participações dos negros no espetáculo das elites. Por outro lado, ao mesmo tempo em que as classes eram mais separadas, gerava-se grande comoção entre as camadas populares em participar do esporte.

Os estádios, as arquibancadas, as festas após as partidas e as roupas utilizadas pelas elites para irem ao campo de futebol tornavam um simples jogo um evento espetacular. As arquibancadas e os adornos utilizados pelos que assistiam ao espetáculo eram grandes fontes de distinção. As arquibancadas se tornaram o lugar da elite. Suas tribunas eram ocupadas pelas chamadas *high life* da sociedade.

A divisão entre as classes no espaço da prática esportiva passava a definir, concomitantemente, o lugar social de cada um dos espectadores, bem como as suas qualidades. Enquanto as tribunas e, na maioria das vezes, toda a arquibancada eram ocupadas pelas elites, os populares tinham que assistir às partidas aos redores do campo, em cima das árvores ou mesmo sobre os muros e telhados que cercavam o campo.

Assim, ficava fácil perceber a construção da imagem feita pelos jornalistas acerca da ocupação dos espaços no cenário esportivo e, bem como através dela, o esforço pela

manutenção das barreiras sociais. As reportagens jornalísticas registravam as diferenças na hora dos grupos sociais assistirem às partidas de futebol.

Sobre as elites:

O meeting sportivo mais uma vez athrairá o ‘smart‘carioca ás elegante e amplas archibancadas da sede do fluminense.<sup>96</sup>

As confortáveis e elegantes archibancadas do ground da rua Guanabara encheram o grand complet do que há de mais fino na sociedade carioca.<sup>97</sup>

Sobre as camadas populares:

Às vezes lá do alto do morro ou do meio das ribanceiras, o entusiasmo é tal, que rola um espectador provocando apenas hilaridade geral.<sup>98</sup>

Todas as profissões são dignas, todo trabalhador é honrado. É o homem que faz o lugar e não o lugar que faz o homem.  
Sim, mas em teoria apenas.<sup>99</sup>

Os fundos do campo que possuía por defesa natural o morro existente foram cercados com tapagem de madeira, o que impedirá a presença de elementos turbulentos nos matches que allí se realizaram.<sup>100</sup>

É fácil perceber neste contexto quem seriam os elementos turbulentos. E, da mesma forma, como efetivamente espetacularizar o futebol serviu, pelo menos neste primeiro momento, para a manutenção da identidade das elites. Lotadas de cavalheiros distintos e de

---

<sup>96</sup> Jornal do Brasil. 13 de maio de 1906.

<sup>97</sup> Jornal do Brasil. 14 de junho de 1907.

<sup>98</sup> “Cenas Cariocas”. O Malho. 28 de outubro de 1905.

<sup>99</sup> “Gazeta dos Sports”. Gazeta de Notícias. 15 de julho de 1906.

<sup>100</sup> Jornal do Brasil. 28 de julho de 1912.

senhoritas com seus suntuosos vestidos e chapéus, as arquibancadas mantinham o grupo coeso e homogêneo.

Porém, é fato também, que malgrado a evidente barreira, em momento algum houve um retrocesso na participação popular nos eventos esportivos. Ao contrário, o número de espectadores, fossem eles elites ou populares, crescia em larga escala. E ao seu modo, cada um dos grupos re-significavam a sua participação no cenário esportivo.

Junto com o discurso de modernidade e a formação inicial de um cenário espetacularizado, representado em grande parte pelas elites, surgia também o discurso de uma sociedade mais limpa. Iniciado no século XIX, o discurso higienista se acirra nos primeiros anos da República.

A intensificação das teorias higiênicas ganha enorme difusão no Brasil, sobretudo na capital federal. Com isto, passam a ganhar força propostas que visavam criar normas e padrões de moradia, alimentação, hábitos sociais e mesmo organização familiar. A higienização do corpo passa também por uma transformação neste período.

Sobre estes pontos, mais uma vez, a condição do negro o impossibilitava de se adequar à modernidade. Oriundos de um passado escravocrata e vivendo um presente de privações sociais e econômicas os negros compunham o quadro dos excluídos.

O Fluminense Foot-ball Club, conhecida e próspera sociedade, a quem muito se deve o progresso no hygienico ramo do sport nesta capital.<sup>101</sup>

Já é grande, e diariamente cresce o movimento nos centros sportivos em que se cultiva o foot-ball...

...É um dos exercícios de cultura physica, em que mais depressa alcançou dedicados adeptos no seio da nossa sociedade<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup>

Jornal do Brasil. 24 de julho de 1906.

Vale ressaltar que os negros, neste momento, já possuíam suas próprias práticas de lazer em que a utilização do corpo era mais exigida. Na capoeira e nas danças, o corpo do negro já se mostrava com mais vigor físico e robustez. Porém, como não eram considerados esportes e por diversas vezes eram perseguidos pela polícia, não fizeram parte da mudança, ou dos modelos propostos, das práticas corporais, ainda que já estivessem presentes desde o império.

Apesar de parecer algo consolidado e unânime, havia ainda um grupo forte de intelectuais que viam no esforço físico uma atividade degradante e indigna. Contudo, com o avanço da cultura higienista associando-se às práticas esportivas mais populares, estas críticas foram em vão e o sucesso do esporte se consolidava ainda mais.

Para as elites, a própria formulação das teorias higiênicas poderia servir para reforçar a exclusão de negros e trabalhadores. Para elas, a associação entre cultura higiênica, esporte e clube consagrava e protegia a sua identidade com a modernidade, com a República e com os seus pares. O que podia parecer somente uma exclusão social era essencialmente uma questão, a priori, racial.

Neste mesmo período ocorria o I Congresso Internacional das Raças, Julho de 1911, que tinha como título central “O Brasil Mestiço de hoje tem no Branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução”. Tal fato demonstra a importância, minimizada por alguns autores, da questão racial no país.

Em meio a um contexto caracterizado pela construção de uma nova imagem do Brasil, sobretudo, que se distanciava do passado colonial e escravocrata, as teorias raciais se apresentavam como modelo teórico viável para a justificação, estruturação e defesa dos grupos que dominavam o cenário socioeconômico daquela sociedade.

Claro que atrelado a outros problemas, como a condição econômica em que as camadas populares em geral se encontravam, muitas vezes o racismo parecia deixar de ser o foco central das discussões. Alguns autores, ainda hoje, priorizam o debate social/econômico em detrimento ao racial nos questionamentos sobre os primórdios do futebol. Neste sentido, talvez uma leitura mais atenta dos eventos que ocorriam, como o acima citado, possa ajudar na compreensão do cenário racista que emergia.

O que efetivamente era fundamental para uma inscrição nos clubes era a condição da cor e a chamada ética moral do período. A questão econômica, apesar de importante não era central para inclusão nos grandes clubes.

Dados dos Clubes<sup>103</sup>:

NOME DO CLUBE	MENSALIDADE/JÓIA	CONDICIONAMENTO DE COR
Fluminense F.C. – 1902 até 1915	5\$000	Não faz referência a cor
Paladino football club – 1913	2\$000	Não faz referência a cor
Clube americano de vila Isabel – 1914	1\$000	Não faz referência a cor
Dous de junho foot ball club – 1914	2000	Não faz referência a cor

<sup>103</sup> Todos dados da tabela foram retirados dos Estatutos de criação dos clubes encontrados no Arquivo Nacional, *Série Justiça*.

Imparcial football club- 1915	2000\ 3000	Não faz referência a cor
Bomsucesso foot-ball club – 1913	2000\3000	Não faz referência a cor
Confiança atlético club	2000\ 1000	Não faz referência a cor
Manguinho football club - 1915		Não faz referência a cor
Municipal football club - 1912	2000\3000	Não faz referência a cor
Estatutos do sport club voluntários - 1915	2000\3000	Somente para brancos
Estatuto do exposição foot ball club – 1914	2000\3000	Não faz referência a cor
Estatuto de comercio football club -1914	3000\5000	Somente para brancos
Estatuto do Valadares foot-ball club - 1918 – rua do lavradio	2000\5000	Somente para amadores
Estatuto do Sport club Everest – 1918	5\$000\1\$0000	Não faz referência a cor
Estatuto do Brazil football club – 1918 -	1\$000	Não faz referência a cor
Estatuto do Sport Club Santa cruz - 1917	1\$000	Sem distinção de cor –
Olaria foot-ball club – 24 de abril de 1917	1\$000 \ 3\$000	Sem distinção de classe -
Estatuto do congresso Lusitano - 1 de agosto de 1918	5\$000	Somente para brancos

Como é possível verificar, os valores das mensalidades eram bem próximos. Até mesmo o Fluminense F.C., reconhecido como modelo dos clubes, não apresentava uma grande distância nos seus valores de adesão, da mesma forma que não fazia, no seu estatuto, referência à cor. Enfim, outro aspecto deveria, dentro dos próprios estatutos, definir a entrada dos sócios e jogadores. O fator decisivo era que os sócios, somente seriam aceitos diante da aceitação de dois terços dos outros sócios presentes na reunião de

admissão. Todos os outros obstáculos como profissão, valor da mensalidade e saber ler e escrever poderiam ser superados. O que ficava difícil era superar o conjunto dos outros sócios, a cor e a famosa questão moral da modernidade.

15\$000 custava o aluguel de um cômodo no período; 150 \$000 aluguel de um sobrado; um chapéu nacional custava entre 3\$000 e 7\$500; um chapéu para criança custa 2\$500; o preço das entradas nos jogos custava: a geral 1\$000, a arquibancada 2\$000 e a numerada 5\$000. Uma partida entre Flamengo e Paulistano, em 1923, custava 5\$000 a arquibancada e 3\$000 a geral. Camisas eram vendidas por 7\$000.

Todos estes dados foram tirados dos jornais entre 1909 e 1924, assim, podemos verificar que de um modo geral os valores das mensalidades dos clubes, inclusive os grandes não definiam o quadro geral dos clubes.

Outro bom exemplo ocorre em 1929. Apesar de fora do período estudado, este serve para ampliar o entendimento do momento, quando Miguel Couto, Presidente da Academia Nacional de Medicina, defende no primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia a tese de que a mistura racial levaria a degeneração nacional. “Era preciso cuidar da raça”, este era o dilema das escolas de medicina. Nestas teorias, fosse higienista ou eugênica, constantemente definia os negros como seres incivilizáveis, ou seja, não suscetíveis ao progresso.

A partir disto, podemos dizer que a exclusão do cenário esportivo era apenas mais uma consequência do conjunto de práticas que emergiam naquele momento contra as denominadas “raças inferiores”. No campo esportivo, a separação também era uma meta. A criação de várias ligas no futebol definia alguns perfis na participação do esporte.

De qualquer forma criava-se um imaginário, sobretudo a partir das matérias jornalísticas, de um *ethos* especial em participar da liga principal do futebol. A liga metropolitana, e é claro a primeira divisão desta, representava, pelo menos nos jornais, o que havia de melhor no futebol do Rio de Janeiro.

Sobre a criação de outras ligas, o Jornal do Brasil informava em 1912:

Formará esta a terceira liga de centros de foot-bollers dos que disputarão os matches do campeonato de 1912. Nesta agrupar-se-ão somente os clubs suburbanos, para criar o campeonato local.<sup>104</sup>

Podemos verificar mais uma vez que o interesse da elite era a separação. De qualquer forma, é possível afirmar que as medidas implantadas por esta classe acabavam assumindo, quase sempre, um sentido ambíguo quando eram efetivamente colocadas em prática. Por este motivo os torcedores, de todas as classes sociais, podiam construir significados diferentes para futebol.

Tanto para os negros quanto para os brancos, o novo modo de vida que despontava no início do século XX criava uma trama social que forçava ambos os grupos a recriarem métodos de exclusão e inserção social. O que era privilégio das elites no século XIX tornava-se mais segmentado e proporcionava a todos os grupos transitarem por todos eventos sociais. Elites e camadas populares passaram, assim, a dialogar mais intensamente na República.

Com o fim da escravidão e com a instauração da “democracia” republicana, tomou força o discurso racial no Brasil. Tal fato, não deixou de fora o principal esporte da nação.

---

<sup>104</sup>

Coluna Sports. Jornal do Brasil, 21 de janeiro de 1912.

O futebol e o racismo no Brasil se encontraram por diversas vezes. Neste aspecto, os negros também tiveram vozes e, de certa forma, definiram a pauta social.

Desta forma, nas primeiras histórias sobre o futebol era comum encontrarmos discursos lineares e simplistas, porém, nas últimas décadas, a história do futebol brasileiro vem tomando um novo fôlego e a produção histórica vem demonstrando um cenário mais complexo e, de certa forma, mais completo sobre o universo futebolístico.

Num sentido restrito, podemos dizer que o tempo do lazer passou a ser fundamental para a estruturação da cidade moderna, no entanto, o lazer não estava sozinho nesta redefinição social. Não podemos esquecer que o racismo dialogava também neste universo, sobretudo no Brasil que tão tardiamente encerrou a escravidão.

Neste capítulo, nossa intenção foi demonstrar que o racismo esteve direta e indiretamente ligado à história dos primórdios do futebol brasileiro.

## Terceiro Capítulo

### A aproximação entre as camadas populares e o Futebol

No início do século XX, nem brasileiros nem argentinos pensavam em pertencerem a países, cuja identidade, estivesse marcada pelo futebol. Na verdade, o que eles queriam era praticar os esportes da moda e com isto legitimar seus espaços sociais e culturais. Surpreendente as camadas populares, as mesmas que eram excluídas ou que se tentavam excluir, transformarem-se no principal emblema do futebol nos dois países.

Apesar de parecer sólida, linear e simples, a tradição futebolística brasileira foi muito mal contada. Por isso, temos a necessidade de rerepresentá-la, mostrando desde seus caminhos tortuosos até a construção do atual imaginário. Na contemporaneidade, esta tradição busca recuperar identidades, criam outras e, sobretudo, de tempos em tempos aparecem como eixo central na configuração e construção da imagem e do imaginário do homem brasileiro e argentino.

Ademais, o futebol ainda nos serve cotidianamente como o exemplo emblemático da transição de uma prática apenas de elite para uma que representaria a miscigenação, a inclusão e principalmente o discurso de unidade no Brasil e na Argentina. Tal fato revelaria valores de uma raça (negros) e de um grupo social (*criollos*) que foram responsáveis pelo jeito de jogar tão particular e eficiente destes países.

Esta tradição, tão antiga quanto o próprio futebol merece, sem dúvida, uma melhor discussão. Existe a necessidade de um estudo que apresente vestígios deste processo, tão significativo aos brasileiros e argentinos, que demonstre a autonomia das camadas populares, suas trocas constantes com as elites e, sobretudo, alguns dos aspectos que contribuíram para as suas escolhas.

Os aspectos que, hoje em dia, são apreendidos nos discursos sobre o passado, na maioria das vezes, não revelam a verdade sobre os fatos ou pelo menos não apresentam o cenário completo em que viveram as cidades e seus grupos sociais. Muitas vezes, estes discursos pretéritos servem apenas para estabelecer laços com o presente que justifiquem, ou exaltem valores morais específicos, normas de comportamento e a relevância de um ou outro grupo social, que corrobore com um assunto em questão.

Este capítulo tem como finalidade traçar alguns dos aspectos que possivelmente, fizeram com que as camadas populares se aproximassem do futebol e num curto espaço de tempo estivessem se inserindo completamente nele. Além disso, visa demonstrar algumas motivações que geraram esta ação e ao mesmo tempo transformaram o cenário futebolístico tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires.

A discussão disposta a partir de agora, passa por pontos já apresentados neste trabalho, racismo e violência. Contudo, nesta fase estes aspectos estarão voltados para o processo de aproximação do futebol com as camadas populares. Tais aproximações podem ser consideradas iniciais e, mudanças poderão ser apontadas com o avançar das pesquisas. Contudo, considero esse debate necessário para o estabelecimento de novas perspectivas.

Algumas questões como: Por que o futebol foi escolhido pelas camadas populares? Por que apesar de todas as restrições, as camadas populares resistiram e “dominaram” o esporte? Ainda não foram respondidas. Entretanto, este capítulo está destinado a pontuar algumas reflexões e não conclusões neste sentido.

## A modernidade e as camadas Populares

A cidade expressa sua força quando se transforma em moldura moderna para o homem moderno.

João do Rio

Como já descrito, a modernidade foi essencialmente paradoxal e responsável por grande parte das transformações ocorridas na passagem do século. Enquanto os discursos de inclusão unido ao de desenvolvimento formavam a base do avanço moderno das capitais, as camadas populares ficavam as margens destes eventos na tentativa de operar, ao seu modo, com estes novos valores.

Notadamente, a sociedade estava longe da construção de um cenário social que resultasse na inserção de todos os grupos populares. O capitalismo era a ordem social emergente naquele momento e, através dele, a separação entre os grupos sociais passou a ocorrer de maneira muito clara, simples e teoricamente eficaz.

As camadas populares, apesar de não partilharem das condições econômicas das elites para um acesso pleno à modernidade, conseguem ao seu modo re-configurar e re-significar aspectos importantes da sociedade em questão.

Mas do que o capitalismo, a modernidade tardia ocorrida no Rio de Janeiro e em Buenos Aires apresenta uma simultaneidade de experiências que fomentam um novo estilo de vida. Porém, este estilo de vida, que em grande parte foi importado da Europa, custava um preço e, fundamentalmente, acabou chegando às Américas com novas roupagens e novos significados reais e simbólicos.

As práticas do lazer neste momento se tornaram peças-chave nesta configuração e são através delas que as camadas populares vão conseguir dialogar com mais intensidade com as elites locais. A organização do universo do trabalho, neste período, não gerava brechas suficientes para que o diálogo entre os grupos gerasse mudanças significativas, pelo menos no sentido de se apropriar dele de maneira efetiva<sup>105</sup>.

O mundo moderno implica neste momento a criação de um mundo urbano por excelência que passa a ser marcado pela velocidade. Porém, nestas transformações existiram permanências que foram fundamentais às elites, na tentativa da manutenção do *seu status quo*. Houve efetivamente um bombardeio de experiências e estímulos que mudou de maneira definitiva as cidades.

As práticas esportivas estavam expostas a este cenário. Antes que o futebol conseguisse alcançar a sua importância social, outras modalidades ocupavam o papel de agregar, ou mesmo de formar grupos sociais em suas micro-identidades.

No Rio de Janeiro, antes do futebol, tivemos o turfe e o remo sendo os principais esportes das elites locais. O remo era o grande representante da modernidade urbana. Nele se originava um novo ideal de corpo e de atleta. O vigor físico, a beleza estética e a valentia, em desbravar o mar, eram os principais componentes do atleta moderno.

Enquanto isso, o turfe representava as elites aristocráticas rurais, em que o esportista tinha um papel secundário. O grande personagem deste esporte era o cavalo, ao jockey bastava guiar o cavalo e nada mais. O grande vencedor sempre era o animal. Com o seu

---

<sup>105</sup> No universo do lazer, as camadas populares conseguiram inverter a sua posição frente à prática esportiva (torcedor/praticante), enquanto que no universo do trabalho, apesar das resistências e ganhos, a situação de ser um trabalhador não sofria alteração. Não se tornava patrão.

corpo pequeno e sempre magro, a imagem do jóquei, diferentemente do atleta do remo, não gerava destaque.

O cenário em Buenos Aires também foi o mesmo. Outros esportes tornavam o tempo do lazer um momento praticamente fechado àqueles que detinham o poder econômico para se inserirem efetivamente nas práticas esportivas. O golfe, o cricket, as corridas de cavalo e o boxe confirmaram este dado.

Archetti, sobre o boxe, escreve que *Desde a fundación en 1908, del Boxing Club Buenos Aires, Primer club de boxeo de la Argentina, hasta 1924 habían pasado casi dos décadas y su práctica, originalmente aristocrática, se había popularizado.*<sup>106</sup> Com isto, demonstrava claramente que os esportes estavam quase sempre “fechados” em grupos sociais.

Mas onde estão as camadas populares neste momento? O que faziam os negros e *criollos* no seu tempo de lazer? Praticavam esportes?

No Rio de Janeiro, os negros recém saídos da escravidão carregavam um estigma muito grande. Isso, sem dúvida, era um fator que limitava muito as escolhas destes homens em seus tempos livres. Apesar disso, eles freqüentavam todas as práticas esportivas; mas as que ficaram caracterizadas por eles foram a capoeira e as rinhãs de galo. Todas, práticas perseguidas pela polícia local e não consideradas esportivas. De qualquer forma, apesar de perseguidas, suas práticas eram praticadas e comemoradas constantemente.

---

<sup>106</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: CFE editora, 2001. p. 97.

Quando as modalidades esportivas passavam a fazer sucesso, como o caso do remo, lá também estavam presentes as camadas populares, que apesar de não poderem praticar efetivamente o esporte por suas carências técnicas e materiais, podiam assistir e, sobretudo, apostar nos páreos.

Em Buenos Aires as coisas não foram bem assim. O cenário esportivo também era múltiplo e apresentava grupos sociais bem definidos porém, como o futebol tinha chegado há pelo menos quarenta anos antes, os times populares já eram mais freqüentes e com isto as camadas populares já praticavam o esporte propriamente dito. De qualquer forma, neste momento a burguesia e a aristocracia se preocupavam com o boxe, o pólo, o tênis, e principalmente com as *carreras de caballos*.

Os populares também vivenciavam as práticas esportivas “das elites”, ao seu modo é claro. Jogavam (no caso do futebol), apostavam, assistiam e comemoravam as mesmas vitórias. O que era determinante nas duas cidades era a impossibilidade de praticar estes esportes. A necessidade de equipamentos caros, a relação com o corpo que estes esportes apresentavam e a dificuldade de participar dos clubes que promoviam estas modalidades somavam-se a questões raciais, sociais e econômicas que contribuíam para que os populares não se sentissem inseridos nestas coletividades.

Com todas estas exclusões e dificuldades para alcançar o cenário esportivo, como então o futebol assumiu um papel de grande relevância para as camadas populares e conseqüentemente conseguiu construir um sentido de unidade no Brasil e na Argentina? Na verdade, compreendemos que um conjunto de fatores contribuiu para que o futebol fosse

“escolhido” pelas camadas populares e, num espaço curto de tempo, conseguisse gerar uma marca da sua identidade.

O primeiro ponto relevante gira em torno da idéia de que como na passagem do século, tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires, surgia um novo tempo, a modernidade, as camadas populares também estavam dispostas a se inserirem efetivamente nela. Pensar que apenas as elites estavam conectadas aos lançamentos das novidades modernas é uma ingenuidade que contribuiu para a formação de idéias que priorizaram e destacaram equivocadamente as propostas e as experiências das elites.

O futebol neste sentido trazia em destaque uma efetiva possibilidade de inserção na modernidade. Pois, entre as práticas esportivas apresentadas e vivenciadas neste período, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, o futebol era o único esporte que apresentava facilidade para a sua prática (compatível com as condições das camadas populares) e que, sobretudo, tinha representatividade entre todas as camadas sociais.

A própria identidade nacional, para que fosse gerada, era necessário um esporte que tivesse participantes de todas as camadas sociais. O futebol era este esporte. Ele era o único esporte que contemplava, em suas possibilidades centrais (torcedores e praticantes), todos os grupos sociais.

O cenário híbrido da modernidade revelava que a construção de um imaginário nacional também deveria passar por um esporte também híbrido na sua composição, e isto somente ocorre com o futebol neste período. Este esporte correspondia às necessidades das elites, na medida em que se apresentava como uma prática moderna que forjava um novo modo de vida, ao mesmo tempo em que possibilitava as camadas populares à sua prática e

efetiva sensação de estar compondo o novo mundo que emergia. Devemos notar que, para as camadas populares, a cidadania passou, em larga escala, por práticas que envolveram sensações e experiências simbólicas que não necessariamente geravam mudanças ou fluxos sociais.

Enfim, somente um esporte que conseguisse gerar satisfações plenas para as elites e para as camadas populares teria o seu potencial de adesão, divulgação, investimento e valorização elevada ao máximo, e se tornaria o esporte nacional.

De qualquer forma, outras questões também contribuem para desenvolver ainda mais nossa compreensão sobre o tema. Entre elas, a relação com o corpo que o futebol e a modernidade promoviam.

## Camadas populares, futebol, corpo e modernidade

A cidade toma-lhe os sentidos e transforma-se num corpo vivo com o qual pode dialogar...

João do Rio

A relação com o corpo também é chave para o entendimento da relação entre o futebol e as camadas populares. Diante de uma vida moderna potencialmente veloz, as impressões do passado deveriam ser revistas. O padrão estético neste sentido e a própria relação com o corpo também faziam parte deste painel de transformações.

Enquanto que no século XIX os homens magros e fracos eram tipos físicos valorizados na modernidade especificou-se um novo padrão estético. Com o Remo foi apresentado o novo perfil dos *sportmens*. Homens altos e fortes agora demarcavam o visual ideal dos sportistas.

Eduardo Archetti, sobre a Argentina, também reforça esta mudança:

el esfuerzo físico y el cuidado corporal aparecen, de esa manera, no solo como símbolos de la modernidad sino como algo que hay que cultivar y desarrollar, como una práctica individual y social que debe ser garantizada por el Estado y la sociedad civil.<sup>107</sup>

A imagem do corpo do sportista, neste momento, adquire um potencial revelador que se torna parte fundamental naquela sociedade. Sobremaneira, este corpo passa a ser adaptável aos novos sistemas de circulação, mobilidade e propaganda que a modernidade exigia. A fotografia foi peça chave para o desenvolvimento destas sensações.

---

<sup>107</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*, Buenos Aires: CFE editora, 2001. p.12.

Ben Singer escreve que Kracauer e Benjamin *observadores sociais das décadas próximas da virada do século fixaram-se na idéia de que a modernidade havia causado um aumento radical na estimulação nervosa e no risco corporal.*<sup>108</sup>

A cidade se transforma e, com ela, as experiências e sensações de seus habitantes tomam um novo sentido. O esporte na medida em que se coloca com uma das principais atividades do lazer, assume diretamente este potencial, como explica Singer:

A vida urbana é marcada por sua estimulação acentuada... Essa excitação instiga profundamente o sistema nervoso. O resultado natural da vida na cidade é um nervosismo crescente. A corrente agitada na qual os homens ficam imersos produz indivíduos alertas, ativos, prontos para buscar satisfações.<sup>109</sup>

Esta citação, na verdade, nos serve para apresentarmos a relação chave da nossa argumentação. Relacionando o fragmento de Singer ao futebol, podemos dizer que nesta prática esportiva se potencializa uma ligação íntima, explícita e legítima entre as camadas populares e o corpo, que até então, em outras práticas “esportivas” eram vistas como práticas degenerativas do corpo.<sup>110</sup>

Na verdade a relação se configura quando os jogos praticados pelos homens das camadas populares não são considerados esportes e, com isso, estão fora do arcabouço das possibilidades modernas. Somente o futebol gera a possibilidade de uma prática esportiva onde o corpo já está definido aos moldes modernos e, ainda sim, poderia ser vivenciada plenamente pelas camadas mais pobres da sociedade.

---

<sup>108</sup> SINGER, Ben. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. *O Cinema e a Invenção da vida Moderna*. São Paulo, Ed. Cosac & Naify, 2004. p. 98.

<sup>109</sup> Idem. p. 116.

<sup>110</sup> O próprio futebol possuiu alguns opositores naquele período, que utilizavam este ponto como argumento.

Existia a necessidade de se incluir no cenário moderno, e fundamentalmente na cidade, as camadas populares que já reproduziam uma relação com o corpo bem próxima aos novos padrões. Tanto no Rio de Janeiro como em Buenos Aires, antes da modernidade e do futebol, as práticas das camadas populares que evidenciavam o corpo, de uma forma tão explícita, eram freqüentemente combatidas pelo estado e pela elite.

Como exemplos, podemos citar a capoeira e as danças no Rio de Janeiro e o boxe, com o passar do tempo, em Buenos Aires. Estes seriam os jogos com os quais os populares poderiam compartilhar com o imaginário de corpo bem próximo do esperado na modernidade. No entanto eram todos tidos como atrasados, violentos e não eram considerados efetivamente esportes, salvo o boxe.

Em Buenos Aires, o boxe apesar de ter sempre sido considerado um esporte, foi proibido até os anos vinte, mas especificamente no ano de 1924. Tal fato fazia com que a sua prática fosse clandestina e não colaborasse para a inserção do atleta no cenário desportivo nacional, nem na cidade moderna.

Somente depois da sua legalização e, conseqüentemente, de sua estruturação que o esporte tornou-se representativo para o país, porém no período ora estudado a concepção de esporte e modernidade não eram compatíveis com a prática do boxe.<sup>111</sup>

Ao Voltarmos a falar de futebol, podemos levar em consideração que esta prática reconhecida pelas elites dava prova de uma mobilidade corporal e agressividade que, visivelmente expostas eram “legalmente” aceitas pela sociedade em geral. Neste sentido, podemos dizer que estas características, bem próximas do ambiente dos jogos com os quais

---

<sup>111</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring – Las pátrias del deporte argentino*. Buenos Aires: CEF Editora, 2001. pp. 97-111.

as camadas populares se identificavam, proporcionavam a elas uma satisfação bem “oportuna” de jogar um esporte moderno e “da elite”.

Outros esportes também apresentavam um perfil de corpo moderno, porém o alcance das camadas populares nestas modalidades era limitado. No caso do remo, o corpo do remador era admirado pela sua forma física, Contudo as camadas populares só conseguiam alcançar, neste esporte, a posição de espectador.

Devido às dificuldades técnicas e econômicas já descritas, o remo e o turfe não conseguiram gerar potencialmente, nem efetivamente, possibilidades reais e plenas para as camadas populares vivenciarem suas experiências e seus sentidos.

Os homens das camadas populares, neste sentido, puderam muito rapidamente vislumbrar no futebol um lugar em potencial para os seus corpos, ritmos e sensações. Tanto o estilo brasileiro, quanto o argentino de jogar futebol era marcado pela leveza e destreza dos dribles. A ginga do negro da capoeira e as figuras e passos dos *criollos* do tango se tornaram marcas emblemáticas da nova mobilidade corporal expressa no futebol.

Sobre este aspecto, escreve Archetti:

Él insistia em que al bailar “se obtiene el ritmo, se aprende a cambiar de ritmo como en la milonga, se aprende a controlar los perfiles del cuerpo, cómo trabajar con la cintura y los pies mientras se hacen lãs figuras más complicadas y, enfáticamente, decía que a lo mejor fui bueno em fútbol porque bailaba el tango cada noche.<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: CFE editora, 2001. p. 42.

A associação entre dança e futebol expõe ainda mais o corpo naquele momento. Na verdade, isto evidencia a importância do corpo nas relações modernas. Neste momento, o cinema já era potencialmente um sucesso e já convergia ao cenário moderno.

Enfim, podemos dizer que a relação instrumental com o corpo, vivenciada nos esportes de enfileiramento, com destaque no futebol, associada à necessidade de se inserir na sociedade moderna emergente, possibilitou as camadas populares a terem no futebol um grande aliado na busca de pertencimento social. Com isto, a aproximação entre as classes acabou ocorrendo devido à sua viabilidade, e além disso, por ser um fator interessante às camadas populares.

## Grupos Sociais: Identidades, territórios e clubes

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos... exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidades e coesão social, e que estruturassem relações sociais.

Eric Hobsbawm

Durante grande parte do século XIX, tanto no Brasil quanto na Argentina, as estruturas socioculturais sofreram poucos impactos que abalasses profundamente suas bases. Podemos até dizer que as velhas identidades estabilizavam este universo social. Possivelmente, devido a esta aparente estabilidade, questões como identidades foram pouco discutidas ou mesmo desestabilizadas naquele momento.

Na verdade, o ponto de maior relevância neste trabalho, fica estabelecido quando definimos que no tempo das transformações sociais, a modernidade. Questões como identidade são peremptórias para a construção do indivíduo e da sociedade moderna como um todo. Stuart Hall contribui da seguinte forma para esta compreensão:

A assim chamada crise de identidade é vista como um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.<sup>113</sup>

Como já comentamos, a modernidade foi o momento de ruptura em que as cidades redefiniram grande parte, ou mesmo, todas as estruturas socioculturais vivenciadas nas suas

---

<sup>113</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004. p. 7.

práticas cotidianas. Mostramos o grande número de mudanças pelas quais as cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires passou.

Durante a turbulência de sensações, experiências e possibilidades que emergiram na passagem do século, uma delas foi ponto chave na definição de espaços e valores. Refirimo-nos à identidade que, neste momento, se fragmentou e gerou novas necessidades para se reestruturar.

Como o universo do trabalho já estava controlado, devemos lembrar do fordismo, o tempo do lazer, neste caso específico as práticas esportivas que passou a ser decisiva na formação das novas identidades. A chamada identidade cultural, definida por Stuart Hall, serve muito bem para esta compreensão.

O autor define que as identidades culturais são formadas por *aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas, etnias, raças, idiomas, religiões e, acima de tudo, nações.*<sup>114</sup> Podemos dizer que, para além destes itens, o sentimento de pertencimento a um bairro, a um clube e a uma escolha esportiva, associados ou não, também poderiam forjar novas identidades dentro de uma sociedade.

Diante de tanta mudança se tornou muito difícil para as elites manterem suas identidades sólidas e fechadas. O grande fluxo de imigrantes, a presença das grandes inovações e fundamentalmente a adoção de um esporte como o futebol como prática esportiva que as inserissem (as elites) na modernidade, contribuiu decisivamente para a transformação das cidades, bem como para aumentar o grau de permeabilidade entre os grupos sociais.

---

<sup>114</sup>

Idem. p. 8.

Inicialmente, tanto em Buenos Aires quanto no Rio de Janeiro, outras práticas esportivas definiram identidades sociais. O turfe, neste sentido, foi um ponto comum entre as duas cidades. O remo na cidade brasileira, bem como o boxe e o automobilismo na capital argentina geraram novas formas e sentidos de pertencimento.

Entretanto, foi o futebol, através inicialmente dos seus espaços territoriais, que começou a gerar novas fontes de pertencimento que viabilizassem a entrada efetiva de populares. Isso porque a prática do futebol era possibilitada em qualquer que fosse o lugar. O cidadão comum das camadas populares poderia praticar este esporte em qualquer campinho de terra da baixada carioca ou nos proterros argentinos.

A complexa e dinâmica modernidade refletiu, naquele momento, na formação do indivíduo moderno. Diferentemente dos indivíduos centrados, unificados e de certa protegidos do contato com o *outro* que pudesse abalar suas estruturas socioculturais, eles depararam com camadas populares já autônomas capazes de gerar efetivamente momentos de desestabilidade social.<sup>115</sup>

As elites não conseguiam mais manter sua autonomia e auto-suficiência. As práticas do lazer passavam a se formar na relação dos grupos sociais, bem como nas novas possibilidades de valores, sentido e símbolos que emergiam. Não podíamos mais acreditar na determinação linear das elites e na passividade imóvel das camadas populares frente ao novo tempo.

O processo de popularização do futebol teve íntima relação com a nova configuração dos espaços urbanos. Tais espaços, num primeiro momento, fomentaram a

---

<sup>115</sup> Lembraremos da Revolta da Vacina (1904) como uma das manifestações populares que desestabilizou a sociedade do Rio de Janeiro.

idéia inicial de identidade ligada ao esporte. Falamos de uma identidade que conseguiu agregar todas as camadas sociais do país, e neste caso, o futebol se apresentou com um potencial incomum.

Antes mesmo da formação dos clubes específicos de futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, esta prática esportiva proporcionou aos moradores dos bairros e às escolas uma fonte de pertencimento muito grande. Em Buenos Aires, as escolas foram as primeiras a chamarem a atenção para este aspecto. No Rio de Janeiro, foram os bairros que começaram com este processo.<sup>116</sup>

Nas duas cidades, as disputas de um esporte coletivo como o futebol, que conseguia mobilizar plenamente todas as camadas sociais e seus símbolos e valores, geravam situações de enfretamento em que a vitória representava muito mais que um placar, representava a superioridade de um bairro sobre o outro e mesmo de uma escola sobre a outra.

Neste momento específico, iniciava-se a construção de micro-identidades que forjavam e possivelmente geraram os primeiros enfretamentos com este aspecto. No Remo ou no Turfe, as vitórias ficavam limitadas ao clube e, com isto, não proporcionava as camadas populares uma identificação plena, o que não ocorria com o futebol.

Neste, os sentidos, a plasticidade do corpo e, sobretudo, a coletividade geravam uma interação muito grande. Desta forma, o pertencimento ia além da prática esportiva e alcançava o ideal proposto pela modernidade.

---

<sup>116</sup> Não cito as escolas no Rio de Janeiro por não possuir fontes que comprovem disputas em que os laços de identidades tenham sido exaltados, como nas disputas de bairros e clubes, numa partida de futebol. Apesar de serem estas, as escolas, também uma das primeiras portas de entrada do futebol no país.

Ficam visíveis, neste sentido, características que possibilitaram um salto na configuração das novas tradições (república, modernidade, desenvolvimento e velocidade) que eliminassem os laços das velhas tradições (monarquia, passado e atraso).

Este quadro fica ainda mais evidente com a formação dos clubes. Estes se estruturaram a partir de alguns outros valores (distinção de perfil moral e raça) e tentaram definir o modelo dos grupos sociais que iriam compô-los. As vitórias transcenderam as equipes, alcançaram os bairros, em seguida as cidades, e num último estágio, os estados e a nação, da mesma forma que tratou sobre questões de superioridade racial e social.

No futebol argentino, dentro das associações organizadas de futebol, os encontros entre os clubes de Buenos Aires e La Plata demonstravam claramente a oposição de identidades locais. A citação abaixo descreve o alcance de uma vitória e o perfil do novo homem moderno.

... disputar una victoria que já não é, para ellos, do gremio, mas da própria terra.

... e dessa emulação virá, com os loucos dos gremios, o proveito de uma geração mais forte, mais destra e mais sadia.<sup>117</sup>

ese contexto particular las practicas deportivas y, em especial, los deportes de equipo permitieron establecer un espacio nacional de competencia real y de movilidad social y de unificación territorial y simbólica.<sup>118</sup>

Em Buenos Aires e no Rio de Janeiro uma tríade se formou, em torno do futebol, como sustentáculo do processo de identidade. A primeira base desta tríade se dava durante

---

<sup>117</sup> "Sport-Foot-ball". Kosmos. ano 1. n. 8, Agosto de 1904.

<sup>118</sup> ARCHETTI, Eduardo. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*, Buenos Aires: CFE editora, 2001. p. 13.

o processo de popularização, que conseguia agregar o maior número de pessoas já visto num esporte. A segunda era a formação dos clubes, fossem eles da elite ou dos populares geravam um sentimento de luta coletiva pela vitória. E a terceira será a definição do “onde jogar”, pois criava-se vínculos afetivos entre jogadores e a população local.

Como a urbanização foi um fator marcante nas duas cidades, a busca por um lugar onde jogar, e mesmo onde construir um estádio, tornou-se ponto chave para o estabelecimento e a manutenção de um time. Em Buenos Aires eram comuns anúncios de desejo de compra de terrenos para a utilização voltada para o futebol. Um bom exemplo ocorre em 1904 quando o secretário de um clube de futebol anunciou: *avisando que su club está deseoso de conseguir una cancha; si hay alguno interesado se le ruega comunicar a La Argentina o al Club L. N. Alem, Rincón 43.*<sup>119</sup>

A condição de ter um campo para execução das suas partidas chegava a ser decisiva para os clubes. As ligas oficiais, em um curto espaço de tempo, passaram a condicionar a admissão dos clubes mediante a posse de um lugar de jogo. Com isto, times com menor poder econômico, como os das camadas populares, ficaram impossibilitados de conseguir o “passaporte” de entrada no cenário institucional do futebol.

A criação das tradições, no início do século XX, foram reflexos das profundas e rápidas transformações da sociedade: *os grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos*

---

<sup>119</sup> La Argentina. 11 de agosto de 1904. p.14.

*instrumentos que assegurassem ou expressassem identidades e coesão social, e que estruturassem relações sociais.*<sup>120</sup>

Assim, as agremiações começaram a forjar novas formas de manter ou reconfigurar suas identidades. A formação de ligas, clubes e regulamentos geraram, ou pelo menos tentou gerar, um processo de exclusão muito amplo e vinculado a dois aspectos fundamentais, *raça e qualidade moral*.

Quem se der ao trabalho de fazer uma ligeira análise sobre esses pedidos de inscrição verificará facilmente que quanto menos elevada é a posição social de um bom jogador, quanto mais duvidoso pode ser o seu nível moral. Tanto maior o número de clubs que o inscrevem e com as circunstâncias de que esse clubs são tais que não escolhem elementos de ordem moral para os seus quadros, mas, apenas bons jogadores.<sup>121</sup>

Eric Hobsbawm classifica em três categorias superpostas o processo de construção das tradições inventadas. A primeira delas seria aquela que estabelece ou simboliza a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais. A segunda, aquela que estabelece ou legitima instituições, status ou relações de autoridade e, por fim, a terceira, seria aquela cujo propósito principal é a socialização, a inclusão de idéias, sistema de valores e padrões de comportamento.

No caso das cidades estudadas, estas três categorias estiveram presentes de forma articulada e, sobretudo, apresentaram um caráter multifacetado das sociedades em questão. Em Buenos Aires, por exemplo, quando se criou a segunda (1899) e a terceira divisão do futebol (1900) não somente satisfizes a necessidade de se ampliar as divisões, como se

---

<sup>120</sup> HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 271.

<sup>121</sup> Publicado na Sport Ilustrado. 26 de março de 1921. Crônicas da Semana. Sem autoria.

consagrou a primeira divisão como um “lugar a chegar”. Um sistema de valores foi reforçado neste momento.

Como sempre havia um caminho de duplo sentido sendo estabelecido, ao mesmo tempo em que se gerou uma mitificação da primeira divisão do futebol como lugar dos melhores e dos mais preparados, se promoveu uma vitrine para as camadas populares que, por sua vez, passaram a desejar e a lutar para alcançar a almejada primeira divisão.

Desta forma, a promoção de uma prática esportiva efetivamente operável pelo povo consegue cada vez mais popularizar o esporte, da mesma maneira que conseguiu gerar fluxos e intercâmbios sociais. Enfim, tornando-se espetacular para e pelas elites, o futebol se tornou cada vez mais um desejo viável para as camadas populares.

Deve ficar claro que a questão da cidadania, naquele período, passava fundamentalmente pela tomada de consciência associada a símbolos, rituais e práticas de sociabilidade. Assim sendo, os caminhos traçados pelos grupos, ou por aqueles que dominavam as instituições reguladoras, passava a ser a fonte da inclusão ou exclusão social. Podemos dizer, então, que o conjunto destas práticas serviu como base para a formação de identidades regionais ou mesmo nacional, isto é, de micro ou macro identidades.

Futebol e sociedade estavam atrelados não somente na América Latina. Hobsbawm chega a dizer que *pela história das finais do campeonato britânico de futebol podem-se*

*obter dados sobre o desenvolvimento de uma cultura urbana operária que não se conseguiram através de fontes convencionais.*<sup>122</sup>

Neste ponto se estabelece claramente um dos papéis centrais dos clubes esportivos das sociedades do Rio de Janeiro e Buenos Aires da virada do século. Para além de proporcionar atividades físicas para os jovens das classes médias e altas das grandes capitais, os clubes esportivos passavam a ditar modas, formas corporais, e, sobretudo, a marcar identidades.

Foi com esta proposta, a de criar identidades, que os clubes iam formando, entre os de iguais valores simbólicos e materiais, grupos muito bem definidos que foram transpostos em pouco tempo através do futebol. Nenhum outro esporte conseguiu romper tão explicitamente estas barreiras. Vários tinham sua primeira barreira inicial, e muitas vezes definitiva, já na própria prática da modalidade, o remo e turfe como já foi dito anteriormente são bons exemplos.

Teoricamente, escreve Hobsbawm, *era possível conceber uma modernização que mantivesse a velha organização da subordinação social, mas fora o Japão, é difícil encontrar outro exemplo de sucesso nesta prática.*<sup>123</sup> Realmente, apenas no campo da teoria, e possivelmente no Japão, isto seria possível.

No Rio de Janeiro, as heranças coloniais estavam presentes e muitas vezes tentavam definir as instituições esportivas. Os regulamentos de futebol no Rio de Janeiro pelo menos nos primeiros 30 anos excluía grande parte da população negra e operária. O regulamento

---

<sup>122</sup> HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p 21

<sup>123</sup> Idem. p. 274.

de 1924 nos serve como exemplo das permanências coloniais, e como elas passaram por uma nova roupagem, pois, afinal, eram os negros os principais atingidos com as regras.

### Capítulo III - DA ADMISSÃO DE MEMBROS DA A.M.E.A.

Art 5º ITEM 10- Indicar de seus atletas o número e o nome por extenso; a residência actual e a anterior; a **profissão que actualmente exercem** e a que exerciam precedentemente; o local em que a praticavam e o em que praticam; e bem assim o nome das pessoas sob cuja direcção a exercitavam e exercitam.

### Capítulo IX - DA INSCRIÇÃO DOS AMADORES, SUAS FORMALIDADES E REQUISITOS

Art 65 - Não poderão, porém, ser inscriptos:

ITEM 1- os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos, ou concursos esportivos de qualquer natureza.

ITEM 2 - os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico;

ITEM 4- os que se entregarem à exploração de jogos de azar, ou viverem de sua prática

ITEM 7- os que não saibam ler ou escrever correntemente;

ITEM 9 - os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos;

ITEM 10- os que exerçam profissão ou emprego subalterno, tais como contínuo, servente, engraxate e motorista; "<sup>124</sup>

De qualquer forma, ainda que estas barreiras fossem altas, foram superadas. Em último estágio, podemos dizer que a composição de uma equipe nacional marcada pela mestiçagem foi a idéia que consagrou a imagem do país híbrido que temos, bem como da superação das camadas populares. A idéia de nação se consagrou na hibridez da sua Seleção de futebol.

---

<sup>124</sup> Trecho do Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos - A.M.E.A. Rio de Janeiro, 1924.

No caso argentino, a hibridez também esteve presente. A condição de *criollo* era por excelência uma condição híbrida, pois eles não eram europeus natos como também não eram latinos “originais”. Mas, ainda assim, apesar deste valor questionável, foram eles que definiram o estilo emblemático de jogar dos argentinos.

No debate sobre identidade e modernidade os grupos acabaram, muitas vezes por necessidade outras por conseqüências naturais das experiências vivenciadas, produzindo um “inimigo” (*o outro*) que se colocava frente aos seus interesses e valores sociais. Neste caso, este *outro* criado ou apresentado, passava a ser ferramenta em oposição da afirmação das identidades e da modernidade dos grupos definidores.

O que inicialmente marcava as identidades locais, em alguns momentos forjava, através dos selecionados nacionais, a idéia de unidade nacional. Com a ajuda da imprensa, inicialmente feita pelos jornais e revistas, o alcance dos sentidos de pertencimento aumentava potencialmente. Podemos dizer que a imprensa foi ponto central no processo de popularização das práticas do lazer.

Algumas vezes, a criação de identidades ocorreu ao mesmo tempo e acabou agindo como fonte de formação de imaginários de vários grupos sociais diferentes em uma mesma sociedade. Em cada partida, em cada campeonato regional e por fim em cada copa do mundo, as identidades eram recuperadas e vividas em sua plenitude.

Na Argentina, por exemplo, até ano de 1914 foram cerca de quarenta disputas internacionais, e nestas épocas era possível notar que somente nestes momentos a imprensa chamava atenção para a emergência de um sentido nacional do futebol. Já em 1903, até

mesmo o jornal *Lá Nación* que pouco destacava o futebol demonstrava que as partidas internacionais contribuía para o desenvolvimento do esporte.

*La Nación publica: Amistosos entre Clubs de Buenos Aires y de Montevideo habian iniciado entre los sportmen una corriente de simpatias mutuas llamada a influir benéfica y eficazmente em los destinos de aquel deport.*<sup>125</sup> Esta informação é determinante para compreensão de como foi o processo de construção da imagem do futebol, bem como, do papel da imprensa neste processo.

No Brasil, a Seleção Oficial de Futebol só foi organizada em 1914, porém os amistosos internacionais serviram para gerar a idéia de um esporte coletivo que seria nacional. O primeiro amistoso foi em 03 de julho de 1906 e ocorreu em São Paulo. Mas, como o futebol já estava bem popular, a prática de desafios internacionais se tornou comum.

Até 1914 foram vários os países que fizeram amistosos com equipes oficiais e selecionados nacionais, tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires. Na capital argentina, a presença dos ingleses foi esmagadora. Das trinta e nove partidas disputadas, apenas três delas foram feitas por uma equipe italiana (TORINO), as demais foram equipes inglesas ou com componentes britânicos, como o caso da equipe da África do Sul, SUDAFRICA.

No Brasil, a diversificação de países foi bem maior. Equipes da Itália, Portugal, Inglaterra e mesmo da Argentina, Chile e Uruguai compuseram a lista das equipes que jogaram contra a Seleção Brasileira. O *Jornal do Brasil*, em 1904, dá destaque à visita de

---

<sup>125</sup>

La Nación, 14 de Septiembre 1903. Coluna "Sports"

outras equipes ao futebol do Rio de Janeiro. A matéria coloca o progresso intimamente relacionado ao intercâmbio entre equipes.

...poucos dias temos tido em que se realizem tantos encontros de boas `equipes' de foot-ball e isto é deveras animador para os que creem como nós na entrada desse gênero de sport em uma phase de acentuado progresso, ora traduzido no grande número de associações dessa espécie que se fundam, ora nos `matches' disputados com ardor nos nossos 'fields' .<sup>126</sup>

Uma matéria do *La Nación* demonstra o quanto é múltiplo os tipos de pessoas que começavam a compartilhar da mesma paixão:

Que com semejante afluencia de gente el entusiasmo fue grande, demás este delírio, precisamente se hay alguno sport atlético en que las peripecias, de la lucha produzian emociones de diversas índoles, segun sean las simpatias de cada cual, es el football..." continua "... Los momentos de peligro para uno y otros abundaram, y de aqui que el interes fuese en aumento a medida que el ardor de la lucha dió nuevos brios a los contendores.<sup>127</sup>

O futebol se transformou no esporte de todas as classes. Tal fato foi significativo, pois afinal, todas as identidades acabavam sendo contempladas. Esta implicação tem importância capital no sentido de trazer em um só esporte uma espécie de "mosaico de identidades". Talvez, na cultura nacional, o futebol tenha sido o primeiro evento a conseguir esta proeza.

Num certo momento, quando todas as escolas estavam praticando este esporte outras medidas deveriam ser tomadas com o intuito de separar novamente os grupos sociais e suas identidades. Neste sentido, eram feitas escolhas de maneira que as disputas esportivas fossem feitas apenas entre pares, ou seja, entre iguais.

---

<sup>126</sup> "Foot-ball". Jornal do Brasil, 22 de Outubro de 1911.

<sup>127</sup> La Nación. 14 de Setembro de 1903. Coluna Sports.

No Brasil e na Argentina, isto se deu através das ligas esportivas que serviram como filtro para as disputas. Pertencer a uma liga esportiva era receber uma espécie de identidade para o pertencimento a um grupo social. Era a reunião, ou aceitação, de grupos sociais equivalentes.

Hobsbawm afirma que o esporte em sua forma moderna era importado, conscientemente, em termos de valores sociais e estilo de vida da Grã-Bretanha, em grande parte por aqueles que eram influenciados pelo sistema educacional da classe alta inglesa. Mais uma vez, a afirmação do autor colabora com a idéia de que estariam intimamente ligados o sistema educacional e os valores simbólicos de classes da sociedade. Só devemos destacar, como ainda veremos, que esta relação não foi linear nem impenetrável.

No Rio de Janeiro e em Buenos Aires isto ocorreu de uma forma mais complexa, haja vista que outras modalidades já representavam o *status* e a identidade de classe na passagem para o século XX. Presenciamos, como esporte da elite aristocrática, o turfe, nas duas cidades, e como esporte da classe média, o remo, no Rio de Janeiro.

O futebol se diferenciou porque rompeu com os laços de identidades tão visíveis nas outras modalidades. Foi possível visualizar, no futebol, a presença de um potencial simbólico e de um caráter exacerbado de mobilização que foram fonte para a mudança significativa do cenário esportivo, ainda que para as elites isto fosse indesejável.

Através do amadorismo, as elites emergiram com o seu *status* de classe superior e moderna, e ainda traçavam linhas que isolavam as massas da prática espetacularizada<sup>128</sup> do

---

<sup>128</sup> Prática espetacularizada deve ser compreendida como partidas vivenciadas em estádios de futebol, como aquelas que ocorriam no estádio do Fluminense, que possuíam um aparato técnico e simbólico representativo para a construção do imaginário acerca desta modalidade.

esporte. Além de criar novas expressões de identificação social, o futebol, esporte das massas, da classe média e das elites, unia estes grupos na invenção de suas tradições socioculturais e nas possibilidades de gerar novos laços de identidades.

Tratando-se de identidade nacional, um fator se torna determinante: A formação das equipes nacionais. A ascensão desse esporte proporcionou novas expressões de nacionalismo através da escolha ou invenção de esportes nacionalmente específicos. Assim, no futebol brasileiro e argentino esta invenção passa fundamentalmente pela ligação entre Esporte e Estado.

As invenções das tradições sociais e políticas a partir do futebol, que foram experimentadas e criadas por todas as camadas sociais, serviram para constituir identificações nacionais que geravam comunidades artificiais nas cidades.

A ascensão do esporte e principalmente a sua popularização proporcionaram-no uma expressão nacional. Na verdade, este caminho é “antropofágico”, pois, enquanto o Estado se apropriava do futebol para um projeto de unidade nacional, o esporte (agentes/organizadores/público) se apropria do Estado para fomentar e consolidar o seu espaço definitivo na sociedade. O diálogo era, e ainda é intenso e comprometia ambas as partes.

É destaque neste ponto, o caráter comercial que assumiu o esporte na modernidade. Os mecanismos comerciais apresentados e experimentados nas práticas esportivas foram espontaneamente colaborando para a formação dos espetáculos ideais do esporte profissional. Mesmo a oposição entre profissional e amador, já discutida anteriormente, retornou sobre uma nova configuração.

O espetáculo real a ser consumido era o realizado nos estádios e especificamente pelos profissionais da bola. Uma espécie de hierarquização do jogo passa ocorrer. Enquanto profissionais estavam aptos ao grande espetáculo, aos amadores restava tentar imitá-los no lazer cotidiano ou consumi-los, como exemplos inspiradores. Os espetáculos continuavam favorecendo e construindo identidades.

No que se refere às identidades nacionais, o grande protagonista desta experiência eram os campeonatos internacionais. Estas vivências eram sublimadas e tiveram suas identidades potencializadas. Na verdade, o confronto entre países conforma um local ideal a criação, recuperação e, sobretudo comemoração de identidades nacionais.

A modernidade possibilitava ao esporte se tornar um campo das relações internacionais. Vários embates esportivos daquele período, e até dos nossos dias, potencializavam questões políticas que, em nada tinham em relação à prática esportiva, mas que decididamente colaboravam para as suas resoluções. Exemplo disto poderia ser identificado nas primeiras partidas disputadas pelo selecionado brasileiro na América do Sul. Havia, indubitavelmente, uma tentativa de se inserir no quadro geral de avanço e de modernidade do continente e, assim, a presença de um bom selecionado seria um bom cartão de visitas para este novo cenário.

A ritualização destes eventos, bem como a produção cada vez maior de espetáculos para exibi-los, colaboraram para a potencialidade do futebol. A copa do mundo, nos dias de hoje, é o exemplo mais significativo disto.

Hobsbawm escreve ainda que *não podemos deixar de examinar a invenção, neste período, de construções para espetáculos praticamente novos e rituais de massa de fato,*

*tais como estádios de futebol, abertos ou cobertos.*<sup>129</sup> Definitivamente, estes espaços eram, e são, partes fundamentais da estrutura socioeconômica do esporte e da cultura, bem como potencializadores do espetáculo vivenciado.

Enfim, durante todo seu período de desenvolvimento, o futebol passou por grandes variações estruturais que, de prática amadora à profissional, de micro-representações a macro-representações, de simples partidas a grandes espetáculos, definiram, ao longo do tempo, o próprio cenário esportivo. O que é marcante neste processo foram as marcas de identidades, que apesar de também terem sofrido alterações, foram uma constante em toda a história do futebol.

---

<sup>129</sup> HOBSBAWM, Eric.& RANGER, Terence, *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 313.

## CONCLUSÃO

Percorremos, brasileiros e argentinos, um longo caminho para consagrar o futebol como o esporte nacional. Foram décadas de grande efervescência, de muitas contradições, de muita violência, de muitos confrontos e, sobretudo, de muitas transformações. Os progressos feitos são inegáveis, porém muito deste caminho ainda permanece por ser percorrido.

Com este trabalho, tentamos contribuir para desvelar um pouco mais desta trajetória. Obviamente que algumas lacunas ainda ficaram para serem respondidas. Lacunas estas causadas, principalmente, por nossas dificuldades com o objeto que escolhemos. O material específico sobre as camadas populares na passagem do século XIX para o XX é escasso e disperso. Porém, vale ressaltar que este material que tivemos acesso foi extremamente valioso para a construção de uma história menos saudosista e mais completa.

É possível e necessário reverter a excessiva valorização das elites no período inicial do futebol nos dois países. Visando uma contribuição neste aspecto, tivemos como foco central as camadas populares. Seríamos tolos, se não reconhecêssemos o papel das elites dentro deste processo, mas não quisemos consagrá-lo como único.

Neste sentido, tentamos destacar um cenário social complexo, dinâmico e, principalmente, articulado em que se deu o desenvolvimento do futebol, como fonte e, ao mesmo tempo, como conseqüência da modernidade que se instalava nas duas cidades. Abordar as tensões entre as camadas populares e as elites é ponto fundamental para uma melhor compreensão deste processo.

Notadamente, foi neste contexto que as cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires receberam o esporte bretão. Ambas se modernizando e criando, cada qual com suas particularidades, um ambiente completamente novo para os seus cidadãos. A partir deste novo ambiente, tentamos demonstrar como a violência, o racismo, e todas as transformações que emergiram durante o período estudado dialogavam com o futebol.

Ao fim, podemos concluir que a história do futebol brasileiro e argentino não pertence a nenhum grupo social exclusivo. A história deste esporte é hoje nada a mais que o resultado de um processo intenso estabelecido entre grupos sociais.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- 2- ALABARCES, Pablo & RODRIGUEZ, Maria Graciela. *Cuestión de pelotas – fútbol, deporte, Sociedad, cultura*: Buenos Aires, Editora Atuel, 1996.
- 3- ALABARCES, Pablo. *Fútbol Y pátria: El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- 4- ALABARCES, Pablo & RODRIGUEZ, Maria Graciela. *Fútbol y Pátria: la crisis de la representación de lo nacional en el fútbol argentino*. Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes, 1998.
- 5- ARCHETTI, Eduardo. *estilo y virtudes masculinas en el gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino*. Buenos Aires: Sudamericana, 1994.
- 6- ----- . *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: CFE editora, 2001.
- 7- ASSAF, Roberto. *Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001.
- 8- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- 9- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- 10- CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo: IMBRASA, 1990.
- 11- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

- 12- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os métodos da História*. 3 edição. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.
- 13- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- 14- CERUTTI, Carlos H. *Conversando sobre futebol*. Buenos Aires: Rundi Nuskin editor, 1992.
- 15- CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. *O Cinema e a Invenção da vida Moderna*. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.
- 16- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- 17- CORREA, Floriano P. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1933.
- 18- COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à República. Momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- 19- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook, 2003.
- 20- EAGLETON, Terry. *Ideologia: Uma Introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista - Editora Boitempo, 1997.
- 21- ELIAS, Norbert & Dunning, Eric. *Deporte y ocio em le proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- 22- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

- 23- FABBRI, Alejandro. *El Nascimento de una Pasion – Historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires, Capital Intelectual ediciones, 2006.
- 24- FAUSTO, Boris. *Brasil E Argentina: um Ensaio de História Comparada*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- 25- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- 26- FRIDMAN, Luis Carlos. *Política e Cultura. Século XXI*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Ed, 2002.
- 27- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- 28- GAY, Peter, *O Cultivo do Ódio*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.
- 29- GIL, Gastón Julián. *Fútbol e identidades locais*. Buenos Aires: Miño y dávila editores, 1998.
- 30- GOMES, Flávio dos Santos e CUNHA, Olívia Maria. *Quase-cidadãos: História e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- 31- GOMES, Flávio dos Santos. *Negro e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- 32- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- 33- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora , 2004.

- 34- HAUPT, Heinz-Gerhard. *O lento surgimento de uma história comparada*. In: Passados recompostos; campos e canteiros da história. Org Jean Boutier e Dominique Julia. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1998.
- 35- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do país do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- 36- HOBBSAWM, Eric.& RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- 37- IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*. Buenos Aires: CIHF, 1992.
- 38- IWANCZUK, Jorge. *Historia del Futbol Amateur en La Argentina*. Buenos Aires: CIHF, 1992.
- 39- KAELBLE, Hartmut. *Die Debatte über Vergleich und Transfer und Was Jetzt*, trad. Álvaro Alfredo Bragança Júnior, 2005.
- 40- KOCKA, Jürgen. *Comparison and beyond. History and Theory*, Tradução Maria Elisa da Cunha Bustamante. Feb. 2003.
- 41- KULA, Witold. *Problemas y métodos de la historia econômica*, tradução direta do polonês por Melitón Bustamante, Barcelona: Ediciones Península, 1973.
- 42- MATOS, Hebe Maria. *Das Cores do silencio. Os significados da liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- 43- MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.-FAPERJ, 2001.

- 44- ----- . *Lazer e camadas Populares: Reflexões a Partir da Obras de Edward Palmer Thompson, 2006.*
- 45- MERCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol 1906-1994.* Rio de Janeiro: Ed. FERJ, 1995.
- 46- MURAD, Mauricio. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- 47- NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- 48- PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania. Uma História social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- 49- ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e futebol.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- 50- SAN LORENZO EL LIBRO. *Revista El Gráfico.* Buenos Aires: Editora Atlantida, 1996.
- 51- SCHWARCZ, LÍlian Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.* São Paulo: Companhia da Letras, 1993.
- 52- SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol.* Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1998.
- 53- SILVA, Francisco Carlos Texeira & SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional.* Rio de Janeiro: Mauad Editora - FAPERJ, 2006.

- 54- SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1996
- 55- THELM, N;BUSTAMANTE, R.M. da C. Editorial: *História Comparada: Olhares Plurais*. Rio de Janeiro: PHOINIX, 2004.
- 56- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- 57- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- 58- WIEVIORKA, Michel. *Racismo e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1995.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)